

METODOLOGIA DO ENSINO DE VOLEIBOL

Prof. Eduardo Cartier Larangeira





UNIASSELVI

Copyright © UNIASSELVI 2017

Elaboração:

Prof. Eduardo Cartier Laranjeira

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

613.7

L318m

Laranjeira; Eduardo Cartier

Metodologia do ensino de voleibol / Eduardo
Cartier Laranjeira: UNIASSELVI, 2017.

139 p. : il.

ISBN 978-85-515-0059-0

1.Educação Física.

I. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

APRESENTAÇÃO

Prezado acadêmico! Bem-vindo à disciplina de Metodologia de Ensino de Voleibol. Esse é o nosso livro de estudos, material elaborado com o objetivo de contribuir para a realização de seus estudos e para a ampliação de seus conhecimentos sobre a aplicação do voleibol como um esporte coletivo praticado em nível escolar, proporcionando reflexões sobre outras perspectivas no espaço educacional em geral, pois pode ser visto como um esporte de rendimento ou como uma prática educativa.

Ao longo da leitura deste livro, você irá adquirir conhecimento sobre os valores fundamentais que permitem ao professor de Educação Física desenvolver atividades para o desenvolvimento do voleibol na escola, levando a um entendimento da criança no movimento do seu corpo para que possa usá-lo com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade, bem como compreender a estrutura e o funcionamento corporal e a investigação do movimento humano, nas diversas técnicas e modalidades do voleibol.

Este livro de estudos trará suporte para que você, futuro professor de Educação Física, vivencie, através da prática do voleibol, um meio de aprendizagem necessária para o desenvolvimento profissional, proporcionando consciência da sua manifestação pessoal e cultural, respeito, autoestima, valor integral, soberania, igualdade, subjetividade, empatia, de maneira mais ampla e com condições de ofertar à sociedade um trabalho educativo com qualidade.

Desejo a você um bom trabalho e que aproveite ao máximo o estudo dos temas abordados nesta disciplina.

Bons estudos e sucesso!

Prof. Eduardo Cartier Lorangeira



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades. ✓✓



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE. ✓✓



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O MEC – Ministério da Educação. ✓✓

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas. ✓✓



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE! ✓✓



SUMÁRIO

UNIDADE 1 - CONHECENDO O VOLEIBOL	1
TÓPICO 1 - A HISTÓRIA DO VOLEIBOL	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 NASCIMENTO DO VOLEIBOL	3
3 IDEALIZADOR E PRIMEIRAS PARTIDAS DE VOLEIBOL	5
LEITURA COMPLEMENTAR	7
RESUMO DO TÓPICO 1	9
AUTOATIVIDADE	10
TÓPICO 2 - O VOLEIBOL NO BRASIL	13
1 INTRODUÇÃO	13
2 SURGIMENTO DO VOLEIBOL NO BRASIL	13
3 CONSOLIDAÇÃO DO VOLEIBOL NO BRASIL	14
RESUMO DO TÓPICO 2	17
AUTOATIVIDADE	18
TÓPICO 3 - O VOLEIBOL NOS DIAS ATUAIS	21
1 INTRODUÇÃO	21
2 VOLEIBOL NA ATUALIDADE	21
3 ENTENDIMENTO DO PAPEL DO VOLEIBOL ENQUANTO JOGO ESCOLAR OU ESPORTE DE COMPETIÇÃO	22
RESUMO DO TÓPICO 3	25
AUTOATIVIDADE	26
TÓPICO 4 - FUNDAMENTOS TÉCNICOS DA MODALIDADE	29
1 INTRODUÇÃO	29
2 ASPECTOS DE UMA PARTIDA DO VOLEIBOL	29
3 CONHECENDO OS MOVIMENTOS E FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL A PARTIR DE BOJIKIAN	30
LEITURA COMPLEMENTAR	40
RESUMO DO TÓPICO 4	43
AUTOATIVIDADE	44
UNIDADE 2 - TÁTICAS E REGRAS	47
TÓPICO 1 - PRINCIPAIS REGRAS E CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE	49
1 INTRODUÇÃO	49
2 CARACTERÍSTICAS DO JOGO E DA QUADRA	49
2.1 ESTRUTURA DA REDE, ANTENAS E POSTES	52
2.2 CARACTERÍSTICAS DA BOLA	53
2.3 QUANTO AOS PARTICIPANTES E LOCALIZAÇÃO DAS EQUIPES EM QUADRA	54
2.4 DISPOSIÇÃO DOS UNIFORMES	54

3 ASPECTOS RELACIONADOS AO FORMATO DO JOGO	54
3.1 PROCESSO DE ROTAÇÃO	55
3.2 AÇÕES DO JOGO	56
3.2.1 Toque no voleibol	56
LEITURA COMPLEMENTAR	57
RESUMO DO TÓPICO 1	60
AUTOATIVIDADE	62
TÓPICO 2 - SISTEMAS DE JOGO E COMPREENSÃO TÁTICA	65
1 INTRODUÇÃO	65
2 OS ASPECTOS TÁTICOS DE VOLEIBOL	65
2.1 SISTEMAS OFENSIVOS	66
2.1.1 Conhecendo os sistemas ofensivos	66
3 SISTEMAS DE RECEPÇÃO DE SAQUE	71
3.1 SISTEMA DE RECEPÇÃO EM W	72
3.2 SISTEMAS DE RECEPÇÃO EM SEMICÍRCULO	72
3.3 SISTEMA DOIS RECEPTORES	73
4 SISTEMAS DEFENSIVOS	74
LEITURA COMPLEMENTAR	76
RESUMO DO TÓPICO 2	77
AUTOATIVIDADE	79
TÓPICO 3 - CONHECENDO OS PROCEDIMENTOS DE ARBITRAGEM E A SÚMULA DE VOLEIBOL	81
1 INTRODUÇÃO	81
2 ARBITRAGEM NO VOLEIBOL	81
2.1 PRIMEIRO ÁRBITRO	81
2.2 SEGUNDO ÁRBITRO	82
2.3 APONTADOR	82
2.4 O APONTADOR ASSISTENTE	83
2.5 JUÍZES DE LINHA	84
2.6 SINAIS MANUAIS DOS OFICIAIS - ÁRBITROS	84
3 A SÚMULA	85
3.1 INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DA SÚMULA DE VOLEIBOL	85
3.2 SORTEIO INICIAL PARA O SAQUE	86
3.3 REGISTRANDO SANÇÕES DE MÁ CONDUTA	87
3.4 APÓS O JOGO	87
RESUMO DO TÓPICO 3	88
AUTOATIVIDADE	90
UNIDADE 3 - VOLEIBOL NO AMBIENTE ESCOLAR	93
TÓPICO 1 - VOLEIBOL E O ENSINO ESCOLAR	95
1 INTRODUÇÃO	95
2 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA	95
3 O VOLEIBOL NO ENSINO ESCOLAR: UMA CONDIÇÃO MEDIATIZADA	98
4 MINIVOLEIBOL	99
LEITURA COMPLEMENTAR	105
RESUMO DO TÓPICO 1	107
AUTOATIVIDADE	108
TÓPICO 2 - VOLEIBOL ADAPTADO	111
1 INTRODUÇÃO	111

2 O CONCEITO ADAPTADO NA EDUCAÇÃO	111
3 POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DO VOLEIBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA	113
4 EXERCÍCIOS E BRINCADEIRAS POSSÍVEIS DE APLICAÇÃO NO VOLEIBOL ADAPTADO	116
5 INCLUINDO COM O VOLEIBOL	117
LEITURA COMPLEMENTAR	123
RESUMO DO TÓPICO 2	129
AUTOATIVIDADE	130
REFERÊNCIAS	133

CONHECENDO O VOLEIBOL

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir do estudo desta unidade, você deverá ser capaz de:

- conhecer a história do voleibol e suas transformações ao longo do tempo;
- entender a influência que o basquetebol teve para a criação do voleibol;
- conhecer os movimentos básicos da modalidade voleibol;
- compreender os fundamentos técnicos do jogo de voleibol.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. Em cada um deles, você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conhecimentos abordados.

TÓPICO 1 - A HISTÓRIA DO VOLEIBOL

TÓPICO 2 - O VOLEIBOL NO BRASIL

TÓPICO 3 - O VOLEIBOL NOS DIAS ATUAIS

TÓPICO 4 - FUNDAMENTOS TÉCNICOS DA MODALIDADE



A HISTÓRIA DO VOLEIBOL

1 INTRODUÇÃO

"Qualquer pessoa de sucesso sabe que é uma peça importante, mas sabe que não conseguirá nada sozinho"
(Bernardinho)

Neste tópico, vamos estudar a história do voleibol, desde seu nascimento até a fundação da Confederação Sul-Americana de Volley-Ball, contribuindo para o seu conhecimento do surgimento do voleibol como um esporte coletivo de massa.

Este tópico está dividido em dois subtópicos. No primeiro, Nascimento do Voleibol, apresentaremos o seu nascimento como esporte coletivo; e no segundo item será apresentado seu idealizador e primeiras partidas de voleibol.

2 NASCIMENTO DO VOLEIBOL

Em 1895, através da Associação Cristã de Moços (ACM), nasce o voleibol, idealizado por William Morgan na cidade de Holyoke, Massachussets, Estados Unidos da América. Assim como outras modalidades criadas pela ACM, tem por característica um método esportivo com objetivo de ser praticado sobretudo na estação do inverno rigoroso americano. O voleibol iniciou como um jogo com finalidade de recreação entre os seus praticantes em que além da bola não poder tocar o solo tinha que ser rebatida e enviada para o lado adversário da quadra. Willian Morgan, percebendo o basquete como uma modalidade esportiva desgastante e cansativa, procurou desenvolver a modalidade de maneira que jovens e idosos pudessem praticá-la com tranquilidade.

O voleibol era bastante indicado para pessoas mais jovens em decorrência de sua intensidade, todavia, com grande possibilidade de prática por parte de pessoas mais idosas. Teve como base inspiradora a constituição do tênis em seu desenvolvimento e formatos para elaboração de suas características, redes suspensas a aproximadamente 195 cm, bem como a dinâmica de movimentação.



Se você quiser saber mais sobre a história do voleibol, acesse o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=EQfNNUdJer0>>.

Nas palavras de Martins Rosa (1995, p. 12), observamos tais ponderações:

A prática ainda deveria possuir um grande teor motivacional, que respeitasse os limites individuais de seus participantes (esse último item eliminava o basquetebol das alternativas de Morgan). Pensou em adaptar o tênis de campo, porém os implementos (raquetes e bolinhas) e o reduzido número de participantes que poderiam praticá-lo simultaneamente inviabilizaram esta atividade. Mesmo assim, conservou-se dessa ideia a rede, que separa os grupos, evitando os contatos pessoais, mas posta em posição mais alta (a borda superior a 1,98 m de altura), pouco acima da cabeça de um homem alto. Qualquer número de jogadores era permitido no jogo, podendo rebater a bola com as mãos. Primeiramente, tentou-se usar a bola de basquetebol, porém, pelo seu peso e rigidez, mostrou-se imprópria, pela agressão que representava para as mãos e pulsos dos jogadores. Como alternativa, retirou-se a cobertura de couro, utilizando-se apenas a câmara de ar.

Veja abaixo o exemplo de uma bola de voleibol no início de sua prática.

FIGURA 1 - FOTO DA PRIMEIRA BOLA DE VOLEIBOL, QUE FOI UMA CÂMARA DE BOLA DE BASQUETEBOL



FONTE: Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-OVKvRgROn0/T3CKn0UAJ1I/AAAAAAAAA_I/VyGBaWdgeUc/s1600/Imagem1.jpg>. Acesso em: 9 fev. 2017.



Se você quiser saber mais sobre a história do voleibol, acesse o artigo de Marques Junior (2012): <<http://www.efdeportes.com/efd169/historia-do-voleibol-parte-1.htm>>.

3 IDEALIZADOR E PRIMEIRAS PARTIDAS DE VOLEIBOL

O idealizador do voleibol, Willian Morgan, expôs a modalidade em 1896 em uma partida com duas equipes e cinco jogadores, segundo Guimarães (2004). O mesmo autor explica ainda que o objetivo do jogo era manter a bola suspensa e enviá-la por cima da rede para a outra equipe. No princípio, o esporte foi denominado minonette/mintonette, e tinha sua prática restrita à escola onde Willian Morgan era professor/diretor. Mais à frente ele expandiu sua prática por Springfield's e Nova Inglaterra, em que surge a troca do nome por Volleyball, por sugestão do Dr. Halsted (NASCIMENTO, 2007). Martins Rosa (1995) sinaliza ainda que a empresa de fabricação de bolas "Spalding e Brothers" foi a primeira a desenvolver, por intermédio de William Morgan, a bola específica de voleibol.



Uma mistura de basquete e tênis (dois esportes bastante populares entre os norte-americanos), o "novo jogo" começa a ser configurado como um jogo de rebater, utilizando a rede de tênis (a uma altura de 1,98 m do chão) e a câmara da bola de basquete como elemento do jogo, além de dez regras básicas (BIZZOCHI, 2004).

O voleibol é um novo jogo, exatamente apropriado para o ginásio ou quadra coberta, mas que pode, também, ser praticado ao ar livre. Com sua dinâmica de jogo bem desenhada, o voleibol foi vertiginosamente angariando outros espaços. Cresceu de maneira absurda. Para Bojikian (1999), isso se deu tendo em vista sua fácil adaptação a contínuas situações. Há relatos comuns de que o esporte chegou no Canadá em 1900, e posteriormente em países como China e Japão. Veja a seguir o exemplo de uma partida de voleibol no início de seu surgimento.

FIGURA 2 - FOTO DE UMA PARTIDA DE VOLEIBOL NO SEU SURGIMENTO



FONTE: Disponível em: <<https://caisdamemoria.files.wordpress.com/2016/02/untitled-24.jpg?w=620>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

Na América do Sul o voleibol adentra no Peru em 1910, em uma missão conjunta entre governo estadunidense e peruano que tinha como propósito organizar e fazer parte da aprendizagem primária no país. Nesta missão estavam presentes Joseph Lochey e José Macknight, com a perspectiva de transformar os programas de Educação Física para crianças e adolescentes. Como os demais esportes, o voleibol foi ultrapassando fronteiras até chegar em Montevidéu/Uruguai em 1912, obviamente sempre por intermédio da ACM (GUIMARÃES, 2004).

Segundo a Federação Paulista de Voleibol (2014), a Federação Internacional de Volleyball foi fundada em 20 de abril de 1947, em Paris, França. E o primeiro presidente foi o Sr. Paul Libaud, tendo estabelecido o primeiro campeonato Sul-Americano de Voleibol, masculino e feminino, patrocinado pela Confederação Brasileira de Desportos, entidade que controlava esse esporte. Tal evento foi realizado no Ginásio do Fluminense Futebol Clube, no Estado do Rio de Janeiro, no período de 12 a 22 de setembro de 1951, sendo campeão o Brasil, no masculino e no feminino.

William Morgam faleceu em 27 de dezembro de 1942, aos 72 anos de idade. A Confederação Sul-Americana de Volleyball foi fundada em 12 de fevereiro de 1946, no Brasil, e teve seu primeiro presidente o Dr. Célio Negreiros de Barros.



Na próxima unidade você acompanhará a trajetória da história do voleibol, especialmente no Brasil, construída de uma maneira clara para uma leitura tranquila.

LEITURA COMPLEMENTAR

DE MORGAN AO VOLEIBOL MODERNO: O SUCESSO DO BRASIL E A RELEVÂNCIA DO LEVANTADOR

Leia parte do artigo de autoria de Matias e Greco (2011), em que os autores fazem uma revisão da literatura, abordando os aspectos históricos desde William Morgan ao voleibol moderno, retratando alguns aspectos táticos, como o nascer do voleibol, a jornada de sucesso do voleibol brasileiro, as modificações nas regras desde a criação da modalidade, os sinais relevantes para a tomada de decisão nos respectivos fundamentos de jogo e o levantador como o núcleo do sistema ofensivo.

Principais ideias do artigo:

- Os primeiros saques do voleibol foram dados pelo professor William Morgan.
- Por causa do contato físico na prática do basquetebol, as pessoas (“homens de negócio”) o achavam um tanto violento, então William Morgan criou um novo jogo, assim nasceu o voleibol.
- Da criação do voleibol, em 1895, até os dias atuais, a modalidade passou por diversas modificações em consequência, sobretudo, da padronização das regras a partir da fundação da Federação Internacional de Voleibol (FIVB).
- Essas modificações alteram a estrutura do esporte, com o objetivo de se ter um jogo com maior equilíbrio entre defesa e ataque, e mais moderno, para ser veiculado nos meios de telecomunicações.

Veja na figura a seguir a mudança na quadra, altura da rede e número de jogadores.

Quadro I

Mudanças das regras ao longo da história do voleibol

	ANO	
QUADRA	1895	• 15 metros (m) x 7,5m de comprimento e largura;
	1912	• 18,3m x 10,7m;
	1921	• criação da linha central;
	1923	• 18,3m x 9,1m; exceção: Japão - 21m x 11m;
	1947	• 18m x 9m;

	ANO	
REDE	1895	• 1,98m de altura;
	1900	• 2,13m de altura;
	1912	• 2,28m de altura;
	1917	• 2,43m de altura;
	1937	União Soviética: • 2,45m para homens de altura; • 2,25m para mulheres de altura;
	1955	• 2,43m para homens de altura; • 2,24m para mulheres de altura;
	1968	• o uso de duas antenas na rede para delimitação do espaço aéreo, um espaço de 9,40m entre elas;
	1976	• a distância entre as antenas passou a ser de 9m;
NÚMERO DE JOGADORES	1895	• cinco contra cinco ou • os dois times combinavam previamente o número de jogadores;
	1918	• seis contra seis; • exceção a Ásia, que iniciou com 16 contra 16, depois 12 contra 12 e em 1927 nove contra nove;
	1959	• quatro substituições por set;
	1963	• seis substituições por set;
	1998	• criação da posição de libero;
	2009	• para as partidas de competições mundiais e oficiais adultas da FIVB, uma equipe pode conter um máximo de quatorze jogadores (um máximo de doze jogadores regulares e dois jogadores liberos). Trocas envolvendo o libero não são contadas como regulares (elas são ilimitadas).

FONTE: MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 10, n. 2, p. 49-63, 2012. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/2262>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

História do voleibol

Objetivo: Realizar a criação de uma pirâmide com imagens, fotografias do voleibol, que mostre a trajetória da mudança de algum fundamento desse esporte.

Tempo de duração: de 45 a 60 minutos.

Material a ser utilizado: fotografias, imagens da história do voleibol. Separado em grupos, cada grupo cria o seu.

Etapas: Em uma cartolina, desenhar a pirâmide histórica de um fundamento de voleibol.

- 1 - Colar as imagens e figuras de acordo com o fato histórico, iniciando com os mais antigos, até o topo da pirâmide ser mais atual.
- 2 - Pode ser apresentada em quantos níveis, por período histórico.
- 3 - Depois pode-se dividir e cada grupo apresenta um nível da pirâmide.
- 4 - Estes cartazes podem ser colados em diferentes locais no polo.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- Em 1895, através da Associação Cristã de Moços (ACM), nasce o voleibol.
- Idealizado por William Morgan na cidade de Holyoke, Massachussets, Estados Unidos da América.
- Willian Morgan, percebendo o basquete como uma modalidade esportiva desgastante e cansativa, procurou desenvolver a modalidade de maneira que jovens e idosos pudessem praticá-la com tranquilidade.
- Seu idealizador, Willian Morgan, expôs a modalidade em 1896 em uma partida com duas equipes de cinco jogadores.
- No princípio o esporte foi denominado minonette/mintonette e tinha sua prática restrita à escola em que Willian Morgan era professor/diretor; mais à frente ele expandiu sua prática por Springfield's e Nova Inglaterra, ocasião em que surge a troca do nome por volleyball.
- Na América do Sul o voleibol adentra no Peru em 1910 com a perspectiva de transformar os programas de Educação Física para crianças e adolescentes.
- Ultrapassando fronteiras até chegar em Montevideú/Uruguai em 1912.
- A Confederação Sul-Americana de Volleyball foi fundada em 12 de fevereiro de 1946, no Brasil, e teve como seu primeiro presidente o Dr. Célio Negreiros de Barros.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação ao nascimento do voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () O voleibol nasceu em 1985 através da Associação Cristã de Moços (ACM).
- () Idealizado por William Morgan na cidade de Holyoke, Massachussets, Estados Unidos da América.
- () Como uma prática esportiva, o objetivo era ser praticado, sobretudo, na estação do verão rigoroso americano.
- () O voleibol surge com uma finalidade recreativa, em que, além de não deixar a bola cair ao chão, esta tinha que ser enviada ao outro lado da rede.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

2 Sobre as características históricas do voleibol, assinale a alternativa verdadeira:



- a) () Willian Morgan, percebendo o basquete como uma modalidade esportiva desgastante e cansativa, procurou desenvolver a modalidade de maneira que jovens e idosos pudessem praticá-la com tranquilidade.
- b) () O voleibol era bastante indicado para pessoas mais idosas, em decorrência de sua baixa intensidade.
- c) () Teve como base inspiradora a constituição do badminton em seu desenvolvimento e formatos para elaboração de suas características.
- d) () As redes suspensas a aproximadamente 185 cm, bem como a dinâmica de movimentação.

3 Em relação ao desenvolvimento do voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () Willian Morgan expôs a modalidade em 1896 em uma partida com duas equipes de cinco jogadores.
- () O objetivo do jogo era manter a bola caída e enviá-la por cima da rede para a outra equipe.
- () A primeira empresa a desenvolver a fabricação de bolas de voleibol foi a Sherwin Williams.
- () O voleibol inicialmente foi denominado minonette/mintonette, e tinha sua prática restrita à escola em que Willian Morgan era professor/diretor.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

4 Sobre o nascimento do voleibol na América do Sul, analise as seguintes sentenças:

Ele surgiu inicialmente no Peru em 1910 por meio de uma missão conjunta entre governo estadunidense e peruano com o propósito de organizar e fazer parte da aprendizagem primária no país.

Porque

Tinham a perspectiva de transformar os programas de Educação Física para crianças e adolescentes.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não têm relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.



O VOLEIBOL NO BRASIL

1 INTRODUÇÃO

“A paixão é um pré-requisito para quem quer vencer.
É ela que faz você trabalhar, atravessando
os altos e baixos até a realização dos seus sonhos”.
(Kerri Walsh)

Neste tópico, vamos estudar a história do voleibol no Brasil, desde seu nascimento até as transformações, contribuindo para o seu fortalecimento como um esporte coletivo de massa.

Este tópico que iniciaremos será dividido em dois subtópicos. No primeiro, Surgimento do voleibol no Brasil, apresentaremos o seu nascimento como esporte coletivo no Brasil e esporte popular, e no segundo será apresentada a Consolidação do voleibol no Brasil.

2 SURGIMENTO DO VOLEIBOL NO BRASIL

O voleibol, segundo Mezzaroba e Pires (2011), tem sido considerado uma modalidade esportiva de grande repercussão e aceitação por parte da população brasileira. Considerado o segundo esporte nacional, tem em sua prática um processo de formação escolar bastante evidenciado e difundido em seu contexto de iniciação esportiva e em nível de competição.

Para Marchi Junior (2001), o voleibol e sua história no Brasil apresentam episódios de rompimentos e transformações, com o claro objetivo de desenvolvimento de um esporte praticável no contexto brasileiro, tendo suas práticas desenvolvidas, sobretudo, em clubes de grande poder aquisitivo, principalmente ligado aos clubes de futebol, tais como Santos Futebol Clube, Botafogo de Futebol e Regatas, entre outros.



Se você quiser saber mais sobre a história do voleibol, acesse o artigo de Mezzaroba e Pires (2012), que trata de um “Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva”.
<<https://refisica.uea.emnuvens.com.br/refisica/article/view/16>>.

Para a FPV (2014), ele foi praticado pela primeira vez em 1915, no Colégio Marista de Pernambuco, mas foi introduzido por volta de 1916/1917, pela ACM de São Paulo. No entanto, há um documento de um colégio de Pernambuco que data de 1911 com regras de um campeonato de voleibol. Em setembro de 1962, no congresso de Sofia, o voleibol foi admitido como esporte olímpico e a sua primeira disputa, por ocasião das Olimpíadas de Tóquio/Japão, em outubro de 1964, com a presença de dez países no setor masculino. O primeiro campeão olímpico de voleibol masculino foi a equipe da Rússia/URSS, vice-campeã a Tchecoslováquia, em 3º lugar ficou o Japão. O Brasil ficou em 7º lugar. O feminino contou com seis países, com a seleção do Japão tornando-se campeã, vice a Rússia, em 3º a Polônia. O Brasil não participou desta competição.

Para Guimarães (2004), no Brasil o voleibol foi introduzido por volta dos anos de 1916/1917, pela Associação Cristã de Moços de São Paulo.

FIGURA 3 – MOVIMENTOS DO VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/cEIO21>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

3 CONSOLIDAÇÃO DO VOLEIBOL NO BRASIL

A Confederação Brasileira de Voleibol foi criada em 9 de agosto de 1954 e teve como seu primeiro presidente Denis Hathaway. Inicialmente, o voleibol era ligado à Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Hathaway, convicto de todo potencial da modalidade, elaborou todo o trabalho e articulou com os presidentes das federações estaduais, e com isso os resultados evidenciam aquela que 45 anos

depois receberia em 1999, da Federação Internacional de Voleibol, o título de a "Mais bem-sucedida Federação do mundo", pelo triênio 97/98/99. Ainda segundo a CBV (2016), nasce uma modalidade recheada de história e títulos, tornando-se uma referência de organização de sucesso em quadra e fora dela. O voleibol brasileiro acumula quatro títulos olímpicos nas quadras. Em 1992 e 2004, com a seleção masculina nos Jogos de Barcelona e Atenas, respectivamente, e em 2008 e 2012, com a seleção feminina em Pequim e Londres. Nas areias, duas medalhas de ouro foram conquistadas. No feminino, em Atlanta/1996, com Jacqueline/Sandra, e, no masculino, em Atenas/2004, com Ricardo/Emanuel.

Além desses títulos, são mais nove medalhas no voleibol de praia, seis de prata e três de bronze. Na quadra, já foram conquistadas outras cinco medalhas – três de prata e duas de bronze. Até alcançar este patamar, muitos jogos se passaram. E quem deu o saque inicial rumo ao sucesso foi o ex-jogador Denis Rupert Hathaway, o primeiro presidente da CBV, no período de 14/03/55 a 15/02/57. Antes desse prêmio, no entanto, seis presidentes levantaram todas as bolas à frente do cargo: Abrahão Antônio Jaber (15/02/57 a 13/02/59), Paulo Monteiro Mendes (13/02/59 a 09/02/61), Roberto Moreira Calçada (09/02/61 a 18/01/75), Carlos Arthur Nuzman (18/01/75 a 07/01/97) e Walter Pitombo Laranjeiras (presidente em exercício, desde que Nuzman assumiu a presidência do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), entre 01/07/95 a 07/01/97, e Ary Graça Filho, em 07/01/97 até 12/03/2014. Foi na metade da década de 70 que o então presidente Carlos Arthur Nuzman uniu organização e *marketing* esportivo na CBV. Uma dobradinha que deu certo. O vôlei se popularizou e Nuzman manteve-se no cargo até assumir a presidência do COB. Outra grande virada no jogo veio após a posse de Ary Graça Filho, em 07/01/97. Com seu pioneirismo e sua busca incansável pela perfeição, trouxe à CBV a era empresarial e inúmeros títulos. Além de manter o voleibol como segundo esporte na preferência nacional, o profissionalismo já adquirido na gestão anterior só fez evoluir. Ary adotou um novo modelo de gestão para a CBV, administrando-a de fato como empresa. Ao considerar o voleibol um produto, torcedores e o público em geral viraram clientes e as federações estaduais, prefeituras e empresas, parceiras. Assim, a CBV é a responsável pela administração do negócio (CBV, 2016, s.p.).

Esta consolidação da modalidade evidencia e se materializa a partir do legado físico (estrutura) e títulos conquistados, bem como a posição e projeção internacional que a mesma conquistou. Modelo de referência para o mundo esportivo. Para a CBV (2016, s.p.):

Um dos marcos mais importantes para o esporte brasileiro é a consolidação do CDV - Centro de Desenvolvimento de Voleibol - localizado em Saquarema, litoral norte do Rio de Janeiro. A primeira seleção a pisar nas quadras do complexo de Saquarema para treinamento foi a masculina adulta, no mesmo dia de sua inauguração: 25 de agosto de 2003. De lá para cá, todas as seleções de base e a feminina adulta já puderam desfrutar do complexo esportivo de 108 mil metros quadrados, com toda infraestrutura necessária para o treinamento do voleibol. Com instalações e equipamentos de última geração sob medida para o biótipo dos atletas, o Centro de Desenvolvimento de Voleibol cumpre seus

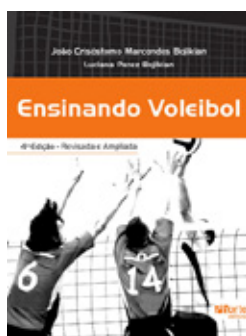
principais objetivos: integra o treinamento de todas as seleções brasileiras num mesmo local, facilita o intercâmbio entre as comissões técnicas e dá condições para o desenvolvimento máximo de todos os atletas e projetos. Em março de 2014, depois de exercer a presidência interinamente desde a assunção de Ary Graça Filho à Federação Internacional de Voleibol - FIVB, assume Walter Pitombo Laranjeiras, com o desafio de resgatar ao voleibol o prestígio gerencial e de títulos que o voleibol brasileiro se acostumou nas últimas duas décadas.



Para saber mais sobre a história do voleibol, acesse o vídeo da reportagem de Sandro Favarato sobre o livro da CBV. A CBV (Confederação Brasileira de Vôlei) lançou um livro contando a trajetória vencedora das seleções.
<https://www.youtube.com/watch?v=TANbgz23_dY>.



Nesta esteira, o voleibol segue crescendo com cada vez mais praticantes da modalidade. Tal fato tende a se consolidar cada vez mais no cenário esportivo. Caro acadêmico, para melhor se aprofundar nos estudos sobre voleibol, sugerimos a leitura do livro **Ensinando Voleibol**, de João Crisóstomo Marcondes Bojikan e Luciana Perez Bojikan.



Na próxima unidade você acompanhará a trajetória do voleibol até os dias atuais. Construída de uma maneira clara para uma leitura tranquila.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- O voleibol é uma modalidade esportiva com grande aceitação por parte da população brasileira.
- Considerado o segundo esporte nacional, tem em sua prática um processo de formação escolar bastante evidenciado e difundido em seu contexto de iniciação esportiva e em nível de competição.
- Praticado pela primeira vez em 1915, no Colégio Marista de Pernambuco, mas foi introduzido por volta de 1916/1917, pela ACM de São Paulo.
- Em setembro de 1962, no congresso de Sofia, o voleibol foi admitido como esporte olímpico, e a sua primeira disputa foi por ocasião das Olimpíadas de Tóquio/Japão, em outubro de 1964, em que o Brasil ficou em 7º lugar.
- A primeira campeã olímpica de voleibol masculino foi a equipe da Rússia/URSS, vice-campeã a Tchecoslováquia, e em 3º lugar ficou o Japão.
- O voleibol se consolidou a partir do legado físico (estrutura) e títulos conquistados, bem como a posição e projeção internacional que a modalidade obteve.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação ao desenvolvimento do voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () O voleibol é considerado uma modalidade esportiva de grande repercussão e aceitação por parte da população brasileira.
- () Considerado o quinto esporte nacional, tem em sua prática um processo de formação escolar.
- () Tendo suas práticas desenvolvidas, sobretudo, em clubes de basquetebol de grande poder aquisitivo.
- () O voleibol foi praticado pela primeira vez em 1958, no Colégio Marista de São Luiz do Maranhão.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

2 Sobre o surgimento do voleibol no Brasil e as primeiras Olimpíadas, assinale a alternativa verdadeira:

- a) () Documento de um colégio de São Paulo que data de 1941, com regras de um campeonato de voleibol.
- b) () Em novembro de 1962, o voleibol foi admitido como esporte olímpico, e a sua primeira disputa foi por ocasião das Olimpíadas de Tóquio/Japão, em outubro de 1984, com a presença de dez países no setor masculino e cinco no feminino.
- c) () O feminino contou com oito países, com a seleção do Japão tornando-se campeã, vice a Rússia, em 3º a Polônia, e o Brasil ficou em 10º lugar nessa competição.
- d) () O primeiro campeão olímpico de voleibol masculino foi a Rússia/URSS, vice-campeã a Tchecoslováquia, em 3º lugar ficou o Japão. O Brasil ficou em 7º lugar.

3 Sobre o nascimento do voleibol na América do Sul, analise as seguintes sentenças:

No Brasil, o voleibol foi introduzido por volta dos anos de 1916/1917, pela Associação Cristã de Moços de São Paulo.

E

A Confederação Brasileira de Voleibol foi criada em 9 de agosto de 1954 e teve como seu primeiro presidente Denis Hatthaway. Inicialmente, o voleibol era ligado à Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas afirmações são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não têm relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.

4 Em relação ao desenvolvimento do voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () A Confederação Brasileira de Voleibol foi criada em 19 de setembro de 1921 e teve como seu primeiro presidente Denis Hathaway.
- () O voleibol é uma modalidade recheada de história e títulos, tornando-se uma referência de organização de sucesso em quadra e fora dela.
- () O voleibol passou a ser uma modalidade olímpica a partir dos Jogos Olímpicos realizados em 2016 no Brasil.
- () Inicialmente, o voleibol era ligado à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e Hathaway elaborou todo o trabalho e articulou com os presidentes das federações estaduais e depois receberia, em 1999, da Federação Internacional de Voleibol, o título de a "Mais bem-sucedida Federação do mundo", pelo triênio 97/98/99.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V.



O VOLEIBOL NOS DIAS ATUAIS

1 INTRODUÇÃO

“As vaidades e os melindres de uma equipe devem ser substituídos por um enorme senso de solidariedade”.
(Bernardinho)

Neste tópico, vamos estudar como está o voleibol nos dias atuais. A história do voleibol no Brasil desde seu nascimento até as transformações, contribuindo para o seu fortalecimento como um esporte coletivo de massa.

Este tópico que iniciaremos será dividido em dois subtópicos. No primeiro, Voleibol na atualidade, apresentaremos a sua organização como esporte coletivo e de âmbito escolar; no segundo será apresentado o Entendimento do papel do Voleibol enquanto jogo escolar ou esporte de competição.

2 VOLEIBOL NA ATUALIDADE

O voleibol na atualidade, segundo o Atlas do Esporte (2005), possui cerca de 15,3 milhões de praticantes no mundo, caracterizando-se assim como o segundo maior esporte praticado no planeta (CBV, 2016). De grande repercussão e de inúmeras participações populares, cresceu sobretudo nos últimos tempos devido ao seu modelo de gestão, organização e planejamento, bem como pelas conquistas de suas seleções de bases e principais. O que seguramente possibilita, no interior das escolas, uma Educação Física voltada ao esporte escolar, tendo no voleibol, portanto, um caminho de capilarização da modalidade em escala fenomenal.

Suvorov e Grishin (1990), em um contexto soviético, sugerem que o principal propósito à massificação do esporte se dá com o intuito de ter o maior número possível de jovens praticantes para a formação e renovação de suas equipes. O que de certa maneira identifica o caráter seletivo da modalidade em seu processo de expansão esportiva. Tais condições também se manifestam em outras escolas esportivas, inclusive no Brasil. Alves, Ortigão e Franco (2007) atestam esta relação de massificação de maneira análoga ao identificar os benefícios da prática de voleibol como determinantes, inclusive, de rendimentos escolares.



Se você quiser saber mais sobre a história do voleibol, acesse o artigo de Barroso e Darido (2010), que trata do "Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo".
<<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n2/v24n2a03>>.

3 ENTENDIMENTO DO PAPEL DO VOLEIBOL ENQUANTO JOGO ESCOLAR OU ESPORTE DE COMPETIÇÃO

No âmbito da concepção do jogo e sua relação com a Educação Física, sobretudo escolar, a modalidade em questão traz contribuições no sentido da ampliação do repertório motor, bem como na escolha de ações motoras desejáveis na execução do jogo. A partir disso, o voleibol assume um caráter que abrange o esporte em todos os segmentos possíveis de prática. Seja no ambiente competitivo ou pedagógico, a perspectiva coletiva assegura e atesta os fatores de sua massificação na atualidade.

Para compreender o que significa o esporte para o ambiente escolar devem ser considerados alguns fatores que, como a criatividade na forma de apresentar o esporte aos alunos; as possíveis imprevisibilidades que ocorrem quanto aos aspectos do espaço físico e materiais; e sobretudo, a complexidade atrelada ao processo de ensino-aprendizagem que contempla o esporte como um dos caminhos para o desenvolvimento integral dos educandos. Neste aspecto, adere uma complexidade por envolver não apenas o corpo, mas todo o processo de educação. A imprevisibilidade ocorre pela constante permissão de diferentes e novos desafios; já a criatividade existe se o esporte for entendido como a criação de novos gestos e não a repetição de movimentos.

Nas palavras de Nascimento (2007, p. 22), tais evidências podem ser contextualizadas em circunstâncias que permitem entender a natureza do voleibol, assim:

O voleibol é um esporte que desde sua origem tem sido praticado por crianças e adolescentes dos mais diferentes povos e nações. Sua evolução é constante, ficando cada vez mais evidente seu caráter competitivo; regido por regras e regulamento, possui grande importância social, também é uma ocupação escolhida livremente; antes de tudo, é agradável praticá-lo. O voleibol pode desempenhar um papel importante porque pode promover intervenções quanto à cooperação, convivência, participação, inclusão, entre outros. Considerando que o voleibol é uma prática sistematizada de um treinamento na escola, é uma atitude que inclui achar prazer no que faz. Através desta pesquisa, pode-se perceber a opinião dos alunos/atletas de voleibol das escolas Haroldo da Costa e Maria Lúcia, para saber quais foram as mudanças de comportamento após a prática do voleibol.

O voleibol, como uma modalidade esportiva devidamente inserida no contexto escolar, permite a elaboração de um contexto de práticas pedagógicas bem favorável e intrínseco ao que a modalidade se tornou na atualidade. Uma completa relação positiva que permeia a organização social em sua coletividade. Para Bizzochi (2004), a popularização do voleibol, seja em qualquer viés, aproximou uma perspectiva diferente sobre suas práticas, sobretudo nos anos 90. Os segmentos sociais mais baixos economicamente usufruíram da possibilidade de adentrar em um esporte notadamente construído em patamares sociais mais elevados. Com isso, um fenômeno de popularidade se estabelece.

Sendo um esporte estruturado em todos os aspectos, e sobretudo territorialmente em decorrência de ações midiáticas desenvolvidas por federações e confederações, tem-se observado uma grande conexão entre o esporte de competição e de cooperação.

Com a lógica do espetáculo esportivo, o voleibol passou a ser uma mercadoria: não basta apenas jogá-lo. Precisamos usar/consumir os produtos divulgados pelos jogadores, vestir seus tênis e produtos e, é claro, acompanhar os campeonatos pela tevê, pelo jornal, pela internet, afinal sua popularização se dá pelo seu consumo. De certa forma, uma realidade de basicamente todos os esportes no mundo. Há muito tempo vem se discutindo tais ponderações no âmbito esportivo. Afinal, o esporte, e por consequência o voleibol, representam um contexto de ações individuais e coletivas que trazem em si aspectos simbólicos e culturais ao longo da história.

FIGURA 4 - JOGO DE VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/89p5bi>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

Kunz (2004) aumenta a complexidade de análise ao sinalizar a necessidade de compreender o esporte nos seus diversos sentidos e significados, afinal, o sujeito pode agir com liberdade e autonomia, e além da capacidade objetiva de saber efetivamente praticar esporte, ainda traz em seu bojo a capacidade da interação social e comunicativa. A trajetória do voleibol se deu, evidentemente, a partir de um contexto "de elites", no qual buscava-se uma forma de se exercitar nos tempos livres, sendo assim, com intencionalidades bastante evidentes e inseridos num contexto social e político (MATTHLESEN, 1994).

Todo esse processo de criação e, por sua vez, sua capilarização, levaram o voleibol a níveis estratosféricos de praticantes, o que evidencia o caráter universal que o esporte conquistou, sobretudo a partir da década de 70. Anfilo (2003) evidencia que todas as configurações e transformações pelas quais o voleibol passou são, em sua máxima, devido ao processo de adaptações e adequações do esporte, sobretudo em relação às transmissões da televisão, em que aproxima ambas e fortalece o processo de espetacularização e massificação do voleibol. Considerações comprováveis ao perceber as modificações no sistema de pontuação, *set* decisivo, entre outras adequações necessárias para a televisão e outras mídias.

Para Betti (1997), o processo de expansão comercial é especializado pela intensificação da mídia esportiva. Além de produtos materiais, o tele-espetáculo transformou o próprio esporte em produto. E assim, a televisão, além de proporcionar, estimula o consumo de produtos esportivos e equipamentos, se apropriando do esporte como conteúdo, e a partir disso, coadunando diversos produtos por meio do anúncio publicitário, tornou o próprio tele-espetáculo esportivo um produto de consumo comparável às telenovelas e programas de auditório. Em se tratando de voleibol, é claro que o esporte ainda não possibilita as mesmas reações como acontece no futebol, todavia, suas conquistas e espaços na mídia, sobretudo na década de 2000, salientam e reforçam a magnitude que o esporte adquiriu.

Considerações dessa natureza localizam o sucesso do voleibol a partir do sucesso da indústria, ou da indústria cultural que se consolida a partir de processos adaptativos que condicionam ao consumo, portanto, a partir de uma lógica intersubjetiva. O voleibol assume tais condições ao se capitalizar virtuosamente a partir de seus feitos e planejamentos.



voleibol.

Na próxima unidade você acompanhará os Fundamentos técnicos da modalidade

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- O voleibol possui cerca de 15,3 milhões de praticantes no mundo, caracterizando-se assim como o segundo maior esporte praticado no planeta.
- No âmbito da concepção do jogo e sua relação com a Educação Física, sobretudo escolar, o voleibol contribui para a ampliação do repertório motor.
- Seja no ambiente competitivo ou pedagógico, a perspectiva coletiva assegura e atesta os fatores de sua massificação na atualidade.
- O voleibol é um esporte que desde sua origem tem sido praticado por crianças e adolescentes dos mais diferentes povos e nações.
- O voleibol pode desempenhar um papel importante, porque pode promover intervenções quanto à cooperação, convivência, participação, inclusão, entre outros.
- Considerando que o voleibol é uma prática sistematizada de um treinamento, na escola é uma atitude que inclui achar prazer no que faz.
- Todo o processo de criação levou o voleibol a níveis estratosféricos de praticantes, o que evidencia o caráter universal que o esporte conquistou, sobretudo a partir da década de 70.
- As transformações pelas quais o voleibol passou são em sua máxima devido ao processo de adaptações e adequações do esporte.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação ao desenvolvimento do voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () Possui cerca de 15,3 milhões de praticantes no mundo, caracterizando-se assim como o segundo maior esporte praticado no planeta.
- () O voleibol não é bem aceito pelas escolas, pois o futebol é o esporte preferido.
- () O voleibol como modalidade escolar contribui para a ampliação do repertório motor, bem como na escolha de ações motoras desejáveis na execução do jogo.
- () O voleibol tem importância enquanto esporte coletivo, pois leva à troca de experiências no aprendizado do educando.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

2 Existem três condições fundamentais para o entendimento do esporte em um ambiente escolar, no voleibol podemos apontar_____.

- a) () imprevisibilidade, criatividade e complexidade.
- b) () previsibilidade, criatividade e facilidade.
- c) () criatividade, repetição e complexidade.
- d) () desafios, criatividade e clareza.

3 O voleibol é um esporte que desde sua origem tem sido praticado por crianças e adolescentes dos mais diferentes povos e nações. Analise as seguintes sentenças:

O voleibol pode desempenhar um papel importante.

Porque

Podemos promover intervenções quanto à cooperação, convivência, participação, inclusão, entre outros.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas afirmações são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não têm relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.



4 Sobre o voleibol da atualidade, assinale a alternativa verdadeira:

- a) () Os segmentos sociais mais altos economicamente usufruíram da possibilidade de adentrar em um esporte.
- b) () A popularidade do voleibol aproximou uma perspectiva semelhante à sua prática, sobretudo nos anos 90.
- c) () O voleibol, como uma modalidade esportiva devidamente inserida no contexto escolar, permite a elaboração de um contexto de práticas pedagógicas bem favorável e intrínseco ao que a modalidade se tornou na atualidade.
- d) () Não é um esporte estruturado, mas abrange grande parte do território em decorrência de ações midiáticas desenvolvidas por federações e confederações.



FUNDAMENTOS TÉCNICOS DA MODALIDADE

1 INTRODUÇÃO

"O mais importante na vida não é o triunfo,
mas a luta para alcançar".
(Pierri de Coubertain)

Neste tópico, vamos estudar os fundamentos que fazem parte da prática do voleibol, desde os fundamentos de defesa até os de ataque.

Este tópico que iniciaremos será dividido em dois subtópicos. No primeiro, Aspectos de uma partida do voleibol, apresentaremos a sua organização e características do jogo; no segundo item serão apresentados os fundamentos, com o título: Conhecendo os movimentos e fundamentos do voleibol a partir de Bojikian.

2 ASPECTOS DE UMA PARTIDA DO VOLEIBOL

Em uma partida de voleibol de alto rendimento, ela se estende de acordo com a qualidade dos jogadores. Isto quer dizer que a qualidade com que esses executam os fundamentos está diretamente associada à regularidade com que mantêm a bola no ar. Para Chiappa (2001), uma partida de voleibol de alto rendimento possui duração de uma hora e 30 minutos a duas horas. Em jogos escolares tal tempo diminui, não em decorrência da qualidade de fundamentos, mas em decorrência de adaptações motoras, fisiológicas, entre outras. Massa (1999) foi um dos que observou tais condições, ao afirmar a necessidade de um planejamento adequado de treinamento, especialmente no que se refere a atletas mais jovens, evidenciando que sempre se faz necessário conhecer quais são as exigências específicas da modalidade em cada fase de desenvolvimento, cada categoria, visto que pode haver variabilidade com relação a essas exigências durante o processo de promoção do jovem talento.

Fatores como esses influenciam diretamente o jogo, em decorrência de suas especificidades. Diversas são as posições que os atletas de voleibol exercem no decorrer de seu processo de aprendizagem, e, por sua vez, nas condições de treinamento. Para Bojikian (2003), a especialização do jogador em determinada

função tática ou posição de jogo não deve ocorrer em idades mais novas. A especialização, para este autor, deve ocorrer após capacidades coordenativas serem muito bem desenvolvidas, em que a criança tenha a possibilidade de vivenciar diversas possibilidades motoras.

Tais vivências destacam a importância clara de um processo de adaptação em decorrência das necessidades orgânicas e motoras que o voleibol exige. Neste aspecto, perceber seus conceitos e habilidades exige entender que os fundamentos são movimentos que, além de fazer parte das características do voleibol, permitem ao jogador, no momento do ataque: que consiste em passar e levantar; uma ação ofensiva; saque, cortada e bloqueio; e numa defensiva; bloqueio e defesa.



Se você quiser saber mais sobre uma partida de voleibol, acesse o vídeo:
<<https://www.youtube.com/watch?v=NlxVnHs68BY>>.

3 CONHECENDO OS MOVIMENTOS E FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL A PARTIR DE BOJIKIAN

Para Ribeiro (2004), os fundamentos são elementos que compõem o jogo quando inseridos em conjunto. Podem ser caracterizados ou classificados em um contexto ofensivo como "princípios ofensivos", ou em um contexto defensivo como "princípios defensivos". Princípios ofensivos: saque, levantamento e ataque; cortada, bloqueio; Princípios defensivos: aqueles que não resultam em ponto direto; bloqueio, recepção e defesa.

Passe: É o movimento comum de recepção da bola. Pode ser feito em qualquer lugar do campo. Uma das principais formas de passe é a manchete. Nela, o jogador une as mãos e aplica uma pequena força quando a bola chega até ele. O objetivo principal desse fundamento é, além de evitar que a bola toque o chão, entrega-la em boas condições para o levantador (BOJIKIAN, 2003).

Levantamento: É normalmente o segundo contato que um time tem com a bola. Após ser recebida com um passe, um jogador a entrega para outro, sendo esse denominado, naquele momento, levantador. Com as pontas dos dedos, ele empurra a bola para cima. O objetivo principal desse fundamento é manter a bola em uma altura suficiente para que o atacante mande-a para o campo adversário com chances de marcar um ponto (BOJIKIAN, 2003).



Se você quiser saber mais sobre o fundamento: levantamento executado na prática do voleibol, acesse o vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=88MjzArUxM>

Toque: Caracteriza-se como o fundamento mais peculiar do jogo de voleibol. Ele é o propulsor, impreterivelmente, pela preparação do ataque, portanto, pelo levantamento. Diante disso, se faz muito importante um processo ensino-aprendizagem que seja eficiente para aprender bem esse fundamento, afinal, mesmo sendo seu uso tipicamente pelos levantadores, vez por outra os atacantes também são obrigados a utilizá-lo (BOJIKIAN, 2003).

FIGURA 5 - TOQUE DURANTE O JOGO DE VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/SSzQA0>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FIGURA 6 - TOQUE NO JOGO DE VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/Ap5SZT>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

O toque de bola por cima apresenta três etapas distintas, segundo Bojikian (2003):

- a) **Entrada sob a bola:** Nesta fase inicial, as pernas e braços devem estar semiflexionados, com a bola acima da cabeça. As pernas, além de semiflexionadas, devem estar com um afastamento lateral da largura aproximada dos ombros e um pé ligeiramente à frente do outro. O tronco deve estar levemente inclinado para frente. Os braços estarão semiflexionados, de modo a posicionar os cotovelos um pouco acima da altura dos ombros, lateralmente em relação ao tronco. As mãos devem estar com os dedos quase que totalmente estendidos, mas de uma forma arredondada (como uma concha) para melhor acomodar a curvatura da bola.
- b) **Execução:** No instante do toque à bola, todo o corpo participa. O contato será sutil, com a parte interna dos dedos, com uma flexão dos punhos. Os braços e as pernas deverão se estender para provocar uma transferência do peso do corpo sobre a perna de trás para frente.
- c) **Término:** O corpo terminará todo estendido.

Manchetes: A manchete é o fundamento mais utilizado para a recepção de saques e para a defesa de bolas cortadas, pois o contato da bola se faz no antebraço, que é uma região que suporta melhor os fortes impactos provocados por ela nesta situação, quando comparado com os dedos que são utilizados pelo toque (BOJIKIAN, 2003).

FIGURA 7 - MANCHETE DURANTE A PARTIDA DE VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+voleibol&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV1-7Q_v3RAhXDEZAKHZW8CKYQ_AUIBigB#imgrc=_2XG68KB88oJxM>. Acesso em: 18 jan. 2017.

FIGURA 8 - MANCHETE NO JOGO DE VOLEIBOL

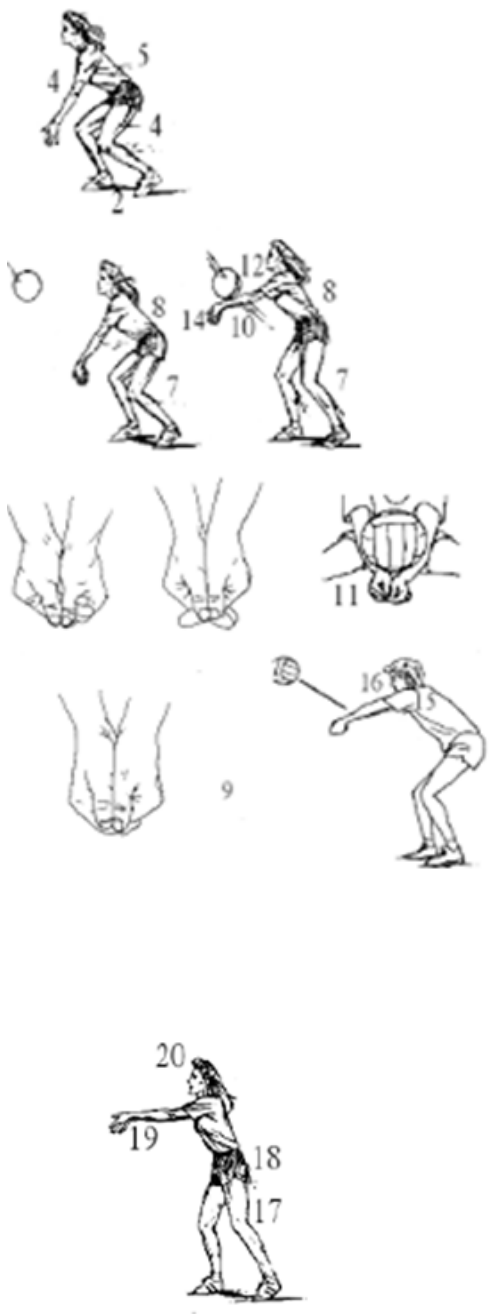


FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+volei&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV1-7Q_v3RAhXDEZAKHZW8CKYQ_AUIBigB#imgrc=vl_BH2AUQHRC8M>. Acesso em: 16 jan. 2017.

- a) **Entrada sob a bola:** As pernas devem estar como no toque, semiflexionadas, afastadas lateralmente em um distanciamento semelhante à largura dos ombros e um ligeiramente à frente do outro. Os braços estarão estendidos e unidos à frente do corpo. Os dedos unidos de uma mão devem estar sobrepostos aos da outra, de forma que os polegares estendidos possam se tocar paralelamente.
- b) **Ataque à bola:** No movimento de ataque à bola, as pernas se estenderão, o peso do corpo é transferido para a perna da frente e os braços permanecem sem movimento, com a musculatura enrijecida. O impacto de bola se dá no antebraço e isso será facilitado se os punhos estiverem bem estendidos, em direção ao solo.
- c) **Término do movimento:** Os braços devem permanecer estendidos até o impacto da bola e as pernas estarão estendidas. Obs.: Aos poucos a manchete lateral deverá ser introduzida, de forma que o jogador possa cobrir grandes áreas da quadra, utilizando-se da manchete (BOJIKIAN, 2003).

FIGURA 9 - EXEMPLO DE COMO SE REALIZA UMA MANCHETE

Fases	Comportamentos Fundamentais
Fase preparatória	1. Posição equilibrada, com o peso do corpo distribuído equitativamente pelos dois apoios.
	2. Pés paralelos (largura dos ombros) com um apoio avançado e dirigido para o local do passe.
	3. Bola situada entre o jogador e o local do passe.
	4. Membros interiores flectidos e membros superiores ligeiramente flectidos.
	5. Tronco ligeiramente flectido.
	6. Mãos afastadas cerca de um palmo de distância.
Fase principal	7. Extensão dos membros inferiores para cima e para frente, iniciada pela perna mais recuada.
	8. Extensão do tronco.
	9. Junção das mãos com uma mão envolvendo a outra.
	10. Extensão dos antebraços e pequena elevação dos braços antes do contato, nunca ultrapassando o plano de antebraço.
	11. Contato com a bola no terço distal anterior dos antebraços.
	12. Bola contactada abaixo do plano dos ombros.
	13. Supinação e extensão dos antebraços durante o contato.
	14. Flexão cubital das mãos durante o contato.
	15. Elevação cubital dos ombros durante o contato.
	16. Controle visual da bola e antebraço.
Fase final	17. Continuação da extensão das pernas.
	18. Continuação da extensão do tronco e retroversão da bacia acompanhando o movimento de saída da bola.
	19. Travagem do movimento dos braços e antebraço.
	20. Continuação do controle visual da bola através de uma extensão da cabeça.

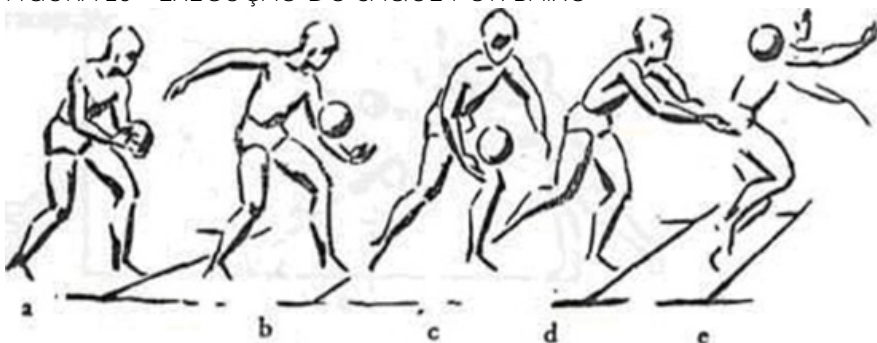


FONTE: Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com/-hpusdS9jrWw/TWeRbpecAhl/AAAAAAAABNA/Rh6fcMXeKnM/s400/Volei+-+Manchete.png>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Saque: É o movimento que inicia a partida. Para realizá-lo, um jogador deve se manter e posicionar atrás da linha de fundo de sua quadra, deve fazer a bola ultrapassar, atravessar a rede. Caso os jogadores não consigam receber a bola e ela toque o chão, é marcado ponto e a equipe que sacou no primeiro momento tem o direito de saque novamente.

Saque por baixo: O jogo de vôleibol inicia-se através de um saque, dando-se um golpe na bola solta no ar, pelo jogador que ocupa a posição 1, que estará atrás da linha de fundo, em qualquer lugar dos 9 metros de comprimento que ela possui.

FIGURA 10 - EXECUÇÃO DO SAQUE POR BAIXO

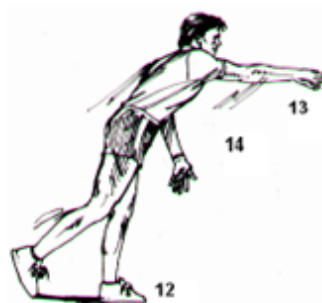


FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+volei&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV1-7Q_v3RAhXDEZAKHZW8CKYQ_AUIBigB#tbm=isch&q=imagens+volei+saque&imgcr=sc1_XJcNkcbJWM>. Acesso em: 17 jan. 2017.

- a) **Fase preparatória:** Em pé, de frente para a quadra adversária, o atleta deverá se posicionar com o tronco ligeiramente inclinado à frente, com as pernas em afastamento anteroposterior à perna contrária ao lado do braço, quem irá sacar deverá estar à frente, num distanciamento lateral mais ou menos igual à largura dos ombros. A bola deverá ser segura com a mão que não irá sacar, de modo que esteja quase que totalmente estendido. O braço que golpeará a bola estará estendido para trás.
- b) **Execução:** A bola será lançada para cima, à frente do corpo, a uma altura de, no máximo, 30 cm, e será golpeada com o braço contrário daquele que a lançou, que realizará todo o movimento em direção à bola estando estendido. O peso do corpo é transferido todo para a perna da frente. A mão, ao golpear a bola, tomará um posicionamento arredondado, com os dedos unidos e quase estendidos. A contramão da musculatura da mão tornará a área de impacto mais sólida para facilitar o envio da bola a distâncias maiores.
- c) **Término do movimento:** Com o golpe na bola e a transferência do peso do corpo para a perna da frente, há uma tendência natural da perna de trás ser lançada para a frente, que deve ser aproveitada para o passo que introduzirá o sacador na quadra de jogo (BOJIKIAN, 2003).

FIGURA 11 - ETAPAS DO SAQUE POR BAIXO

Fases	Comportamentos Fundamentais
Fase preparatória	1. Apoios distribuídos de forma equilibrada, com o apoio contra-lateral avançado.
	2. Bola ao nível da cintura
	3. Ombros paralelos à rede
	4. Olhos na bola
	5. Mão que vai bater na bola bem aberta
Fase Principal	6. Braço hábil realiza um movimento pendular para trás
	7. Peso é "passado" para trás
	8. Braço hábil "pendula" para a frente
	9. Peso é "passado" para a frente
	10. Mão que segura a bola, liberta-a
	11. A bola é contactada ao nível da cintura
Fase Final	12. Peso no pé da frente
	13. Braço aponta para o topo da rede
	14. Desequilíbrio para dentro de campo



FONTE: Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-UYe_a2jrYxA/TWeRhhsK2xI/AAAAAAAAABNQ/uucFDMR2vhM/s1600/Volei+-+Servi%25C3%25A7o+B..png>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Saque por cima: Em virtude da velocidade que o braço pode atingir, o impacto na bola é bem mais potente que o saque por baixo. A sua aprendizagem facilita muito a introdução da cortada, pois os movimentos de braços e tronco são muito semelhantes. Existem duas versões do saque tipo tênis: o Saque com Rotação e o Flutuante. O Saque com Rotação possui este nome em função da rotação dada à bola, pela flexão de punho que é realizada no instante do golpe.

FIGURA 12 - EXECUÇÃO DO SAQUE POR CIMA NO VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/WZjVcx>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

- a) Fase preparatória:** em pé, atrás da linha de fundo, de frente para a região da quadra adversária para a qual se deseja o saque, segurando a bola com ambas as mãos, os braços estendidos ao longo do corpo. As pernas estarão com afastamento anteroposterior, com a perna contrária ao lado do braço de ataque se posicionando à frente. Há um afastamento lateral num distanciamento semelhante à largura dos ombros.
- b) Execução:** A bola é lançada com ambas as mãos, acima da cabeça (+ ou - 1,50m) e um pouco atrás da linha normal do tronco. A mão, em forma de concha, iniciará o contato com a bola na sua parte inferior e posterior, contornando-a, passando por cima, enquanto acontece a flexão rápida do punho (BOJIKIAN, 2003).

Ataque: É o último contato do time com a bola antes de mandá-la para o campo adversário. Para fazê-lo, é recomendável que o jogador esteja o mais próximo possível da rede, dê um salto e projete seu corpo para frente, para que seu peso possa ser “transferido” para a bola. O objetivo desse fundamento é mandar a bola para o campo adversário em uma tentativa de que ela não consiga ser recebida pelo outro time e toque o chão (BOJIKIAN, 2003).

Cortada: A cortada é o fundamento do voleibol que finaliza a maioria das ações ofensivas e visa enviar, através de um forte golpe dado durante um salto, a bola de encontro ao solo da quadra do adversário. É uma habilidade motora de execução complexa, uma vez que toda ação é condicionada pelas características da trajetória do levantamento. Esse pode ser mais alto, mais baixo, mais lento, mais rápido, longo ou curto, próximo ou distante da rede. Requer muita coordenação visomotora (BOJIKIAN, 2003).

FIGURA 13 - ATAQUE COM CORTADA NO VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+volei&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbn=isch&sa=x&ved=0ahukewiv1-7q_v3rahxdezakhzw8ckyq_auibigb#imgrc=iow5rmoblzplgm>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FIGURA 14 - ATAQUE NO VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+volei&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV1-7Q_v3RAhXDEZAKHZW8CKYQ_AUIBigB#imgrc=rctKFqmybyAgTM>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Bloqueio: É uma possível forma de defesa, em algumas situações de ataque; assim como o passe, após um ataque. Nele, um ou mais jogadores saltam ao mesmo tempo que o atacante do time adversário e tentam com as palmas das mãos rebater a bola para que ela volte ao campo adversário. Para Bojikian (2003), o bloqueio é um fundamento que visa interceptar junto à rede a bola cortada pelo adversário. Essa habilidade de caráter defensivo pode se tornar ofensiva quando consegue enviar a bola contra o solo do atacante.

FIGURA 15 - BLOQUEIO



FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+volei&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV1-7Q_v3RAhXDEZAKHZW8CKYQ_AUIBigB#imgrc=vQkGv_nDufX6gM>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FIGURA 16 – BLOQUEIO FEMININO



FONTE: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+volei&biw=1366&bih=613&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiV1-7Q_v3RAhXDEZAKHZW8CKYQ_AUIBigB#imgrc=JkiL4NRQBKJ8WM>. Acesso em: 17 jan. 2017.

- a) Fase preparatória (posição de expectativa):** Em pé, junto à rede, o bloqueador se posiciona em semiflexão dos joelhos, pés paralelos em afastamento lateral numa distância quase que igual à largura dos ombros. Os braços estarão semiflexionados com as mãos ao lado dos ombros, com as palmas voltadas para frente. O tronco deve estar ereto e o bloqueador olhando para a bola e para o atacante.

- b) Execução:** No momento adequado, o bloqueador salta, estendendo as pernas e contando com o auxílio dos braços que serão estendidos simultaneamente em direção à bola. Nos bloqueios ofensivos, as mãos invadem o espaço aéreo do adversário e se posicionam abertas, estendidas, firmes, uma ao lado da outra, formando um obstáculo à passagem da bola. O bloqueador espera o impacto da bola, pois ele não poderá tocá-la antes do atacante, para flexionar os punhos, enviando-a contra o solo do campo adversário e, também, para impedir que ela “espirre” (desvie) para fora da quadra.
- c) A queda:** Realizado o bloqueio, acontece a queda, que deve ser feita com equilíbrio de forma amortecida e girando para o lado em que a bola se dirigiu, quando ela não foi totalmente retida (BOJIKIAN, 2003).



Se você quiser saber mais sobre os fundamentos executados na prática do voleibol, acesse o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=nXX_7y95oJA>

LEITURA COMPLEMENTAR

TEMPO DE ESTUDAR E TEMPO DE TREINAR: COMO SE ORGANIZAM JOVENS ATLETAS DE VOLEIBOL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO?

Marcio Gabriel Romão
Felipe Rodrigues da Costa
Antonio Jorge Gonçalves Soares

O órgão máximo desse esporte é a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), com sede na Suíça. É a FIVB que organiza as competições mais importantes do voleibol, estando entre as principais: a Liga Mundial (*World League*, criada em 1990, masculina), o *World Grand Prix* (criado em 1993, feminino) e o Campeonato Mundial Masculino (criado em 1949) e o Feminino (criado em 1952). Os atletas que participam dessas competições contam com todas as atenções do mundo “voleibolístico” voltadas para eles nesse período. Esses eventos envolvem grandes empresas patrocinadoras, que movimentam a economia das cidades-sedes e desse esporte. Grandes competições oferecem vultosas quantias em dinheiro para os melhores jogadores. O atleta Murilo Endres, ponta da Seleção Brasileira, foi eleito o melhor jogador da Liga Mundial de 2010, ganhando um prêmio em dinheiro no valor de US\$ 30 mil (aproximadamente R\$ 52,8 mil). No Brasil, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) é a gestora desse esporte. Filiada da FIVB, existe desde 1954. Sua sede está localizada na cidade do Rio de Janeiro. Além de organizar a modalidade e as principais competições no cenário nacional, ela também possui

ações no campo socioeducacional, como o programa “Viva Vôlei”. A CBV, com os constantes triunfos das seleções nacionais (em especial as seleções principais) nas competições de que participam, tanto no vôlei de quadra como no vôlei de praia, iniciou a construção de um centro de treinamento, em que todas as equipes que representam o país pudessem treinar. Inaugurado em 2003, no município de Saquarema, o Centro de Desenvolvimento de Voleibol (CDV) é um complexo esportivo que oferece moderna infraestrutura para o desenvolvimento dos treinamentos das seleções nacionais. A mais importante competição do vôlei nacional é o Campeonato Brasileiro de Clubes, conhecido por Super Liga. É disputada em quatro fases, a saber: primeira fase classificatória, em turno e retorno; a segunda fase é quartas de final, em sistema de *playoffs*, com as oito melhores equipes, seguida de semifinal e final. Nesta competição, na temporada 2010/2011 foram inscritos 461 atletas, sendo 255 no masculino (15 equipes) e 206 no feminino (12 equipes). Entre as décadas de 1970 e 1980, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) deu início a novas perspectivas de difusão da modalidade voleibol, promovendo parcerias com empresas e investindo no *marketing* esportivo dos clubes e das seleções. A exposição do vôlei acelerou sua transição da condição de esporte amador para ser percebido como possibilidade de profissionalização entre jovens. Para aqueles que desejam chegar ao nível de alto rendimento esportivo, o início da carreira exige tempo e dedicação em treinamento institucionalizado nos clubes, exaustivas repetições de movimentos, conhecimento de esquemas táticos etc. Neste período, o jovem ainda se encontra em formação escolar e, ao decidir investir na carreira de atleta, terá o desafio de conciliar essas duas atividades. Existem hoje pesquisas que contribuem para o entendimento da relação entre os campos esportivo e escolar, tratando, sobretudo, as estratégias de conciliação elaboradas pelos agentes (pais, atletas, clubes etc.) e problematizando as consequências do futuro daqueles que têm sua formação escolar comprometida. Essas pesquisas ocorrem no cenário nacional e internacional e abordam temas relacionados ao processo de formação esportiva e educação, permitindo apresentar informações importantes que irão contribuir com este estudo. No cenário internacional, Metsä-Tokila (2002), em pesquisa bibliográfica, analisou a partir de uma perspectiva histórica as tentativas de promover a conciliação entre os campos esportivo e educacional em três países, a Rússia, Suécia e Finlândia. McGillivray e McIntosh (2006) apresentaram um panorama da estrutura do futebol escocês, onde vem sendo observado um aumento do número de contratos com tempo de duração de no máximo dois anos, reduzindo a possibilidade de estabilidade laboral dos atletas. Este trabalho também traz à tona a importância de compreender a concorrência entre os campos do esporte e da escola e a participação dos agentes (pais, atletas, clubes) no processo de construção das estratégias para conciliação entre a formação escolar e a profissionalização esportiva. Hickey e Kelly (2008) apresentam situações que os jogadores de futebol da Liga de Futebol Australiano vivenciam com a possibilidade de obter lesões e diminuir a vida profissional do atleta, existindo uma preocupação por parte dos gestores com a inserção do atleta no mercado de trabalho formal. No Brasil, as informações sobre o tema ainda são escassas. Contudo, esforços estão sendo realizados por pesquisadores e os números de produções acadêmicas começam a surgir, orientando e dando base para novas pesquisas. O estudo de Epiphanyo (2002) analisou como atletas de uma equipe de voleibol, do tênis, natação e triatlon enfrentam as dificuldades e os conflitos em suas vidas para manterem-se como

atletas de alto nível. Já Marques e Samulski (2009) investigaram o momento de transição entre o amadorismo e o profissionalismo de jovens atletas de futebol, focando a fase final da adolescência e início da fase adulta. A pesquisa de Soares e Bartholo (2009) analisa a relação entre mercado, escola e formação de futebolistas, comparando as perspectivas de Brasil e Espanha. Melo (2010) observou como os atletas de futebol do Rio de Janeiro, em processo de formação profissional, conciliam os treinamentos com a escolarização básica. Santana e Ribeiro (2010), em abordagem de cunho pedagógico, analisaram as idades em que os atletas do sexo masculino e feminino do futsal de alto rendimento começaram na modalidade. De modo geral, esses estudos reforçam a importância em problematizar a relação do esporte com a vida escolar.

FONTE: Disponível em: <<http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-93.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você aprendeu que:

- Uma partida de voleibol de alto rendimento possui duração de uma hora e 30 minutos a duas horas. Em jogos escolares tal tempo diminui não em decorrência da qualidade de fundamentos, mas em decorrência de adaptações motoras, fisiológicas, entre outras.
- Diversas são as posições que os atletas de voleibol exercem no decorrer de seu processo de aprendizagem e nas condições de treinamento.
- Os fundamentos que compõem o jogo de voleibol podem ser classificados, em um contexto ofensivo, como "princípios ofensivos", ou em um contexto defensivo, como "princípios defensivos".
- Princípios ofensivos: saque, levantamento e ataque; cortada, bloqueio.
- Princípios defensivos: aqueles que não resultam em ponto direto; bloqueio, recepção e defesa.
- O passe é o movimento comum de recepção da bola e pode ser feito em qualquer lugar do campo.
- O levantamento, geralmente, é o segundo contato que um time tem com a bola e tem como objetivo principal manter a bola em uma altura suficiente para que o atacante a mande para o campo adversário com chances de marcar um ponto.
- O toque seria o fundamento mais peculiar do jogo de voleibol. Ele é o propulsor, impreterivelmente, pela preparação do ataque, portanto, pelo levantamento.
- A manchete é o fundamento mais utilizado para a recepção de saques e para a defesa de bolas cortadas.
- O saque é o movimento que inicia a partida.
- A cortada é o fundamento do voleibol que finaliza a maioria das ações ofensivas e visa enviar, através de um forte golpe dado durante um salto, a bola de encontro ao solo da quadra do adversário.
- O bloqueio é um fundamento que visa interceptar junto à rede a bola cortada pelo adversário.
- O bloqueio de caráter defensivo pode se tornar ofensivo quando consegue enviar a bola contra o solo do atacante.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação a uma partida de voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () Diversas são as posições que os atletas de voleibol exercem no decorrer de seu processo de aprendizagem, e, por sua vez, nas condições de treinamento.
- () Os fundamentos são elementos que compõem o jogo, são classificados em um contexto somente ofensivo.
- () Em jogos escolares o tempo de jogo de uma partida de voleibol é de no máximo 40 minutos, em decorrência da qualidade de fundamentos, e de adaptações motoras, fisiológicas, entre outras.
- () Uma partida do voleibol de alto rendimento pode ter duração de duas horas a cinco horas e 30 minutos.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

2 Em qualquer esporte existe a necessidade de um planejamento adequado de treinamento, especialmente no que se refere a atletas mais jovens, conhecendo as exigências específicas da modalidade em cada fase de desenvolvimento, cada categoria, visto que pode haver variabilidade com relação a essas exigências durante o processo de promoção do jovem talento. Assinale a alternativa verdadeira:

- a) () Diversas são as posições que os atletas de voleibol exercem no decorrer de seu processo de aprendizagem.
- b) () A especialização deve ocorrer junto com o desenvolvimento das capacidades coordenativas.
- c) () A especialização do jogador em determinada função tática ou posição de jogo deve ocorrer em idades mais novas.
- d) () A qualidade com que se executam os fundamentos está diretamente associada à regularidade com que o jogador mantém a bola sempre em estado ofensivo.

3 De acordo com o que você estudou na disciplina Metodologia do Ensino de Voleibol, analise o texto a seguir:



É uma possível forma de defesa e, em algumas situações, ataque; assim como o passe, após um ataque. Nela, um ou mais jogadores saltam ao mesmo tempo que o atacante do time adversário e tentam com as palmas das mãos rebater a bola para que ela volte ao campo adversário.

A partir desse conceito, assinale a alternativa correspondente:

- a) () Manchete
- b) () Toque
- c) () Bloqueio
- d) () Levantamento

UNIDADE 2

TÁTICAS E REGRAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- compreender as principais regras aplicadas no desenvolvimento do voleibol;
- entender o funcionamento dos diversos sistemas aplicados no voleibol;
- ter a possibilidade de se familiarizar com a súmula de voleibol e suas peculiaridades.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. Em cada um deles, você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conhecimentos abordados.

TÓPICO 1 - PRINCIPAIS REGRAS E CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE

TÓPICO 2 - SISTEMAS DE JOGO E COMPREENSÃO TÁTICA

TÓPICO 3 - CONHECENDO OS PROCEDIMENTOS DE ARBITRAGEM E A SÚMULA DE VOLEIBOL



PRINCIPAIS REGRAS E CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE

1 INTRODUÇÃO

"Quem não se arrisca a um fracasso nunca chega a uma vitória" (Céline Lhotte)

Neste tópico, vamos estudar as principais regras e características do voleibol, desde as regras simples que compõem a quadra, até jogadores e suas posições, contribuindo para o seu conhecimento na prática desta modalidade de jogo.

Neste tópico, abordaremos as características do jogo e da quadra, apresentando as características mais gerais do voleibol; será discutida a superfície do jogo; apresentaremos os participantes e suas localizações das equipes em quadra; você entenderá os aspectos relacionados ao formato do jogo e o processo de rotação; e, por fim, as ações do jogo.

2 CARACTERÍSTICAS DO JOGO E DA QUADRA

O voleibol teve importantes determinações no ano de 1900, quando ocorreu a padronização do formato da bola e cada *set* passou a contagem até 21 pontos, além de que a rede utilizada no jogo de voleibol seria elevada para 2,13 metros. As alterações foram providenciadas pela Associação Cristã de Moços (ACM) de Dayton, Estado de Ohio, sob coordenação do professor W. E. Day, que também, em 1912, contribuiu com outras determinações, como a formação do rodízio e a disputa de dois *sets* em cada partida. Nesse mesmo período foram estipuladas as medidas para a quadra, que passou a medir 18,18 metros de comprimento por 10,16 metros de largura, tendo cada lado da quadra 9,9 metros e estabelecimento da altura da rede em 2,28 metros.

Nesse processo, a modalidade redimensionou e modificações surgiram. Sendo o voleibol um esporte jogado por duas equipes, possui algumas características que permitem as mais diversas adaptações aos mais distintos participantes do jogo. Tais características residem na ideia básica de lançar ou enviar a bola para o outro lado da quadra por cima de uma rede para que toque o solo do adversário e, por sua vez, some a pontuação necessária para o desenvolvimento do jogo. A tentativa de fazer a bola tocar o solo adversário e todo o percurso dela no ar, e da troca de posse de bola, chamam-se no voleibol de *rally*. A equipe que vencer

o *rally* vai somando pontos necessários para vencer o jogo. A equipe que finaliza o *rally* consegue fazer a bola tocar o solo adversário - vence, ganha o ponto e tem o direito de sacar; e assim sucessivamente, e tudo isso jogado em uma quadra de jogo retangular e simétrica. A quadra de voleibol possui as seguintes dimensões:

- a) retângulo de 18 metros por 9 metros;
- b) zona livre que circunda a quadra de 3 m;
- c) a quadra deve ter 7 metros a partir da superfície de jogo;
- d) em jogos de competições mundiais e oficiais da FIVB, a zona livre deve medir, no mínimo, 5 metros a partir das linhas laterais e 8 metros a partir das linhas de fundo. O espaço livre de jogo deve medir, no mínimo, 12,5 metros de altura a partir da superfície de jogo (CBV, 2014).



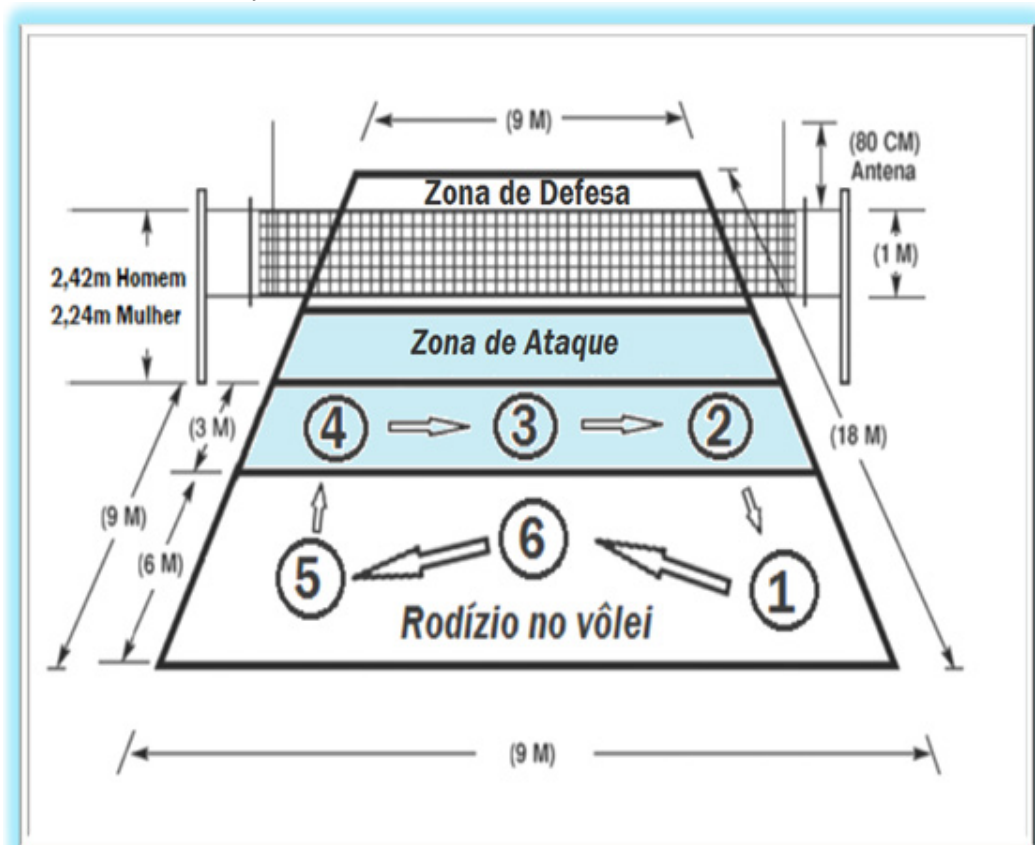
Se você quiser saber mais sobre as regras do voleibol, acesse o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=NlxVnHs68BY>.

• **Quanto à superfície do jogo:**

- o em quadras cobertas, a superfície da área de jogo deverá possuir cores claras;
- o nas quadras em recintos abertos é permitida uma inclinação na superfície de jogo de 5 milímetros por metro para fins de drenagem. Linhas de marcação da quadra fabricadas em material sólido são proibidas (CBV, 2014).

FIGURA 17 - FORMAÇÃO DE RODÍZIO NO VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=QUADRA+DE+VOLEI&biw=1366&bih=662&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKewifj46S3-nRAhVNlpAKHbsSB9UQ7AKINw#imgrc=SuL6gJdS9cft9M%3A>>. Acesso em: 17 jan. 2017

- **Quanto às linhas de marcação da quadra:**

As linhas possuem, em geral, a largura de 5 centímetros e devem possuir cor clara, diferente da cor do piso da quadra e de quaisquer outras linhas.

- Linhas de delimitação da quadra de jogo: Duas linhas laterais e duas linhas de fundo delimitam a quadra. As linhas de fundo e as laterais estão inseridas na dimensão da quadra.
- Linha central: O eixo da linha central divide a quadra de jogo em duas quadras iguais, medindo 9 metros x 9 metros cada uma. Entretanto, a largura da linha central pertence a ambas as quadras. Esta linha estende-se sob a rede, de uma linha lateral até a outra.
- Linha de ataque: Em cada quadra há uma linha de ataque, cuja extremidade posterior é desenhada a 3 metros de distância a partir do eixo da linha central, marcando a zona de frente. Para as competições mundiais e oficiais da FIVB, a linha de ataque é estendida além das linhas laterais pela adição de pequenas linhas pontilhadas de 15 centímetros, com 5 centímetros de largura, traçadas com um espaçamento de 20 centímetros entre elas, totalizando um comprimento de 1,75 metro. A

‘linha de restrição do técnico’ (uma linha pontilhada que se estende desde a linha de ataque até a linha de fundo da quadra, paralela à linha lateral e a 1,75 metro da mesma) é composta de pequenas linhas de 15 centímetros, espaçadas por 20 centímetros, a fim de marcar o limite da área de operação do técnico (CBV, 2014, s.p.).

- **Quanto às zonas e áreas:**

ZONA DE FRENTE

Em cada quadra a zona de frente é limitada pelo eixo da linha central e a extremidade posterior da linha de ataque. A zona de frente é considerada como prolongada indefinidamente, além das linhas laterais, até o fim da zona livre.

ZONA DE SAQUE

A zona de saque é uma área de 9 metros de largura, situada após cada linha de fundo. É limitada lateralmente por duas pequenas linhas, cada uma medindo 15 centímetros, traçadas a 20 centímetros após o término de cada linha de fundo, no eixo de prolongamento imaginário das linhas laterais. Ambas as linhas estão incluídas na largura da zona de saque. Na profundidade, a zona de saque estende-se até o final da zona livre.

ZONA DE SUBSTITUIÇÃO

A zona de substituição é delimitada pelo prolongamento imaginário de ambas as linhas de ataque até a mesa do apontador.

Zona de troca do líbero. A zona de troca do líbero é a parte da zona livre no lado do banco das equipes, limitada pela extensão da linha de ataque até a linha de fundo.

ZONA DE AQUECIMENTO

Para as competições mundiais e oficiais as áreas de aquecimento, medindo aproximadamente 3 metros x 3 metros, situam-se nos cantos da área de jogo, ao lado do banco, fora da zona livre (CBV, 2014, s.p.).

2.1 ESTRUTURA DA REDE, ANTENAS E POSTES

A rede possui 1m de altura por 9,5 a 10 metros de comprimento (com 25 a 50 centímetros adicionais além das faixas). Será constituída de malhas quadradas pretas com 10 centímetros de lado. Na parte superior há uma faixa horizontal de 7 centímetros de largura, que consiste em uma lona branca dobrada ao meio, costurada ao longo de toda a extensão da rede. Em cada extremidade final da faixa há uma abertura através da qual passará uma corda a fim de amarrá-la aos postes, no intuito de manter a parte superior tensionada. Dentro dessa faixa, um cabo flexível estica a rede nos postes e mantém sua parte superior tensionada. Na parte inferior da rede há outra faixa horizontal com 5 cm, similar à faixa superior. Por dentro dessa faixa passará uma corda, que amarra a rede aos postes e mantém a parte inferior tensionada.

Com relação às faixas: duas faixas brancas são tensionadas verticalmente à rede e colocadas no prolongamento acima de cada linha lateral. Cada uma possui 5 centímetros de largura e 1 metro de altura e são consideradas parte integrante da rede.

As antenas são varas flexíveis com 1,8 metro de comprimento e 10 milímetros de diâmetro, fabricadas em fibra de vidro ou material similar. Cada antena é amarrada de forma a tangenciar a parte externa de cada faixa lateral. As antenas são colocadas em lados opostos da rede. A parte superior de cada antena estende-se além do bordo superior da rede por 80 cm e é marcada com listras de 10 cm de largura, em cores contrastantes, com preferência para vermelho e branco. As antenas são consideradas parte integrante da rede e delimitam os limites laterais do espaço de cruzamento.

FONTE: Confederação Brasileira de Voleibol (2014, s.p.)

FIGURA 18 - A QUADRA DE VOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=QUADRA+DE+VOL+EI&biw=1366&bih=662&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwifj46S3-nRAHVNIpAKHbsSB9UQ7AKINw#imgdii=5yErL2O2BCeqnM:&imggrc=BTns9MayZfxLgM>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

2.2 CARACTERÍSTICAS DA BOLA

A bola será esférica, dotada de uma capa flexível de couro ou couro sintético, além de uma câmara interior feita de borracha ou material similar. Sua cor pode ser clara, desde que uniforme, ou uma combinação de cores. Bolas utilizadas em competições internacionais oficiais, fabricadas em couro sintético ou dotadas de combinação de cores, devem atender aos padrões ditados pela FIVB. Sua circunferência deve ser de 65 centímetros a 67 centímetros e seu peso de 260 gramas a 280 gramas. Sua pressão interna medirá entre 0,30 a 0,325 kg/cm² (4,26 a 4,61 psi ou 294,3 a 318,82mbar ou hPa) (CBV, 2012).

Todas as bolas utilizadas em uma partida devem possuir as mesmas características e medidas, como circunferência, peso, pressão, tipo e cor. Em competições mundiais e oficiais FIVB devem ser utilizadas três bolas durante a partida, e assim, seis boleiros são necessários, posicionando-se quatro deles em cada ângulo da zona livre, um atrás do primeiro árbitro e outro atrás do segundo árbitro (CBV, 2012).

2.3 QUANTO AOS PARTICIPANTES E LOCALIZAÇÃO DAS EQUIPES EM QUADRA

São relacionados para o jogo 12 atletas, que devem estar registrados na súmula, os quais poderão fazer parte do jogo, portanto, na área de competição e controle. Neste contexto, dos jogadores, um deles é o líbero e este não poderá exercer a função de capitão da equipe. Após comissão técnica e corpo médico estarem em súmula, capitão da equipe e técnico assinam o documento, não podendo mais ocorrer modificações.

Segundo a CBV (2012), os jogadores que não estão atuando permanecerão sentados no banco da equipe ou na área de aquecimento de sua equipe. O técnico e os demais membros sentam-se no banco, mas podem deixá-lo desde que temporariamente. Os bancos das equipes situam-se ao lado da mesa do apontador, fora da zona livre. Somente aos membros da equipe registrados na súmula do jogo é permitido sentar no banco durante a partida e participar do aquecimento oficial.

Os jogadores que não estão atuando podem aquecer sem bola, durante o jogo, na zona de aquecimento de sua equipe, durante os tempos e tempos técnicos, na zona livre localizada atrás do lado da quadra destinado à sua equipe; durante os intervalos entre os *sets*, os jogadores podem aquecer utilizando bolas na parte da zona livre correspondente ao lado da quadra destinado à sua equipe (CBV, 2012).

2.4 DISPOSIÇÃO DOS UNIFORMES

Cada jogador possui em seu equipamento individual a composição de camiseta, calção, meias uniformes e calçado esportivo. Os líberos têm equipamentos de cor diferente dos demais jogadores.

3 ASPECTOS RELACIONADOS AO FORMATO DO JOGO

MARCANDO O PONTO

A equipe marca o ponto quando obtém sucesso no ato da bola tocar o solo adversário; quando a outra equipe cometer falta e/ou for penalizada; ao ter anotado um ponto a seu favor a equipe tem o direito de realização do saque. O *set* se dá por

encerrado quando uma equipe vencer por dois pontos de diferença e alcançar 25 pontos. Em caso de empate de 24 x 24, o jogo prossegue até haver dois pontos de diferença entre eles. Tal fato só não se concretiza no quinto *set*, caso exista, ao qual o término do jogo se dá até 15 pontos. A mesma regra se aplica no que tange aos dois pontos de diferença. O jogo termina quando uma equipe conseguir atingir três *sets*. Ex.: 3x0; 3x1; 3x2.

FORMAÇÃO INICIAL DAS EQUIPES

As equipes apresentam no início do jogo seis jogadores para iniciarem a partida, de maneira disposta em quadra, sinaliza a ordem de rotação dos jogadores no desenvolvimento do jogo. Tal ordem deve se manter até o final do *set*, portanto, poderá ser alterada sempre no início de cada *set* pelo técnico ao entregar sua papeleta devidamente assinada e com sua formação. Os jogadores que ali não constam são considerados reservas e podem acessar o jogo de maneira regular, respeitando os critérios de substituição.

3.1 PROCESSO DE ROTAÇÃO

A rotação, como visto anteriormente, é condicionada à formação inicial da equipe, e controlada pela ordem de saque e posição durante o *set* que se inicia. A disposição dos jogadores segue na sequência de 1 a 6. Ex.: jogador na posição 2 avança para a posição 1 para sacar, jogador da 1 retorna para a posição 6, e assim por diante.

FIGURA 19 – RODÍZIO DE JOGADORES



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/L7pwwa>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Quando a rotação ocorre de maneira errada, uma falta é cometida. Neste sentido, a equipe sacadora é sancionada com um ponto. O próximo saque será executado pela equipe adversária e a ordem de rotação dos jogadores será retificada.

3.2 AÇÕES DO JOGO

- **Bola em jogo e fora de jogo:** A bola se torna “em jogo” a partir do momento em que o sacador a golpeia, após a autorização de saque dada pelo 1º árbitro. A bola se torna “fora de jogo” no momento em que há a ocorrência ou cometimento de uma falta e, na ausência desta, ao soar do apito (CBV, 2012).
- **Bola dentro e bola fora:** Considera-se bola “dentro” quando esta toca o solo da quadra de jogo, incluindo as linhas de delimitação da mesma. Considera-se a bola “fora” quando: A parte da bola que entra em contato com o solo está completamente fora das linhas de delimitação da quadra; toca um objeto localizado fora da quadra de jogo, o teto ou uma pessoa que não esteja em jogo; toca a antena, as cordas de sustentação da rede, os postes ou a parte da rede localizada além das faixas laterais; cruza o plano vertical da rede por fora do espaço de cruzamento, de forma total ou parcial, excetuando-se no caso da regra; cruza, completamente, o espaço inferior abaixo da rede (CBV, 2012).

3.2.1 Toque no voleibol

Um toque é qualquer contato com a bola realizado por um jogador em jogo. Uma equipe terá direito a, no máximo, três toques - além do bloqueio - para enviar a bola ao adversário. Se mais de três são utilizados, a equipe comete a falta quatro toques. Contatos consecutivos com as mãos contam como dois toques. Um jogador não poderá tocar a bola de forma consecutiva. Contatos simultâneos: dois ou três jogadores poderão tocar a bola simultaneamente. Quando dois ou três jogadores da mesma equipe tocam a bola simultaneamente, serão contados dois ou três toques, exceto no bloqueio. Se tentarem atingir a bola, somente um a toca, um toque é contado. Uma colisão entre jogadores não caracteriza falta (CBV, 2012).

Quando dois jogadores adversários tocam a bola, simultaneamente, sobre a rede e a bola continua em jogo, a equipe receptora tem o direito a outros três toques. Se a bola vai “fora”, é falta da equipe do lado oposto à direção da bola. Se ocorrerem contatos simultâneos sobre a borda superior da rede, entre dois jogadores adversários, a jogada continuará (CBV, 2012).

Toque apoiado dentro da área de jogo: não é permitido a um jogador apoiar-se em um membro de sua equipe ou qualquer estrutura ou objeto para golpear a bola. Contudo, o jogador que está prestes a cometer uma falta – tocar a rede ou cruzar a linha central – pode ser parado ou retido por um membro de sua equipe (CBV, 2012).

CARACTERÍSTICAS DO TOQUE

A bola pode ser tocada com qualquer parte do corpo. A bola não deve ser retida e/ou lançada. Pode ser rebatida em qualquer direção. A bola pode tocar várias partes do corpo, contanto que estes contatos ocorram simultaneamente. Exceções: no bloqueio, contatos consecutivos podem ocorrer com um ou mais jogadores,

desde que esses contatos ocorram durante a mesma ação; no primeiro toque da equipe, a bola pode tocar várias partes do corpo consecutivamente, contanto que os contatos ocorram durante a mesma ação. Será considerada falta ao jogar a bola quando o jogador realizar:

QUATRO TOQUES: uma equipe toca a bola quatro vezes antes de enviá-la ao adversário.

TOQUE APOIADO: um jogador apoia-se em um membro de sua equipe ou em qualquer estrutura/objeto dentro da área de jogo para golpear a bola.

CONDUÇÃO: a bola é retida e/ou lançada; ela não é rebatida com o toque do jogador.

DOIS TOQUES: um jogador toca a bola duas vezes consecutivas ou a bola toca, consecutivamente, várias partes de seu corpo (CBV, 2012, s.p.).



Na próxima unidade, você entenderá os sistemas de jogo e compreenderá o sistema tático do voleibol construído de uma maneira clara para uma leitura tranquila.

LEITURA COMPLEMENTAR

Reportagem sobre Personalidades do Vôlei

Leia parte da reportagem sobre Personalidades do Vôlei, realizada pelo *site* VôleiBrasil.org.br, da Confederação Brasileira de Voleibol.

Reportagem:

Quem pouco conhece do líbero Serginho, da seleção masculina de vôlei, nem de longe poderia imaginar o quanto o craque é respeitado no vôlei internacional. Afinal, é com muita simplicidade que ele comenta sobre o fato de ter sido eleito o melhor jogador da Liga Mundial em 2009, fato inédito para quem joga na posição dele. E "Escadinha" diz nem lembrar mais deste assunto, por focar sempre no próximo objetivo.

Em entrevista exclusiva ao *site* [VôleiBrasil](http://VôleiBrasil.org.br), Serginho afirmou, entre outras coisas, que vai jogar pela seleção de vôlei do Brasil enquanto reunir condições para ser convocado, comentou sobre a alegria com que treina e joga e deu a receita para que a seleção, renovada, chegue longe: "Viver cada treino, cada jogo, cada dia, de cada vez". Que assim seja!

VôleiBrasil.org.br - O que significou para você ser o melhor jogador da Liga Mundial 2009? Tem essa coisa de olhar no espelho e falar para si mesmo "Fui eleito o melhor?"

Serginho - Não, nada disso. Foi legal ganhar o prêmio, mas já passou, nem penso mais nisso. Já ganhamos o Sul-Americano e agora o pensamento está voltado para o Japão, onde disputaremos a Copa dos Campeões.

VôleiBrasil.org.br - Por falar no Sul-Americano, as condições em que vocês jogaram estavam longe de ser as melhores, por conta da altitude. Quais as maiores dificuldades que a equipe enfrentou?

Serginho - Tivemos que nos adaptar a jogar de uma maneira diferente da que estamos acostumados. A bola "flutua" mais e, com isso, o saque foi prejudicado sensivelmente. As condições não eram as melhores, mas o que importa agora é que conquistamos mais um título. Isso faz tudo valer a pena!

VôleiBrasil.org.br - Já são 10 anos de seleção e você treina e joga com a alegria de um novato. Qual é o segredo?

Serginho - Não tem segredo, só o prazer de estar na seleção. Sabemos a hora de relaxar e de levar as coisas a sério. O grupo é ótimo, muito descontraído e eu sou um dos que mais gosta de brincar. Eu fico duas horas levando bola em cima, se não relaxar, rir e me divertir, nem sei o que acontece!

VôleiBrasil.org.br - Com toda essa experiência, até onde você acha que esse grupo pode chegar?

Serginho - É difícil fazer qualquer previsão. É um grupo alto e com muitos jogadores jovens. O importante aqui é pensar sempre em um dia por vez. Se é dia de treino, jogo, decisão, não importa. Não dá para pensar nas olimpíadas passadas nem nas que estão por vir. O que posso passar aos mais jovens é que o treino ou jogo mais importante é o próximo. Se não houver dedicação total em cada treinamento ou partida, nada de bom acontecerá.

VôleiBrasil.org.br - Alguns companheiros do grupo que se consagrou nos ciclos em que você participou já deixaram ou têm data marcada para sair da seleção. E você, pensa nisso?

Serginho - De forma alguma. Sou dos que pensam em um dia por vez, como disse antes. Isso significa que enquanto eu me sentir bem física e tecnicamente, vou estar à disposição do treinador para ser convocado.

FONTE: Disponível em: <<http://www.voleibrasil.org.br/especiais/SERGINHO/14/>>.
Acesso em: 15 fev. 2017.

ATIVIDADE PRÁTICA

Análise dos fundamentos do voleibol

Objetivo: Realizar a visualização da imagem ou de fotografias que contêm os fundamentos do voleibol. Estudar a fotografia, os ângulos, movimentos, encaixes. Realizar o movimento da foto, levando em conta apoios e pontos do corpo parado e em movimento. Criar o movimento antes e após o momento da foto, com controle do movimento, da musculatura e de sequência.

Tempo de duração: de 45 a 60 minutos.

Material a ser utilizado: fotografias, imagens de uma pessoa, duas, três etc. Recortar em revista e/ou jornal.

Etapas: Distribuir gravuras que apresentem imagens de fundamentos do voleibol. Em duplas, analisar a foto procurando identificar o movimento técnico do voleibol que está sendo apresentado na imagem, buscando relacionar os educativos necessários a serem desenvolvidos no processo de ensino de voleibol na aula de Educação Física:

- 1 – observar a posição da foto, os apoios corporais, os grupos musculares, as articulações exigidas na realização do fundamento técnico;
- 2 – a tarefa do grupo é reproduzir a imagem da foto;
- 3 – identificar o fundamento técnico e elencar os educativos necessários no processo de ensino aos alunos;
- 4 – apresentar para o grande grupo.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- Em 1900, a rede foi levantada para 2,13 metros, padronizou-se a bola e foram determinados 21 pontos na composição de um *set*.
- No ano de 1912, a quadra passou a medir 18,18 metros de comprimento por 10,16 metros de largura, com dois campos de 9,9 metros e a rede de 2,28 metros de altura.
- Em 1912 também foi determinada a formação para o rodízio e cada partida com a disputa de dois *sets*.
- Ideia básica do jogo é lançar ou enviar a bola para o outro lado da quadra, por cima da rede para que toque o solo do adversário, assim marcando ponto.
- Voleibol de *Rally* é a tentativa de fazer a bola tocar o solo adversário e todo o percurso dela no ar e da troca de posse de bola.
- A equipe que vencer o *rally* vai somando pontos necessários para vencer o jogo.
- Em quadras cobertas, a superfície da área de jogo deverá possuir cores claras; nas quadras abertas é permitida uma inclinação na superfície de jogo de 5 milímetros por metro para fins de drenagem.
- As linhas possuem em geral a largura de 5 centímetros e devem possuir cor clara, diferente da cor do piso da quadra e de quaisquer outras linhas.
- Em cada quadra a zona de frente é limitada pelo eixo da linha central e a extremidade posterior da linha de ataque.
- A zona de saque é uma área de 9 metros de largura, situada após cada linha de fundo.
- A zona de substituição é delimitada pelo prolongamento imaginário de ambas as linhas de ataque até a mesa do apontador.
- A zona de troca do líbero é a parte da zona livre no lado do banco das equipes, limitada pela extensão da linha de ataque até a linha de fundo.
- A rede possui 1 m de altura por 9,5 a 10 metros de comprimento (com 25 a 50 centímetros adicionais além das faixas).
- As antenas são varas flexíveis com 1,8 metro de comprimento e 10 milímetros de diâmetro, fabricadas em fibra de vidro ou material similar.

- A bola será esférica, dotada de uma capa flexível de couro ou couro sintético, além de uma câmara interior feita de borracha ou material similar.
- São relacionados para o jogo 12 atletas, que devem estar registrados na súmula, os quais poderão fazer parte do jogo, portanto, na área de competição e controle.
- Cada jogador possui em seu equipamento individual a composição de camiseta, calção, meias uniformes e calçado esportivo.
- Os líberos têm equipamentos de cor diferente dos demais jogadores.
- A rotação é condicionada a formação inicial da equipe, e controlada pela ordem de saque e posição durante o *set* que se inicia.
- A bola está “em jogo” a partir do momento em que o sacador a golpeia, após a autorização de saque dada pelo 1º árbitro.
- Considera-se bola “dentro” quando ela toca o solo da quadra de jogo, incluindo as linhas de delimitação da mesma.
- Um toque é qualquer contato com a bola realizado por um jogador em jogo. Uma equipe terá direito a, no máximo, três toques - além do bloqueio - para enviar a bola ao adversário.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação às dimensões da quadra de voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () Retângulo de 18 metros por 9 metros.
- () Zona livre que circunda a quadra de 2 m.
- () A quadra deve ter 7 metros a partir da superfície de jogo.
- () Em jogos de competições mundiais e oficiais da FIVB, a zona livre deve medir, no mínimo, 5 metros a partir das linhas laterais e 8 metros a partir das linhas de fundo. O espaço livre de jogo deve medir, no mínimo, 12,5 metros de altura a partir da superfície de jogo.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V.

2 Quanto à superfície do jogo, assinale a alternativa correta:

- a) () Nas quadras em recintos fechados é permitida uma inclinação na superfície de jogo de 5 milímetros por metro para fins de drenagem.
- b) () Em quadras cobertas, a superfície da área de jogo deverá possuir cores claras.
- c) () Linhas de marcação da quadra fabricadas em material sólido são liberadas e incentivadas pela CBV.
- d) () Tanto em quadras cobertas quanto em quadras abertas, a superfície da área de jogo deverá possuir cores claras e escuras, de acordo com o critério da cidade onde está a quadra.

3 Em relação às antenas que fazem parte da rede do voleibol, analise as seguintes sentenças:

As antenas são varas flexíveis com 1,8 metro de comprimento e 10 milímetros de diâmetro, fabricadas em fibra de vidro ou material similar.

E são consideradas

Como parte integrante da rede e demarcam os limites laterais do espaço de cruzamento.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas são afirmações falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não têm relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.

4 Sobre as zonas, assinale a alternativa verdadeira:

- a) () A zona de troca do líbero é delimitada pelo prolongamento imaginário de ambas as linhas de ataque até a mesa do apontador.
- b) () Zona de substituição é a parte da zona livre no lado do banco das equipes, limitada pela extensão da linha de ataque até a linha de fundo.
- c) () Em cada quadra a zona de frente é limitada pelo eixo da linha central e a extremidade posterior da linha de ataque.
- d) () A zona de saque é uma área de 11 metros de largura, situada após cada linha de fundo.



SISTEMAS DE JOGO E COMPREENSÃO TÁTICA

1 INTRODUÇÃO

"O esporte tem força para mudar o mundo"
(Nelson Mandela)

Neste tópico, vamos estudar os sistemas de jogo e compreensão tática do voleibol, aprendendo que o voleibol tem vários sistemas que podem ser utilizados de acordo com cada condição de jogo, contribuindo para o seu conhecimento na prática desta modalidade esportiva.

Neste tópico, falaremos dos aspectos táticos do voleibol, sobre os sistemas ofensivos e os sistemas de recepção de saque, assim como os sistemas defensivos.

2 OS ASPECTOS TÁTICOS DE VOLEIBOL

Para Weineck (1999), aspectos táticos se referem à capacidade cognitiva e técnica concebida, que é adquirida assim como a capacidade psicofísica. Desta maneira, direcionada para um comportamento ideal em competições, em que mobilize todo o potencial individual do praticante. Naveiras (1984) sinaliza que para a questão técnica adquirir um significado no âmbito da atividade esportiva, faz-se necessário o cumprimento de uma função específica dentro do jogo ou da modalidade esportiva. A partir disso se caracteriza como uma aplicação tática básica, em que se utiliza a técnica para resolver problemas.

Para Greco e Chagas (1992), pode ser dividida em tática individual, tática de grupo e tática coletiva. A tática individual se refere a um comportamento do praticante em que suas ações são coordenadas e permitem processos interpretativos na unidade de tempo e espaço, os quais, dotados de intencionalidade, são dirigidos a objetivos bem estruturados e determinados. As táticas de grupo se referem a ações coordenadas entre três praticantes em busca do cumprimento exigido. A tática coletiva se sustenta a partir de ações simultâneas sucessivas em que todos os jogadores procuram, de maneira sincrônica, a efetivação da ação exigida.

Garganta (1997), em seus estudos, sustenta que os princípios táticos são um conjunto de normas que proporcionam aos praticantes a melhor forma de resolver problemas em decorrência das ações do jogo. Tais circunstâncias evidenciam

a necessidade pautada na resolução de problemas. Para Demo (1996), todo o processo educativo está sustentado em perspectivas instrumentais e propedêuticas em que se precisa aprender a aprender e saber pensar. Neste sentido, são todos os instrumentos necessários que o esporte, em seus sistemas e posicionamentos táticos, proporciona.

2.1 SISTEMAS OFENSIVOS

Caracterizam-se através da disposição que os jogadores assumem quando estão na condição de ataque. A partir disso, é a forma como os atacantes se posicionam e se estruturam na quadra, havendo atacantes que se utilizam da cortada ou qualquer outra ação de passar a bola para a quadra adversária e de levantadores que alimentam esses atacantes.

Os sistemas aplicados ao voleibol mais desenvolvidos e utilizados são os 6x6, o 3x3, o 4x2 simples, 4x2 com infiltração e o 5x1. O primeiro número indica o número de cortadores ou atacantes, e o segundo número, de levantadores que estarão a executar a ação.

2.1.1 Conhecendo os sistemas ofensivos

SISTEMA 6x6 ou 6x0

No sistema de jogo 6x6, todos os jogadores em quadra ocupam a função de levantadores e atacantes, não havendo a especialização por funções e posições. A zona de levantamento é a posição 3, no que tange ao rodízio de saque. Quando um jogador estiver nessa posição, realizará a função de levantador, tendo nas outras posições da zona ofensiva a função de atacante.

É o sistema mais utilizado pelos praticantes iniciantes do jogo. Possui grande facilidade de compreensão e, conseqüentemente, de assimilação, afinal não ocorrem trocas de posições e infiltrações, que fazem parte de sistemas mais complexos.

FIGURA 20 - POSICIONAMENTO NO RODÍZIO

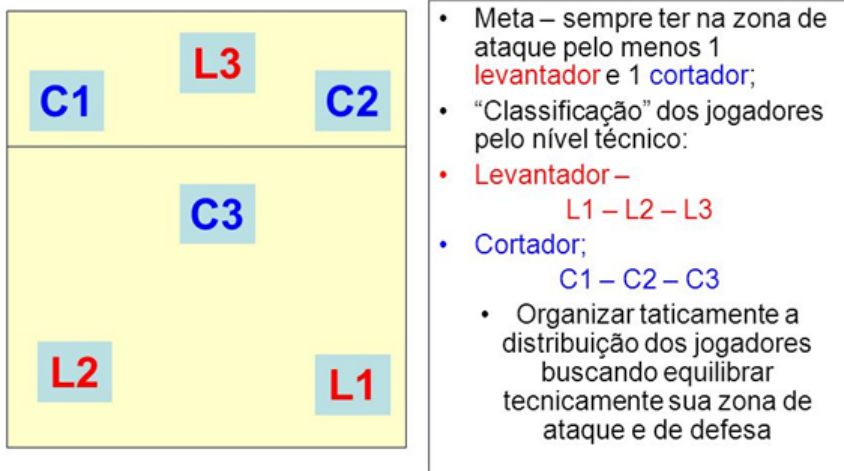


FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/jJwdOY>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SISTEMA 3X3

Este sistema, Champagnat (s.d.), caracteriza-se por três cortadores e três levantadores. Na posição inicial, a distribuição dos jogadores é realizada alternando um levantador e um atacante cortador. Em tempos atuais tal sistema é pouco utilizado, em decorrência do desenvolvimento do jogo. Nas passagens de rodízio de saque haverá momentos em que haverá dois levantadores na zona de ataque. Bem utilizado com iniciantes, pela não existência de infiltração e trocas de posição.

FIGURA 21 – SISTEMA 3X3



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/6u6vEE>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SISTEMA 4X2 SIMPLES

Neste sistema, o avanço da especialização das funções dos jogadores dentro da zona ofensiva e defensiva fica mais evidente e funcional. Os locais de atuação dos jogadores são qualificados como "zonas de responsabilidade predeterminadas", em que podemos verificar distintamente as funções de quatro atacantes e dois levantadores. As trocas realizadas visam uma melhor disposição, equilíbrio e fortalecimento dos sistemas, por meio das habilidades técnicas e características individuais dos jogadores.

As trocas realizadas visam uma melhor disposição, equilíbrio e fortalecimento dos sistemas, por meio das habilidades técnicas e características individuais dos jogadores.

1º Posicionamento: A Posição Inicial (PI) - relacionada ao posicionamento dos jogadores no rodízio de saque para a formação do Sistema de Recepção e de Ataque.

2º Posicionamento: A Posição Final (PF) - relacionada com as trocas de posições, quando os jogadores se deslocam para a sua Posição de Especialidade para comporem o Sistema Defensivo.

As funções de acordo com as zonas de responsabilidades predeterminadas estão assim divididas: P = 2 atacantes de ponta - atuam nas posições 4 e 5; M = 2 atacantes de meio - atuam nas posições 3 e 6; L = 2 levantadores - atuam nas posições 1 e 2.

FONTE: Disponível em: <<http://educacaofisicanamente.blogspot.com.br/2012/05/taticas-basicas-do-voleibol.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

FIGURA 22 – SISTEMA 4X2



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/IUwZes>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

A posição inicial dos jogadores deve ser oposta por funções, para que tenhamos sempre, em ambas as zonas, um levantador, um atacante de meio e um de ponta. Então teremos um levantador na posição 2 e outro na posição 5, um atacante de meio na posição 3 e outro na posição 6 e um atacante de ponta na posição 4 e outro na posição 1 (CHAMPAGNAT, s.d.).

SISTEMA 4X2 COM INFILTRAÇÃO

Comparando-o com o sistema 4x2 simples, temos duas mudanças básicas:

1º - A infiltração: A distribuição das bolas nos levantamentos está sob a responsabilidade do levantador, que ocupa a zona defensiva (posições 1, 6 e 5), e "infiltra" entre os atacantes para efetivar sua distribuição, seja na formação do Sistema de Recepção ou do Sistema Defensivo.

2º - A Zona de Levantamento: Em virtude de sempre haver três atacantes na Zona Ofensiva, a Zona de Levantamento é na posição 2 1/2, ou seja, entre os atacantes das posições 2 e 3.

As funções, de acordo com as zonas de responsabilidade predeterminadas, em relação à especialidade, estão assim divididas: P = 2 atacantes de ponta - atuam nas posições 5 e 4; M = 2 atacantes de meio - atuam nas posições 3 e 6; L/O = 2 levantadores/Opostos - atuam pela posição 2, como atacantes e pela posição 1 como

levantadores. O levantador/atacante que está na Zona Ofensiva, ocupando-se da função de atacante, é chamado de Oposto ("O") ou Saída, sendo sua posição final a P2.

Na posição inicial um levantador/oposto estará na zona defensiva na posição 1 e o outro na posição 4, os pontas nas posições 2 e 5 e os meios nas posições 3 e 6.

4X2 COM INFILTRAÇÃO TROCAS DE POSICIONAMENTO

Na posição final, efetuada após o saque do adversário ou a favor, cada jogador ocupará a sua posição de especialidade, sendo os pontas nas posições 4 e 5, os meios nas posições 3 e 6 e os levantadores/oposto como atacante na posição 2 e como levantador na posição.

Na posição final, efetuada após o saque do adversário ou a favor, cada jogador ocupará a sua posição de especialidade, sendo os pontas nas posições 4 e 5, os meios nas posições 3 e 6 e os levantadores/oposto como atacante na posição 2 e como levantador na posição.

4X2 COM INFILTRAÇÃO - TROCAS DE POSICIONAMENTO

Na formação do Sistema de Recepção para o saque do adversário, como o levantador da Zona Defensiva não participa deste sistema, deverá realizar a infiltração, procurando "esconder-se" do saque adversário ocupando o espaço logo atrás do seu jogador correspondente, quer dizer, quando estiver na posição 1, estará logo atrás do jogador da posição 2; quando estiver na posição 6 estará logo atrás do jogador da posição 3; na posição 5, ocupará o espaço logo atrás do jogador 4.

Na função de levantador, depois de infiltrar, realizar o levantamento e aguardar a efetivação do ataque, deverá ir para a sua posição final, a posição 1, infiltrando por esta posição para efetuar os levantamentos, até o término do *rally*. Na situação do saque a favor para compor o sistema defensivo, o levantador deverá primeiramente realizar a troca de posição para a posição 1 e somente "infiltrará" depois da 1ª ação defensiva da sua equipe, e se for ele que realizará a 1ª ação defensiva, o levantador que atua como atacante na zona ofensiva ou o atacante de meio serão os responsáveis pelo levantamento.

A fim de não comprometer o sistema de recepção, no momento do saque adversário, enquanto o levantador realiza a infiltração, os demais jogadores permanecem em suas posições para definirem seus ataques nos locais preestabelecidos no sistema de ataque, para depois realizarem as trocas de posições, dirigindo-se às posições de especialização, a posição final, permanecendo nesta posição até o final do *rally*. Na formação do sistema defensivo, com saque a favor, todos os jogadores realizam simultaneamente as trocas de posições no momento do saque, dentro das suas respectivas zonas, dirigindo-se então para a sua posição final.

SISTEMA 5x1

Caracteriza-se por dispor de cinco atacantes e um levantador. Sistema atualmente utilizado pela esmagadora maioria das equipes de alto nível, sejam seleções nacionais ou clubes. A adoção desse sistema necessita das infiltrações, especialização dos jogadores e consequente maior habilidade individual para o sistema ser bem utilizado, pois é o mais difícil. Didaticamente, podemos dizer que o sistema 5x1 é a junção do sistema 4x2 simples com o sistema 4x2 com infiltração.

Com o levantador estando na zona ofensiva, atuará como no sistema 4x2 simples, realizando as trocas de posições e indo ocupar a zona de levantamento na posição 2, porém, quando nas posições da zona defensiva, procederá como no 4x2 com infiltração, realizando a infiltração e ocupando a zona de levantamento na posição 2 1/2. A atuação de somente um levantador é o que mais caracteriza o sistema 5x1.

O oposto recebe a função de ser mais um atacante. Quando o levantador está na zona ofensiva, ficando então com dois atacantes na rede, a utilização do ataque atrás da linha de 3 metros (ataque de fundo), principalmente na posição 1, é o desafogo do levantador. As funções, de acordo com as zonas de responsabilidade predeterminadas, em relação à especialidade, estão assim divididas: P = 2 atacantes de ponta - atuam nas posições 4 e 5; M = 2 atacantes de meio - atuam nas posições 3 e 6; O = 1 atacante de saída ou oposto - atua nas posições 1 e 2; L = 1 levantador - atua pelas posições 1 e 2 (CHAMPAGNAT, s.d.).

FIGURA 23 - SISTEMA DE JOGO 5 X 1



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/d4fHC3>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Na recepção do saque adversário, como a troca de posições antecipada infringiria a regra e comprometeria o sistema de recepção, somente o levantador realiza a troca, quando posicionado na zona ofensiva, e a infiltração, quando posicionado na zona defensiva, simultaneamente ao golpe do saque, enquanto os demais jogadores aguardam a efetivação do ataque nas posições em que se encontram, para depois realizarem as trocas para a sua posição de especialização, que será a sua posição final. O levantador, depois de infiltrar, realizar o levantamento e aguardar a efetivação do ataque, deverá ir para a sua posição final, a posição 1, infiltrando por esta posição para efetuar os levantamentos, até o término do *rally*. Quando na zona defensiva na posição 5 ou 6, realizará a troca para a posição 1, sistema defensivo, infiltrando depois da 1ª ação defensiva da sua equipe, e caso seja ele que realize a 1ª ação defensiva, o jogador de meio será o mais indicado para realizar o levantamento aos demais atacantes (CHAMPAGNAT, s.d., s.p.).



Se você quiser saber mais sobre os sistemas táticos do voleibol, acesse o vídeo:
https://www.youtube.com/watch?v=0MveG-m_nys.

3 SISTEMAS DE RECEPÇÃO DE SAQUE

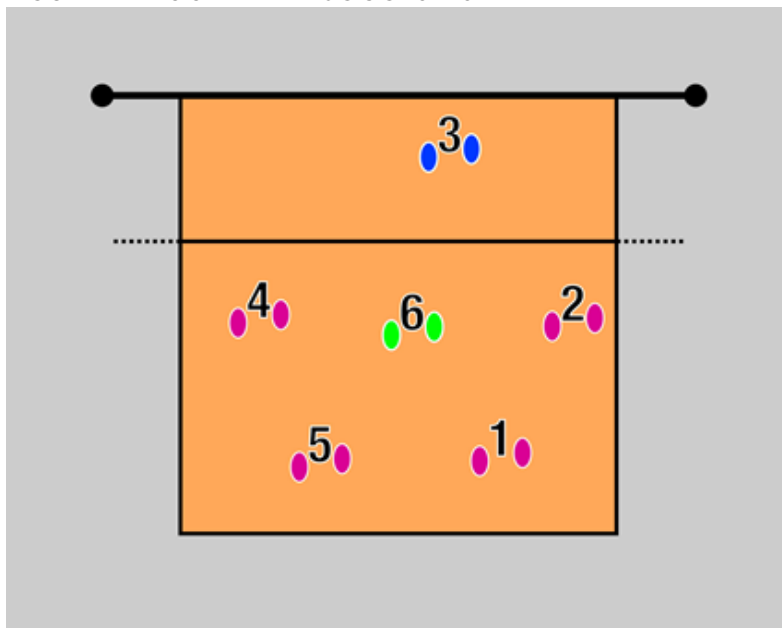
A recepção do saque é o primeiro elemento de jogo que se realiza dentro da sequência recepção, levantamento e finalização, sendo o primeiro contato de uma equipe para construir o seu ataque e recuperar o saque (CHAMPAGNAT, s.d.). A importância de uma boa recepção de saque se encontra na construção de um ataque bem-sucedido, uma vez que se a recepção for mal feita, a bola não chegará ao levantador nas condições certas para organizar um ataque efetivo.

A ação motora mais específica utilizada para o processo de recepção é a manchete, como visto na primeira unidade. Sistemas de recepção são estruturas ou sistemas que são utilizados para neutralizar o saque do adversário enviando a bola para o levantador nas melhores condições possíveis para a execução do levantamento, possibilitando a realização de uma finalização mais precisa e eficiente. Neste momento, tomaremos conhecimento de três sistemas bastante utilizados no processo de ensino-aprendizagem do voleibol, a saber: sistema de recepção em W; sistema de recepção em semicírculo; sistema dois receptores.

3.1 SISTEMA DE RECEPÇÃO EM W

O sistema de recepção utilizado por equipes iniciantes é o sistema de cinco jogadores em "W", porque é a maneira mais fácil de proteger os espaços de quadra das ações de saque do adversário. Neste sistema, cada jogador das posições 1, 2, 4, 5 e 6 é responsável pela recepção da bola numa área correspondente a um círculo com o raio de dois metros à sua volta. O jogador da posição 3 não deverá participar nas tarefas de recepção, ficando, desta forma, disponível para a realização do passe.

FIGURA 24 - SISTEMA DE JOGO 3 X 3



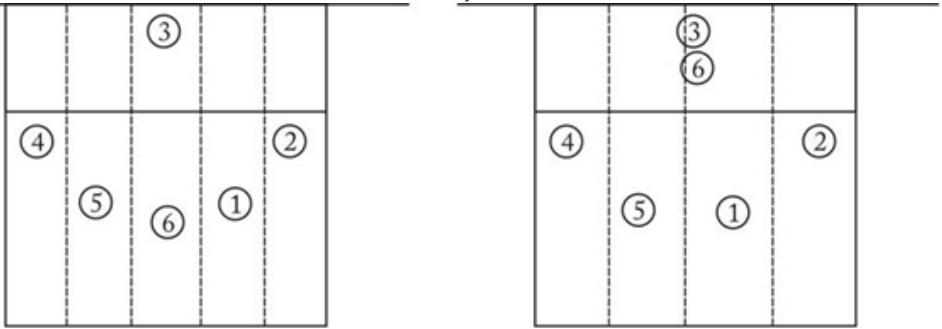
FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/FbDnn9>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Esse sistema está condicionado à característica do saque adversário. Caso o saque seja flutuante, a posição dos jogadores ficará recuada e mais adiantada. Devido à facilidade de aprendizagem, é bastante desenvolvido para iniciantes.

3.2 SISTEMAS DE RECEPÇÃO EM SEMICÍRCULO

Esse sistema pressupõe que cada jogador das posições 1, 2, 4, 5 e 6 (ou 1, 2, 4 e 5) é responsável pela recepção da bola numa área correspondente a uma área da quadra que vai desde a linha central até a linha de fundo.

FIGURA 25 - POSICIONAMENTO DE RECEPÇÃO DE BOLA

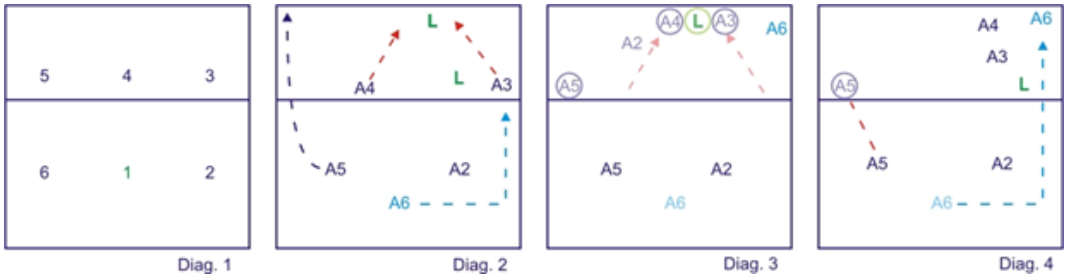


FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/4v6kgj>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

3.3 SISTEMA DOIS RECEPTORES

O sistema dois receptores é muito utilizado por equipes masculinas de níveis nacionais ou internacionais com saque flutuante do adversário. Estão implícitas nele as recepções com características muito precisas. Os pontas são os responsáveis pela recepção, e os atacantes de meio e o oposto são protegidos, para que se preocupem somente com seus ataques. Com o advento da função de líbero, houve um fortalecimento maior nesse posicionamento devido à especialidade do jogador nessa posição, que participa com os pontas no rodízio (CHAMPAGNAT, s.d.).

FIGURA 26 - TÁTICA DE COBERTURA DE ATAQUE



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/SXxCBp>>. Acesso em: 20 jan. 2017.



Se você quiser saber mais sobre as trocas de posições no sistema 5x1 - bloqueio e defesa, acesse o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=fV2Hlhjnk18>>.

4 SISTEMAS DEFENSIVOS

Os sistemas defensivos se caracterizam pela capacidade de se organizar com o objetivo de dificultar ou neutralizar as ações do adversário. Segundo Champagnat (s.d.), são articuladas entre as ações motoras de bloqueio e defesa de quadra, bem como na possibilidade, uma vez já de posse da bola, de efetuar o contra-ataque ao adversário, quer dizer, o preenchimento da quadra defensiva em formações por áreas distribuídas na quadra.

FIGURA 27 - BLOQUEIO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/q7YVY6>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Para Champagnat (s.d.), é uma ação de tática coletiva que depende da tática individual e da capacidade de leitura de jogo, pois trabalha com áreas de responsabilidade específicas e, se possível, com a análise da incidência do ataque adversário. O segredo é partir de uma posição que coloque os jogadores nas regiões em que há maior probabilidade de ataques fortes; bloqueio e linhas de ataque; e ainda favoreçam a pronta ação para outros tipos de ataque, como largadas, exploradas, ataques de meia força etc. A primeira decisão a ser tomada é o posicionamento dos jogadores da defesa de campo - P1, P6 e P5 - antes da ação do levantador adversário, que na verdade é quando se define de onde virá o ataque.

Tais posicionamentos se dão a partir da disposição dos bloqueadores, na medida em que os bloqueadores definem as áreas a serem preenchidas.

Existem três formações básicas para bloqueio e defesa, segundo Barros (2008), que se referem ao posicionamento inicial de defesa. O que significa saber que o posicionamento final de defesa será em função do número de bloqueadores e suas combinações, a saber:

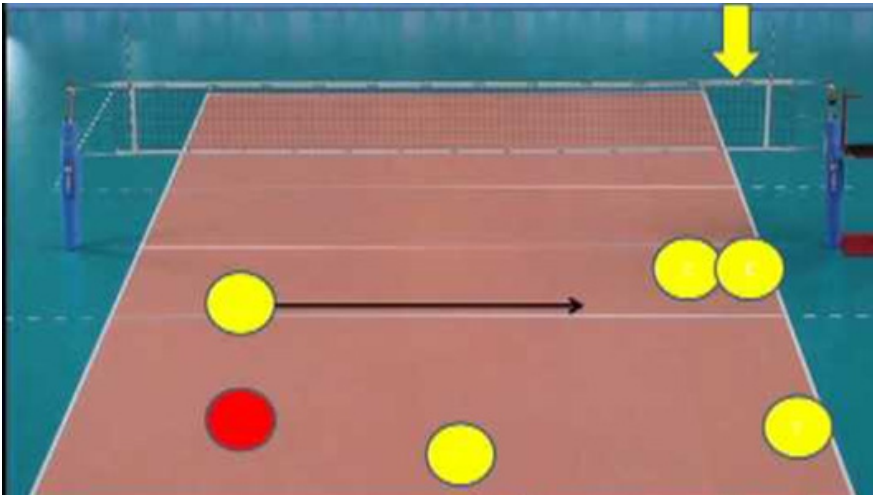
Armação 3.1.2 - centro avançado ou cobertura imediata.

Armação 3.2.1 - centro recuado ou cobertura imediata.

Armação com centro intermediário.

A armação 3.1.2 tem como característica básica a designação de um jogador (posição 6) para a cobertura de todas as ações de bloqueio, sendo, portanto, em muitos momentos, a contribuição de um defensor para ataques diretos do adversário.

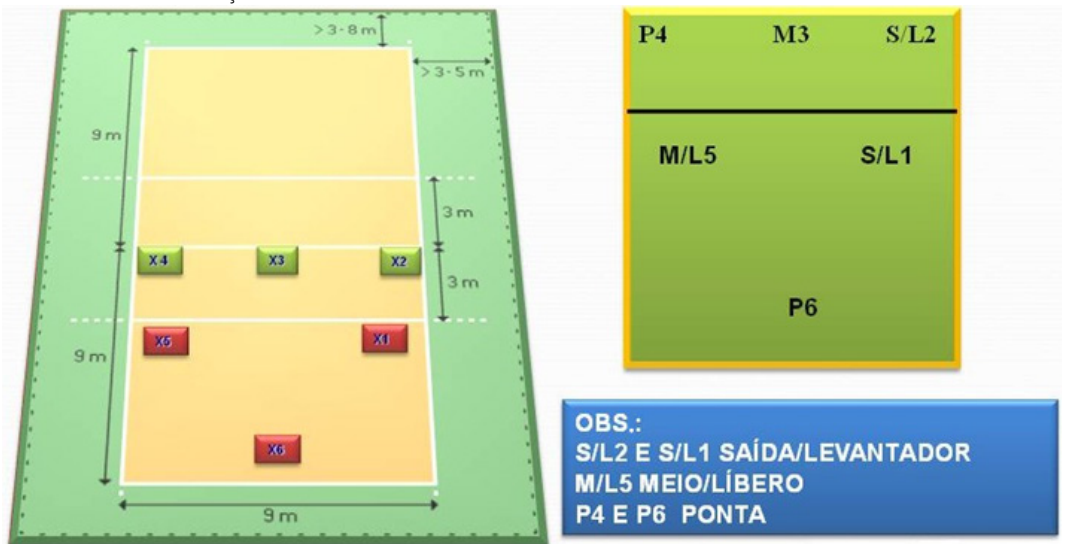
FIGURA 28 – SOBRA DO BLOQUEIO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/xqcvyD>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

A armação 3.2.1, no seu dispositivo final, apresenta a característica de utilizar todos os jogadores que não tomam parte no bloqueio como defensores sem estabelecer a responsabilidade específica, a um deles, de proteção ao bloqueio, e utiliza, entretanto, os jogadores das posições 1, 5 e o atacante que não tomar parte no bloqueio como responsável também pela cobertura, conforme a posição de ataque. Neste caso, existirão dois jogadores com função dupla de defender ou cobrir o bloqueio-cobertura à distância.

FIGURA 29 – POSIÇÃO BÁSICA OU INICIAL DE DEFESA



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/QIGbRq>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

A armação para bloqueio e defesa com centro intermediário é um misto das duas anteriores. O jogador que ocupa a posição 6 será o responsável pela decisão de, no momento do ataque adversário, adotar a armação de centro avançado ou recuado, de acordo com a ação do ataque adversário (BARROS, 2008).

Leia parte do artigo de autoria de Hirama et al. (2015), em que os autores apresentam uma proposta de ensino do voleibol para estimular o entendimento da dinâmica deste tipo de jogo, buscando reflexões táticas gradativamente mais complexas, paralelamente ao desenvolvimento das técnicas próprias da modalidade de forma consciente, estimulando nos alunos a compreensão das funções de cada uma delas.

LEITURA COMPLEMENTAR

A CONSTRUÇÃO TÁTICA NO VOLEIBOL

Principais ideias do artigo:

- As experiências apresentadas no artigo foram vivenciadas em dois espaços educacionais e tiveram duração de três anos cada. O primeiro espaço se refere a uma Organização Não Governamental (ONG) que oferecia aulas de voleibol na cidade de Campinas, para crianças e jovens de sete a 15 anos. O segundo espaço refere-se à equipe masculina com meninos de 15 anos participantes de um projeto socioeducativo na favela de Heliópolis - São Paulo, organizado por outra ONG, patrocinada por uma grande multinacional. Os autores testaram vários sistemas de jogo do voleibol.
- O primeiro sistema 6X0, com levantamento na posição 3, iniciava-se a partir da participação de todos os alunos em todas as posições. Algumas regras adaptadas foram utilizadas nos jogos com o objetivo de diminuir o ritmo do jogo e proporcionar maior tempo e liberdade para a resolução dos problemas. Como exemplo, apenas o jogador que estivesse na posição 3 poderia segurar a bola antes de executar o levantamento.
- Nesse sistema, 6X0, com escolha do levantador, após vivenciar o levantamento de todas as posições da rede, o aluno optaria, por livre escolha, quem, dos três jogadores da rede, seria o levantador, que o faria da posição em que estaria (posição 2, 3 ou 4), sem trocas ainda.

Vale a pena você ler esse artigo na íntegra, pois ele apresenta várias ideias de como trabalhar com o voleibol na escola, adaptando-o para adolescentes, por meio de uma consciência crítica e experiencial de vários sistemas táticos.

FONTE: Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8643439>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- O voleibol é composto por sistemas ofensivos e defensivos.
- Os sistemas ofensivos caracterizam-se pela posição que os jogadores assumem quando estão na condição de ataque.
- Os sistemas aplicados ao voleibol mais desenvolvidos e utilizados são os 6x6, 3x3, 4x2 simples, 4x2 com infiltração e o 5x1.
- O primeiro número de cada sistema indica o número de cortadores ou atacantes, e o segundo número, de levantadores que estarão a executar a ação.
- No sistema de jogo 6x6, todos os jogadores em quadra ocupam a função de levantadores e atacantes, não havendo a especialização por funções e posições.
- O sistema 3x3 se caracteriza por três cortadores e três levantadores.
- No sistema 4X2 simples, a especialização das funções dos jogadores dentro da zona ofensiva e defensiva fica mais evidente e funcional e a zona de levantamento é na posição 2.
- No sistema 4X2 com infiltração tem-se duas mudanças básicas, a primeira a infiltração e a segunda a zona de levantamento.
- No sistema 4x2 com infiltração há trocas de posicionamento, a posição final é efetuada após o saque do adversário ou a favor e cada jogador ocupará a sua posição de especialidade.
- No sistema 4x2 com infiltração há trocas de posicionamento, conforme o saque do adversário; como o levantador da Zona Defensiva não participa desse sistema, deverá realizar a infiltração, procurando se esconder do saque adversário.
- O sistema 5x1 é disposto por cinco atacantes e um levantador.
- A recepção do saque é o primeiro elemento de jogo que se realiza dentro da sequência recepção, levantamento e finalização.
- A ação motora mais específica utilizada para o processo de recepção é a manchete.
- O sistema de recepção pode ser de três tipos: o sistema de recepção em W, os sistemas de recepção em semicírculo e o sistema dois receptores.

- Os sistemas defensivos se caracterizam pela capacidade de se organizar para dificultar ou neutralizar as ações do adversário.
- Existem três formações básicas para bloqueio e defesa: a armação 3.1.2 - centro avançado ou cobertura imediata; a armação 3.2.1 - centro recuado ou cobertura imediata; e a armação com centro intermediário.
- A armação 3.1.2 objetiva designar um jogador (posição 6) para a cobertura de todas as ações de bloqueio.
- A armação 3.2.1 se caracteriza em utilizar todos os jogadores que não tomam parte no bloqueio como defensores, sem estabelecer a responsabilidade específica a cada um deles.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação aos sistemas ofensivos de um jogo de voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () Os sistemas ofensivos se caracterizam através da disposição que os jogadores assumem quando estão na condição de ataque.
- () Os sistemas ofensivos não têm relação com a forma como os atacantes se posicionam e se estruturam na quadra.
- () No sistema de jogo 4x2, todos os jogadores em quadra ocupam a função de levantadores e atacantes, não havendo a especialização por funções e posições.
- () Os sistemas aplicados ao voleibol mais desenvolvidos e utilizados são os 6x6, o 3x3, o 4x2 simples, 4x2 com infiltração e o 5x1. O primeiro número indica o número de cortadores ou atacantes, e o segundo número, de levantadores que estarão a executar a ação.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V.

2 Em relação aos sistemas defensivos, assinale a alternativa verdadeira:

- a) () Existem duas formações básicas para bloqueio e defesa, que referem-se ao posicionamento inicial de defesa. Como exemplo, armação sem centro intermediário e armação 4.1.2 centro avançado.
- b) () Os sistemas defensivos se caracterizam pela capacidade de se organizar com o objetivo de dificultar ou neutralizar as ações do adversário.
- c) () Os sistemas defensivos não envolvem as ações motoras de bloqueio e defesa de quadra, mas em posse de bola pode efetuar o contra-ataque ao adversário.
- d) () O ideal de um bom sistema defensivo é deixar os jogadores livres em qualquer posição em que não há maior probabilidade de ataques fortes; mas que consigam bloquear.

3 Em relação ao sistema de jogo 4 x 2, analise as seguintes sentenças:

A zona de levantamento é na posição 2. Neste sistema, podemos distinguir dois posicionamentos táticos bem específicos.

Estes posicionamentos podem ser

A Posição Inicial, que se relaciona ao posicionamento dos jogadores no rodízio de saque para a formação do Sistema de Recepção e de Ataque; E a Posição Final, que diz respeito às trocas de posições, quando os jogadores se deslocam para a sua Posição de Especialidade para comporem o Sistema Defensivo.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas afirmações são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não têm relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.
- 4 Existem três formações básicas para bloqueio e defesa, que se referem ao posicionamento inicial de defesa. Sobre esse posicionamento, assinale a alternativa verdadeira:
- a) () A armação 3.2.1 apresenta a característica de utilizar todos os jogadores que não tomam parte no bloqueio como defensores.
- b) () A armação 3.1.2 utiliza os jogadores das posições 1, 5 e o atacante, que não tomam parte no bloqueio como responsáveis.
- c) () A armação 3.1.2 tem como característica básica a designação de um jogador (posição 6) para a cobertura de todas as ações de bloqueio.
- d) () Na armação para bloqueio e defesa com centro intermediário, o jogador que ocupa a posição 6 será o responsável pela decisão de, no momento da defesa do adversário, adotar a armação de centro avançado ou recuado, de acordo com a ação defensiva do adversário.



CONHECENDO OS PROCEDIMENTOS DE ARBITRAGEM E A SÚMULA DE VOLEIBOL

1 INTRODUÇÃO

"Sucesso é um esporte coletivo.
Demonstre gratidão a todos os que colaboram com suas vitórias"
(Carlos Hilsdorf)

Neste tópico, vamos estudar os procedimentos de arbitragem e a súmula de voleibol, aprendendo as regras que compõem o jogo de voleibol, contribuindo para o seu conhecimento na prática desse esporte.

Neste tópico, veremos sobre a arbitragem no voleibol, sobre a súmula e as instruções para preenchimento da súmula de voleibol.

2 ARBITRAGEM NO VOLEIBOL

O manual de arbitragem (MV, 2014) assevera que os árbitros sinalizem o final de uma jogada apenas se as duas condições a seguir forem cumpridas:

- 1) Ter a certeza de que uma falta foi cometida ou há uma interferência externa.
- 2) Ter identificada a natureza da falta.

Os árbitros devem utilizar os sinais manuais oficiais para informar a equipe vencedora de cada *rally* e/ou natureza da falta cometida. Apenas esses sinais manuais, nenhum outro sinal nacional ou particular deve ser usado. Devido à velocidade do jogo, problemas podem surgir mostrando erros de arbitragem. Para minimizar esses erros, a equipe de arbitragem deve agir em conjunto, depois de cada ação jogada devem se comunicar visualmente para confirmar suas decisões (MV, 2014).

2.1 PRIMEIRO ÁRBITRO

O primeiro árbitro deve sempre cooperar com os seus auxiliares de quadra (segundo árbitro e apontador); deve deixá-los trabalhar dentro de sua competência e autoridade; deve exercer suas atividades em pé. Por exemplo: depois de apitar o

final de uma jogada, o primeiro árbitro deve imediatamente olhar para os outros auxiliares e só então tomar a sua decisão final com os sinais manuais oficiais (CBV, 2014).

Ao decidir se uma bola foi dentro ou fora, o árbitro deve sempre olhar para o segundo árbitro; durante a partida, o primeiro árbitro deve observar o gestual do segundo árbitro, identificando possíveis irregularidades, antes de determinar o ponto e/ou autorização para o saque. O primeiro árbitro deve sempre se certificar de que o segundo árbitro e o apontador têm tempo suficiente para fazer o seu trabalho administrativo e de registro (CBV, 2014).

2.2 SEGUNDO ÁRBITRO

O segundo árbitro deve ter as mesmas competências que o primeiro árbitro, substituindo-o em caso de ausência ou por não poder continuar na sua função. Durante as situações de jogo perto da rede, o segundo árbitro deve se concentrar em controlar o toque ilegal de toda a rede do lado dos bloqueadores, em todas as invasões ilegais além da linha central e nas ações ilegais em execução no lado da equipe que recebe o ataque. Atenção deve ser dada para a mudança da regra relativa ao toque na rede por um jogador. O novo texto regulamenta que tocar a rede não é uma falta. Só quando o toque na rede por um jogador interfere com o jogo é considerada uma falta.

2.3 APONTADOR

O apontador desempenha suas funções sentado na mesa do apontador, no lado oposto e de frente para o primeiro árbitro. Ele mantém a súmula de acordo com as regras, cooperando com o 2º árbitro. Ele usa uma campainha ou outro aparelho sonoro para comunicar irregularidades ou sinalizar aos árbitros o que estiver sob sua responsabilidade.

Antes da partida e do set, o apontador:

- registra os dados da partida e das equipes, incluindo o nome e o número do jogador líbero, de acordo com os procedimentos em vigor e colhe as assinaturas dos capitães e dos técnicos;
- registra a formação inicial de cada equipe a partir da papeleta de formação inicial. Caso não receba a papeleta a tempo, ele imediatamente informa o fato ao segundo árbitro.

Durante a partida o apontador

- registra os pontos marcados;
- controla a ordem de saque de cada equipe e avisa aos árbitros sobre qualquer erro, imediatamente após o saque;

- está encarregado de reconhecer e anunciar solicitações de substituições dos jogadores pelo uso da campainha, e de registrar as substituições e tempos, controlando seu número e informando o segundo árbitro;
- notifica os árbitros sobre solicitações de interrupções regulares que sejam indevidas;
- anuncia aos árbitros o fim dos *sets* e a marcação do 8º ponto no *set* decisivo;
- registra advertências por conduta imprópria, punições e solicitações indevidas;
- registra todos os outros eventos conforme instruído pelo segundo árbitro, por exemplo: substituições excepcionais, tempo de recuperação, interrupções prolongadas, interferência externa;
- controla o intervalo entre os *sets*.

Ao final da partida, o apontador:

- registra o resultado final;
- em caso de protesto, com a prévia autorização do primeiro árbitro, escreve ou permite ao capitão da equipe em jogo escrever na súmula sua versão sobre os fatos protestados;
- assina a súmula, colhendo, logo após, as assinaturas dos capitães das equipes e então a dos árbitros.

FONTE: Disponível em: <<http://2017.cbv.com.br/pdf/regulamento/GUIA-DE-ARBITRAGEM-16-17.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

2.4 O APONTADOR ASSISTENTE

O apontador assistente, segundo a CBV (2014), desempenha suas funções sentado ao lado do apontador, na mesa do apontador:

- Ele registra as trocas envolvendo o líbero.
- Ele assiste ao apontador em suas tarefas administrativas.

Se o apontador se tornar incapaz de prosseguir seu trabalho, o apontador assistente o substituirá.

Antes da partida e do *set*, o apontador assistente:

- prepara a folha de controle do líbero;
- prepara a súmula reserva.

Durante a partida, o apontador assistente:

- registra os detalhes das trocas/redesignações do líbero;
- informa aos árbitros qualquer falta na troca do líbero, usando a campainha;
- inicia e encerra o Tempo Técnico;
- opera o placar manual na mesa do apontador;

- confere se os placares estão corretos;
- se necessário, atualiza a súmula reserva e a entrega para o apontador.

Ao final da partida, o apontador assistente:

- assina o formulário de controle do líbero e a submete à conferência;
- assina a súmula.

2.5 JUÍZES DE LINHA

Somente dois juízes de linha são utilizados. Segundo a CBV (2014) e MV (2014), eles se posicionam nos ângulos da quadra mais próximo à mão direita de cada árbitro, diagonalmente, posicionados de 1 m a 2 m de cada ângulo. Cada um deles controla ambas as linhas, de fundo e lateral, do seu lado. Para competições mundiais e oficiais FIVB, é obrigatória a utilização de quatro juízes de linha. Eles se posicionam na zona livre, entre 1 m e 3 m de cada ângulo da quadra, sobre o prolongamento imaginário da linha que controlam.

2.6 SINAIS MANUAIS DOS OFICIAIS - ÁRBITROS

Os árbitros devem indicar, através da sinalização manual oficial, a razão de seus apitos (natureza da falta apitada ou o objetivo da interrupção autorizada). A sinalização deve ser mantida por um instante e, se efetuada com uma mão, a mão deve ser a correspondente ao lado da equipe faltosa ou solicitante. Os juízes de linha devem indicar, através da sinalização oficial, com a bandeira, a natureza da falta cometida e mantê-la por um momento.

FIGURA 30 - ARBITRAGEM



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/Ze8OGa>>. Acesso em: 20 fev. 2017.



Se você quiser saber mais sobre os sinais e gestos da arbitragem no voleibol, acesse o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=pl3s-dzTau0>>.

3 A SÚMULA

A súmula é o documento oficial do jogo. Nela constam todos os acontecimentos passíveis de acompanhamento. Nela são anotadas as faltas, pontos, nome de árbitros e jogadores, assim como ordem de saque, entre outras coisas.

3.1 INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DA SÚMULA DE VOLEIBOL

Antes do jogo o apontador deve observar todas as linhas e quadrantes que identificam o jogo que será iniciado.

Na parte superior do formulário preencher:

Nome da competição

Local - cidade - código do país

Local - nome do estádio ou ginásio

Rodada a ser jogada e indicar a fase que segue

Número do jogo

Divisão masculina e feminina (sinalizar com x no quadrante)

Categoria: adulto; juvenil; infantojuvenil; (colocar com x no quadrante)

Data (dia, mês e ano)

Horário do início do jogo

Código das equipes e sinalizar qual é equipe A e B.

FIGURA 31 – MODELO DE FORMULÁRIO

FONTE: CBV (2104)

Nos quadrantes da parte inferior direita:

Colocar os nomes à esquerda e à direita; respectivamente, equipe A e equipe B.

Número e nome dos jogadores de cada equipe - fazer um círculo no capitão da equipe. Importante perceber se o número do líbero atuante tiver sido determinado e publicado anteriormente, deverá ser registrado apenas na primeira linha especial para líberos, mencionada na súmula. O líbero reserva deverá ser registrado na segunda linha.

Registrar na súmula T: técnico; PF: preparador físico; AT: assistente técnico; M: médico.

Registrar a assinatura dos capitães das equipes e assinatura dos técnicos.

Na parte superior à esquerda, denominada APROVAÇÃO, escrever os nomes do estado ou país, dos árbitros, apontadores e juízes de linha.

3.2 SORTEIO INICIAL PARA O SAQUE

Antes de começar o jogo, o apontador deve obter as seguintes informações do primeiro árbitro:

O lado de ataque no qual cada equipe irá começar.

Equipe que sacará primeiro.

Do segundo árbitro, as seguintes informações:

Verificar a posição de cada jogador que iniciará a partida.

Ordem de saque.

Durante o jogo, o apontador registra os saques de cada jogador e controla o resultado de cada saque. Seguindo a ordem dos quadrantes numerados de 1 a 8, na coluna em que está registrado o número do jogador que saca, correspondente às quatro linhas marcadas RODADAS DE SAQUE na parte inferior dos quadrantes do *set*.

O primeiro saque é indicado marcando (v) no número do quadrante marcado 1, na coluna do jogador que saca. Uma vez que a equipe tenha perdido o saque, o número total de pontos marcados pela equipe que sacou até este ponto no jogo é registrado nesse quadrante.

O apontador no lado do time adversário marca um x no quadrante 1 da coluna I. A equipe deverá executar a rotação, e o jogador cujo número está registrado na coluna I executa o saque.

3.3 REGISTRANDO SANÇÕES DE MÁ CONDUTA

Para solicitações indevidas: qualquer tipo de solicitação indevida, no momento de sua rejeição pelos árbitros, deve ser registrada colocando um **x** em cima da letra correspondente ao time solicitante na parte **Solicitação Indevida**; perto do quadro de sanções (CBV, 2014).

Para solicitações de má conduta: todas as sanções de má conduta devem ser registradas no quadrante da parte inferior esquerda da súmula, marcando o número do jogador sancionado assinalando: P: Penalidades; E: Expulsão; D: Desqualificado.

Para sanções de retardamento: devem ser registradas na parte inferior esquerda do quadrante da súmula, marcando R para sanções de retardamento na coluna correspondente: A para advertência, P para penalidade.

3.4 APÓS O JOGO

Ao final de cada *set*, o apontador registra no quadro de resultados:

- O nome da equipe A na seção esquerda do quadrante e o nome da equipe B à direita.
- Na coluna intitulada *SET* (duração) oposta ao número de cada *set* jogado, o apontador coloca entre parênteses o tempo que o *set* durou e no quadrante marcado **DURAÇÃO TOTAL DOS SETS** o apontador registra a duração total em minutos de todos os *sets* jogados.
- Na coluna de **PONTOS** de cada equipe o apontador escreve, no quadrante correspondente a cada *set*, os pontos marcados pelas respectivas equipes, e no quadrante correspondente à linha **TOTAL** o apontador registra a soma dos pontos marcados em todos os *sets* jogados.
- Na coluna marcada **V** o apontador escreve o nº 1 no quadrante correspondente a cada *set* ao lado da equipe que ganhou cada *set* e registra a soma dos *sets* ganhos por cada equipe no quadrante correspondente à linha **TOTAL**.
- Na coluna marcada **S** (substituições) o apontador escreve no quadrante correspondente para cada *set* o número de substituições feitas pelas respectivas equipes.
- Na coluna **T** (tempos e descansos) aponta e registra no quadrante a cada *set* o número de tempos de descanso concedidos para a respectiva equipe. No quadrante correspondente à linha **TOTAL** o apontador registra os totais de tempos concedidos para cada equipe durante todos os *sets* jogados; se não tiver tempo, marcar 0. O apontador registra a hora de início e hora de término do jogo nos quadrantes correspondentes na seção inferior e indica a duração total do jogo na seção à direita.
- Na última linha o apontador registra o nome da equipe vencedora. O apontador registra ou permite a autorização do primeiro árbitro a qualquer protesto apresentado no devido tempo. Finalmente, o recolhimento das assinaturas de **APROVAÇÃO** do apontador, dos dois capitães, o segundo árbitro e do primeiro árbitro.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- O manual de arbitragem assevera que os árbitros sinalizem o final de uma jogada apenas se as seguintes condições forem cumpridas: Ter a certeza de que uma falta foi cometida ou há uma interferência externa; ter identificado a natureza da falta.
- Os árbitros devem utilizar os sinais manuais oficiais para informar a equipe vencedora de cada *rally* e/ou natureza da falta cometida.
- Apenas os sinais manuais, mais nenhum outro sinal nacional ou particular deve ser usado.
- O primeiro árbitro deve sempre cooperar com os seus auxiliares de quadra (segundo árbitro e apontador).
- O segundo árbitro deve ter as mesmas competências que o primeiro árbitro, substituindo-o em caso de ausência ou por não poder continuar na sua função. Durante as situações de jogo perto da rede, o segundo árbitro deve se concentrar em controlar o toque ilegal de toda a rede do lado dos bloqueadores.
- O apontador desempenha suas funções sentado na mesa do apontador, no lado oposto e de frente para o primeiro árbitro. Ele mantém a súmula de acordo com as regras, cooperando com o 2º árbitro.
- Antes da partida e do *set*, o apontador registra os dados da partida e das equipes incluindo o nome e o número do jogador líbero; e registra a formação inicial de cada equipe a partir da papeleta de formação inicial.
- Durante a partida, o apontador deve registrar os pontos marcados; controlar a ordem de saque de cada equipe e avisar aos árbitros sobre qualquer erro, imediatamente após o saque; entre outras tarefas.
- Ao final da partida, o apontador deve registrar o resultado final.
- O apontador assistente desempenha suas funções sentado ao lado do apontador na mesa do apontador, registrando as trocas envolvendo o líbero; e ajudando o apontador em suas tarefas administrativas.
- Somente dois juízes de linha se posicionam nos ângulos da quadra mais próximo à mão direita de cada árbitro, diagonalmente, posicionados de 1 m a 2 m de cada ângulo.

- Os árbitros devem indicar, através da sinalização manual oficial, a razão de seus apitos (natureza da falta apitada ou o objetivo da interrupção autorizada).
- A súmula é o documento oficial do jogo e nela constam todos os acontecimentos passíveis de acompanhamento.
- O sorteio inicial para o saque deve ser feito pelo apontador antes de começar o jogo, apontando o lado de ataque no qual cada equipe irá começar e qual equipe sacará primeiro.
- Após o jogo e ao final de cada *set* o apontador registra no quadro de resultados, ou seja, o nome da equipe A na seção esquerda do quadrante e o nome da equipe B à direita.
- Na coluna intitulada *SET* (duração), o apontador coloca entre parênteses o tempo que o *set* durou e registra a duração total em minutos de todos os *sets* jogados.
- Na coluna de PONTOS de cada equipe o apontador escreve os pontos marcados pelas respectivas equipes e registra a soma dos pontos marcados em todos os *sets* jogados.
- Na coluna marcada **V** o apontador escreve ao lado da equipe que ganhou cada *set* e registra a soma dos *sets* ganhos por cada equipe no quadrante correspondente à linha TOTAL.
- Na coluna marcada **S** (substituições) o apontador escreve no quadrante correspondente para cada *set* o número de substituições feitas pelas respectivas equipes.
- Na coluna **T** (tempos e descansos), aponta e registra no quadrante a cada *set* o número de tempos de descanso concedidos para a respectiva equipe.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação aos árbitros de um jogo de voleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () O primeiro árbitro não deve cooperar com os seus auxiliares de quadra (segundo árbitro e apontador), pois estes têm que obedecer as suas ordens.
- () O primeiro árbitro deve deixar seus auxiliares trabalhar dentro de sua competência e autoridade e exercer suas atividades em pé.
- () Durante as situações de jogo perto da rede, o segundo árbitro não precisa marcar o toque ilegal de toda a rede do lado dos bloqueadores, invasões ilegais além da linha central, pois isto faz parte do trabalho do apontador.
- () O segundo árbitro deve ter as mesmas competências que o primeiro árbitro, substituindo-o em caso de ausência ou por não poder continuar na sua função.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V.

2 Em relação ao trabalho do apontador, antes da partida e do *set*, assinale a alternativa verdadeira:

- a) () Está encarregado de reconhecer e anunciar solicitações de substituições dos jogadores pelo uso da campainha, e de registrar as substituições e tempos, controlando seu número e informando o segundo árbitro.
- b) () Registra os dados da partida e das equipes, incluindo o nome e o número do jogador líbero, de acordo com os procedimentos em vigor, e colhe as assinaturas dos capitães e dos técnicos; e anota a formação inicial de cada equipe a partir da papeleta de formação inicial.
- c) () Em caso de protesto, com a prévia autorização do primeiro árbitro, escreve ou permite ao capitão da equipe em jogo escrever na súmula sua versão sobre os fatos protestados.
- d) () Controla o intervalo entre os *sets*.

3 Em relação aos juízes de linha, analise as seguintes sentenças:



Afirmiação 1: Somente dois juízes de linha são utilizados, e eles se posicionam nos ângulos da quadra mais próximo à mão direita de cada árbitro, diagonalmente, posicionados de 1 m a 2 m de cada ângulo.

Afirmiação 2: Cada um deles controla a súmula, registrando os detalhes das trocas/redesignações do líbero e operando o placar manual na mesa do apontador.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas afirmações são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não têm relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.

4 (ENADE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2011) Ao ensinar o voleibol na escola, Marcela, professora de Educação Física do 6º e do 7º ano de Ensino Fundamental, desenvolve algumas situações de jogo no processo de ensino-aprendizagem. Considerando essa situação, avalie quais dos objetivos apresentados a seguir a professora deve priorizar no planejamento de suas aulas de voleibol.

- I. Aplicar os elementos técnico-táticos e as condições fisiológicas para a prática, visando somente a vitória na competição.
- II. Respeitar o estágio de desenvolvimento do estudante para a organização e a inclusão de regras.
- III. Desenvolver noções táticas e técnicas que garantam a participação de todos para a fluência do jogo.
- IV. Desenvolver fundamentos gerais que possam ser utilizados em outros jogos.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) () I e II.
- b) () I e III.
- c) () III e IV.
- d) () I, II e IV.
- e) () II, III e IV.

VOLEIBOL NO AMBIENTE ESCOLAR

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- perceber o voleibol como possibilidade de aprendizagem no contexto escolar;
- conhecer o minivoleibol como instrumento de aprendizagem do esporte voleibol;
- reconhecer processos educativos dos fundamentos básicos do voleibol na escola;
- compreender o voleibol adaptado e as possibilidades em um ambiente escolar;
- observar a relação entre jogos e brincadeiras no voleibol adaptado.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em dois tópicos. Em cada um deles você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conhecimentos abordados.

TÓPICO 1 - VOLEIBOL E O ENSINO ESCOLAR

TÓPICO 2 - VOLEIBOL ADAPTADO



VOLEIBOL E O ENSINO ESCOLAR

1 INTRODUÇÃO

"A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida" (Sêneca)

Neste tópico, vamos estudar o voleibol e o ensino escolar, desde as regras simples que podem ser aplicadas na escola para o ensino do voleibol, até algumas variantes da modalidade do voleibol escolar, contribuindo para o seu conhecimento na prática desse esporte.

Iniciaremos os estudos verificando o processo ensino-aprendizagem na Educação Física, na sequência veremos as características do voleibol e a abordagem educacional. Apresentaremos, também, o voleibol no ensino escolar como uma condição mediatizada. E, por fim, será discutido o minivoleibol e sua aplicação no ambiente escolar.

2 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA

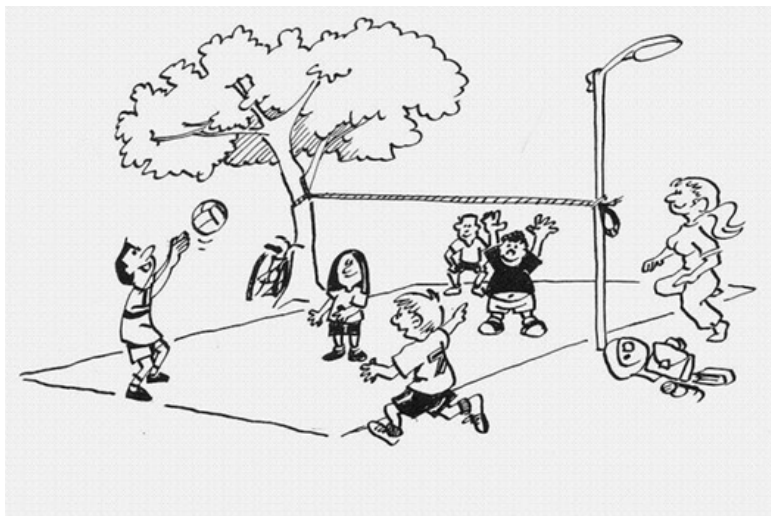
A Educação Física possui em sua base constitutiva diversas entradas para a sua prática profissional. Isto significa dizer que traz em si o "corpo" em sua máxima representação. No ambiente escolar sua história está associada à construção de um sujeito uno, devidamente integrado e, neste sentido, constituindo a base curricular para a formação integral do ser humano. Daolio (1998) destaca que nesse processo há longo tempo se discute seu objeto e, por sua vez, o caráter científico que assumiu no decorrer do tempo.

No Brasil, a base curricular sempre esteve condicionada a interesses políticos e econômicos e diferentes correntes teóricas materializaram tais componentes em diferentes tempos históricos. Entendida por Daolio (1993) como componente curricular, traz em seu seio a compreensão de uma prática cultural, portanto, sustentada por valores culturais e históricos que determinaram seu processo de consolidação na forma de conceber a Educação Física. Neste sentido, o processo de interação por ela sugerido avança na exclusividade do movimento. Portanto, no contexto sociocultural em que valores e concepções coadunam e constroem a ideia da linguagem corporal.

Nesse sentido, Taffarel et al. (2003) observam que a grande dificuldade está em compreender e transformar a concepção de Educação Física e seus objetivos em uma cultura corporal que seja capaz de assumir a responsabilidade de formar o cidadão. A perspectiva observada a partir da concepção de cultura corporal dinamiza e contribui para o pleno exercício da cidadania, em que seus componentes curriculares sustentam-se em diferentes práticas corporais oriundas das diversas manifestações culturais possíveis.

A Educação Física escolar não pode ser pensada exclusivamente a partir de atividades técnicas e estereotipadas ou fragmentadas. Deve ser pensada para trazer à tona diversos outros elementos para a sua maximização enquanto componente escolar, tais como cooperação e afetividade, valorização dos conteúdos culturais e sociais, entre outros elementos que se tornam imprescindíveis para o desenvolvimento da Educação Física escolar. Darido et al. (2001) sustentam que o processo ensino-aprendizagem da disciplina pressupõe a compreensão das diferenças e de estratégias que favorecem a inclusão e seu entendimento.

FIGURA 32 – VOLEIBOL ESCOLAR



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/4kh0hF>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

Para Darido (2006), o esporte de maneira geral se desenvolveu a partir do crescimento da sociedade capitalista, em que os vários jogos foram se modificando (inclusive o vôlei) até chegarem ao esporte espetáculo, portanto, um fenômeno social de grandes proporções e de necessidades reflexivas. A utilização do vôlei neste contexto permite a visualização de possibilidades contidas no seio esportivo, em que trazer a realidade escolar é um exercício de aproximação de vários componentes pertinentes à Educação Física. Especificidades do esporte, aspectos e manifestações culturais e históricas, contextos econômicos em que as abordagens diferenciadas se fazem necessárias e oportunas.



Veja o vídeo sobre as atividades recreativas para a iniciação ao voleibol - jogo adaptado. Acesse em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=3hut3y-9JHQ>>.

Soares (1996) sustenta a ideia de que a Educação Física deve ser um momento de aprendizagem e não de simples prática ou reprodução de técnicas. Pensar o voleibol no contexto escolar é assumir que o diferente significado para uma prática esportiva pode e deve ser desenvolvido de maneira a assegurar características plurais de autonomia e significados. Entende-se que sem o fundamento técnico não é possível a prática do voleibol (GRECO, 1995). Não se trata de ignorar tais fundamentos, todavia, relacioná-los em contexto significativo à realidade do indivíduo. Moreira (2010, p. 2) contextualiza tal assertiva:

A aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não literal, não ao pé da letra, e não arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende.

Mussen (1970) evidencia que a aprendizagem significa estar devidamente amparada em um contexto de mudança de comportamento e, portanto, exige-se a necessidade de motivação, através da identificação com o outro, ou de uma realidade empírica.

O processo de apreensão do conhecimento está diretamente vinculado ao contexto de inserção do sujeito, o que significa dizer a construção de suas ideias e de internalizações de conceitos, princípios fundamentais a sua existência. Pedroso (2010, p. 8) contextualiza a temática evidenciando a motivação para agir, a saber:

Acredita-se que a integração dos diferentes conhecimentos pode criar as condições necessárias para uma aprendizagem motivadora, na medida em que dizem respeito à vida da comunidade. Todo conhecimento é socialmente comprometido e não há conhecimento que possa ser aprendido e recriado se não partir das preocupações que as pessoas detêm. O distanciamento entre teoria e prática e, conseqüentemente, o não relacionar entre o aprendizado da escola e o social para a construção de valores a fim de desenvolver a afetividade e autoestima certamente responde pelo desinteresse e pela deserção em muitas escolas.

Assim, demanda relacionar tal fenômeno ao entendimento sobre os contextos de aprendizagem. Refere-se, portanto, à compreensão de hábitos que adquirimos, aspectos afetivos e inclinações acerca de nossa corporeidade e valores socioculturais. Betti (1991) evidencia que a aprendizagem significativa deve coadunar tais fenômenos e componentes. Sustenta, inclusive, que os valores

elaborados socialmente promovem integrações necessárias ao processo de aprender.

3 O VOLEIBOL NO ENSINO ESCOLAR: UMA CONDIÇÃO MEDIATIZADA

Fonseca (2002) sustenta que o mediador deve usar a intenção com a finalidade de produzir mudança cognitiva no mediatizado, em que implica em diálogo, intencionalidade, reciprocidade e interlocução. Este processo possibilita a facilitação da transmissão de cultura, portanto, na condição explícita de possibilidades de transformação social do indivíduo. A mediação está concebida como um processo propulsor que apresenta elementos comportamentais e atitudinais intrinsecamente relacionados a quem ensina e a quem aprende.

Para Freire (1979), uma boa formação escolar se evidencia quando se tem na ação docente o compromisso de ensinar. A constituição de uma sociedade pensante fundamenta-se na responsabilidade de um bom processo de ensino-aprendizagem, no qual o docente precisa estar seduzido e comprometido com o ato de ensinar. Para que ocorra o processo de transmissão e assimilação do conhecimento, se faz necessária a interferência mediática daquele que ensina.

Não se trata de personalizar a figura do professor como protagonista no processo ensino-aprendizagem, mas como protagonista no estabelecimento de estratégias e condições de aprendizagens que, de fato, signifiquem algo para aquele que aprende.



Veja como ensinar o voleibol sentado nas escolas. Acesse o vídeo:
<<https://www.youtube.com/watch?v=7ZIFbJeMU1I>>.

A mediação no âmbito pedagógico, para Masetto (2000), refere-se a um processo em que a atitude e o comportamento do educador se dão através de condições de facilitação e incentivo em que o diálogo e debates priorizam a relação de trocas de experiências e resolução de problemas. Em que, ao apresentar proposições e sugestões, o educando exige ação e atitude de si mesmo para a busca de suas próprias respostas. No que tange tal perspectiva na Educação Física, esta deve, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) dar a oportunidade a todos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos.

Mais especificamente, está na condição de pensar o esporte voleibol inserido num contexto de aprendizagem que ultrapasse a perspectiva técnica. Que supere a visão reducionista na técnica pela técnica. Utilizar, portanto, o voleibol como estratégia ou mola propulsora para um processo ensino-aprendizagem sustentado na mediação é ocupar espaços e possibilidades na educação de uma formação integral do ser humano. O papel do professor invade espaços e oportuniza novas experiências, sobretudo pelas próprias experiências dos educandos.

4 MINIVOLEIBOL

Agora, caro acadêmico, vamos entender a adaptação da modalidade voleibol no ambiente escolar, chamado de minivoleibol. O voleibol ensinado com bola e quadra de dimensões oficiais pode ser desmotivante às crianças, por sem um esporte coletivo, simples de ser ensinado, mas difícil de aprender e por este fato surgiu uma adaptação chamada de método do minivolei (SILVA et al., 2005). Essa modalidade se justifica, pois segundo Ripka et al. (2009, p. 413):

Devido à complexidade do processo de aprendizagem e ensino do voleibol, diversos métodos são necessários para iniciar os praticantes na modalidade.

Devido a essa necessidade primária, desenvolveu-se a metodologia do minivoleibol, que compreende e viabiliza o desenvolvimento das capacidades motoras da criança de acordo com sua faixa etária e respeitando seus limites.

Vários domínios podem ser atingidos com a prática do minivoleibol, pois ao trabalhar a psicomotricidade, desenvolve a destreza, a coordenação, a capacidade de reação, a velocidade e o domínio sobre si mesmo, além de trabalhar vários domínios como: afetivo, intelectual ou cognitivo e físico (QUADROS JÚNIOR; QUADROS; GORDIA, 2007). Veja no quadro a seguir as características de cada domínio.

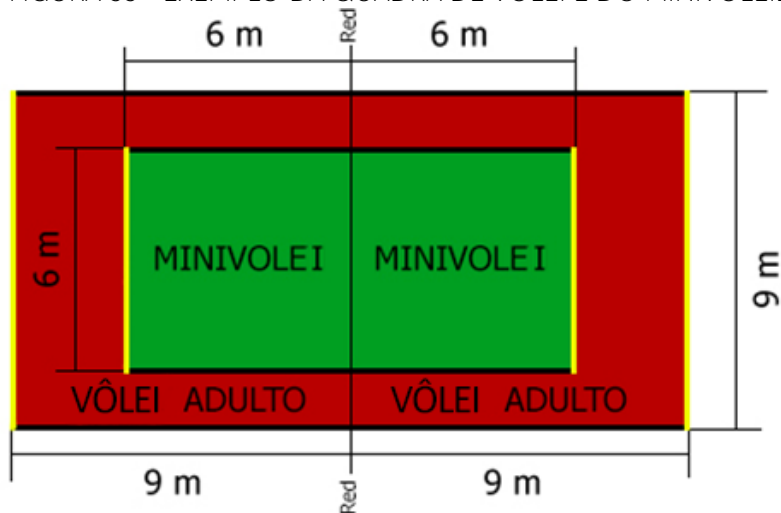
QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS DE CADA DOMÍNIO

Intelectual ou cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • habilidades intelectuais do aluno; • conhecimento e sua capacidade de demonstrar esse conhecimento.
Moral	<ul style="list-style-type: none"> • desenvolve o espírito de apoio, de ajuda e facilita a interação social progressiva.
Afetivo	<ul style="list-style-type: none"> • trabalha a agressividade, tensão, medo, determinação, desatenção, atenção, nervosismo, tranquilidade, falta de confiança, segurança, alegria e motivação, as quais podem ser separadas em itens facilitadores positivos ou negativos e itens inibidores positivos e negativos.

FONTE: Quadros Júnior, Quadros e Gordia (2007, s.p.)

Dentre os minijogos, “o minivolei ou voleibol para crianças deriva do jogo de voleibol, onde as ações complexas se reduzem a situações de jogo simplificadas, como quantidade de jogadores, largura da quadra, altura da rede e material de jogo” (QUADROS JÚNIOR; QUADROS; GORDIA, 2007, s.p.).

FIGURA 33 - EXEMPLO DA QUADRA DE VÔLEI E DO MINIVOLEIBOL



FONTE: Disponível em: <<https://clubpalestravoley.files.wordpress.com/2013/05/campo.jpg>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Caro acadêmico, podemos dizer que o minivoleibol é um método para a aprendizagem do voleibol, que tem algumas características, segundo Quadros Júnior, Quadros e Gordia (2007), como:

- regras simples e pode ser adaptado às necessidades das crianças de acordo com diferentes faixas etárias;
- jogado por duas equipes compostas por menos de seis jogadores em cada time;
- a idade de 8 a 12 anos é a melhor idade para aprender fazer a iniciação do minivoleibol, por ser uma idade em que a criança gosta de aprender algo novo e já tem algum domínio sobre seu corpo;
- o minivoleibol é um esporte extremamente atraente para a maioria das meninas, que são propensas a evitar esportes de impacto.



Veja uma entrevista sobre o minivoleibol e sua importância para a aprendizagem com Manoel Santos-Jr. Acesse o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=0qOFu7CfP7A>>.

Embora não existem regras específicas, veja no quadro a seguir algumas regras propostas para o minivoleibol.

QUADRO 2 - REGRAS DO MINIVOLEIBOL

Número de jogadores	<ul style="list-style-type: none"> relacionado com o nível e com a idade; varia de 1 a 4 jogadores em quadra.
Tamanho e peso da bola	<ul style="list-style-type: none"> tamanho da bola adaptado ao número e à idade dos jogadores; sugere-se bola plástica enorme e leve e ir adaptando para bolas menores.
Condução da bola	<ul style="list-style-type: none"> sem cobrança rígida para dar fluência na bola.
Rodízio	<ul style="list-style-type: none"> deve ser utilizado para dar ideia aos alunos dessa regra.
Ataque e bloqueio	<ul style="list-style-type: none"> evitar no início e ir implementado aos poucos, de acordo com a evolução dos alunos.

FONTE: Pirolo (1997, p. 3-4)

Veja as sugestões de adaptação das características do jogo, na tabela a seguir.

TABELA 1 - SUGESTÕES DE ADAPTAÇÃO DO MINIVOLEIBOL

IDADE	9/11 anos	10/12 anos	11/13 anos
Equipes	2x2	3x3	4x4
Quadra	3x9m	6x9m	8x12m
	4.5x9m	6x12m	9x12m
Altura de rede ²	210 ± 5cm	210 ± 5cm	220 ± 5cm

FONTE: Pirolo (1997, p. 5-6)

Para o ensino do minivoleibol são necessárias algumas fases de adaptação do aluno, com “a quadra e a rede, ensinando as posturas básicas e movimentação na quadra; segurando, arremessando e rolando diferentes tipos de bolas (vôlei, basquete, futebol), praticando diferentes tipos de pequenos jogos para desenvolver qualidades físicas, como velocidade, agilidade, força e reação” (QUADROS JÚNIOR; QUADROS; GORDIA, 2007, s.p.). Veja a proposta de adaptação metodológica sugerida por Sanches (2014):

QUADRO 3 - PROPOSTA METODOLÓGICA DO ENSINO DO MINIVOLEIBOL

Categorias	Regras Básicas
Mini 2x2	<ul style="list-style-type: none"> • Saque por baixo; • Proibido tocar na rede; • Não há bloqueio;
Mini 3x3	<ul style="list-style-type: none"> • Saque por baixo; • Proibido tocar na rede; • Deve-se respeitar o rodízio; • Bloqueio simples.
Mini 4x4	<ul style="list-style-type: none"> • Ataque realizado somente pela entrada e saída de rede; • Bloqueio simples; • Recepção e defesa realizadas com três jogadores; • Saque por baixo; • O jogador que realiza o saque vai para o meio da quadra e não ataca, assumindo uma função de jogador de defesa.
Vôlei	<ul style="list-style-type: none"> • Segue as regras oficiais de voleibol

Quadros Júnior, Quadros e Gordia (2007, s.p.) sugerem outra proposta metodológica dividida em duas fases:

1º FASE - Introdução do saque tipo tênis e do ataque para melhoria do sistema ofensivo. Melhora da manchete para a recepção de saque e da defesa para melhoria do sistema defensivo. Introdução e prática frequente do minivoleibol 3x3, utilizando regras apropriadas, sistema básico e táticas de ataque e defesa.

2º FASE - Introdução do bloqueio e melhoria dos fundamentos e habilidades técnicas e táticas. Ensino de diferentes variações de ataque e melhoria do levantamento e das habilidades de defesa como: queda, rolamento e mergulho.

Acompanhe a proposta metodológica de ensino do minivoleibol por Quadros Júnior, Quadros e Gordia (2007, s.p.):

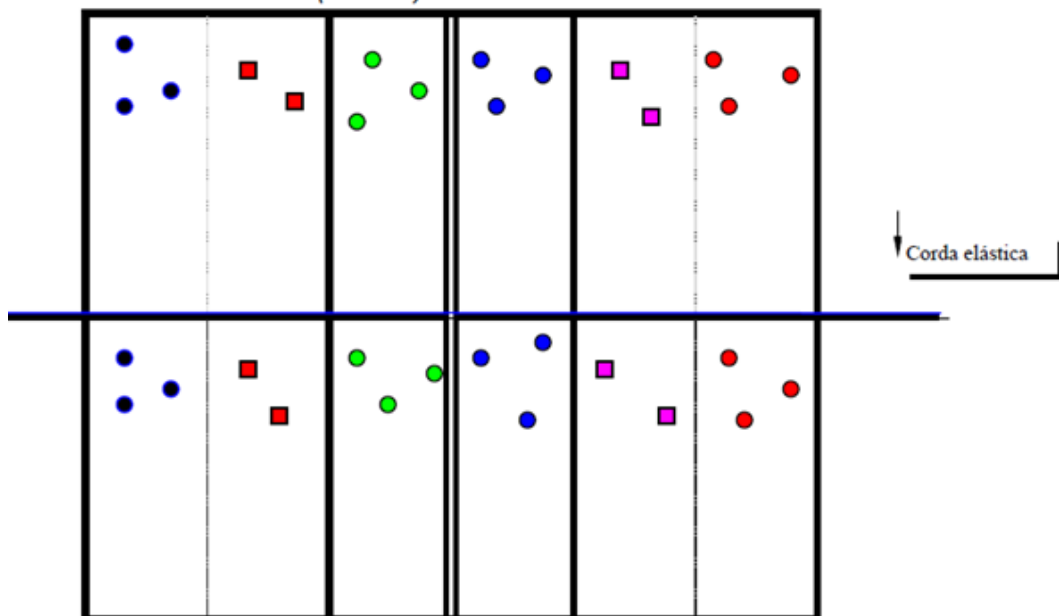
QUADRO 4 - PROPOSTA METODOLÓGICA DO ENSINO DO MINIVOLEIBOL

Etapa	Faixa etária	Jogos	Táticas	Técnica	Preparação Física
1ª Base do minivoleibol	08 - 10 anos	Pequenos jogos. Bola por cima da rede. Vôlei 1x1	Cooperação e antecipação. Movimento na direção da bola. Regras básicas.	Segurar e apanhar a bola. Arremessar e jogar. Passe de toque.	Postura, movimentos na direção da bola. Velocidade e reação e agilidade. Força.
2ª Etapa preparação para o minivoleibol	09 - 11 anos	Pequenos jogos. Bola por cima da rede. Minivoleibol 2x2	Cooperação, observar o adversário. Antecipação da bola. Regras básicas.	Segurar e apanhar: passo de manchete. Passe de toque: recepção, levantamento, ataque e passe. Jogar: Saque por baixo.	Movimento rápido do Voleibol, para frente, lateral e para trás. Agilidade, quedas e rolamentos. Salto: força e velocidade (de forma lúdica Ex: estafetas).
3ª Etapa, Introdução ao minivoleibol	11 - 12 anos	Pequenos jogos: minivoleibol 3x3.	Uso da tática dos fundamentos. Tática básica de equipe. Regras do minivoleibol.	Passe de manchete e recepção de saque: defesas de cortada. Passe de toque, recepção, levantamento e ataque. Saque tipo tênis e cortada.	Mergulho, velocidade de reação, agilidade, flexibilidade e força. Salto com corrida, (de forma lúdica. Ex.: estafetas).
4ª Etapa, Aperfeiçoamento do minivoleibol	12 - 13 anos	Minivoleibol 4x4.	Tática individual. Formação de equipes de meninos e meninas separadamente. Abordagem do sistema de ataque e defesa	Bloqueio, cortada, colocada difícil e saque colocado.	Queda com rolamento e mergulho. Velocidade de reação, agilidade, flexibilidade, força e resistência.
5ª Etapa, Transição para o Voleibol normal	13 - 14 anos	Diversos jogos com bola. Vôlei 6x6.	Formação de equipes de meninos e meninas separadamente. Treinamento de tática individual. Regras do Voleibol.	Aperfeiçoamento em todos os fundamentos. Novas variações de fundamentos.	Continuação da preparação física geral. Aperfeiçoamento de todas as habilidades relativas ao fundamento.

Veja nas figuras a seguir a sugestão para utilização da quadra:

FIGURA 34 - SUGESTÃO PARA UTILIZAÇÃO DA QUADRA DO MINIVOLEIBOL PARA 32 ALUNOS

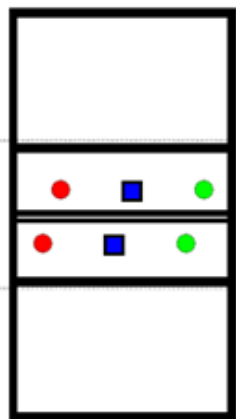
3.1. Para 32 alunos (6 bolas)



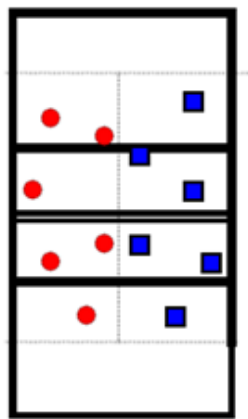
FONTE: Pirolo (1997, p. 5-6)

FIGURA 35 - SUGESTÃO PARA UTILIZAÇÃO DA QUADRA DO MINIVOLEIBOL PARA 6 E 12 ALUNOS

3.3. Para 6 alunos (3 bolas)



Para 12 alunos (2 bolas)



FONTE: Pirolo (1997, p. 5-6)

LEITURA COMPLEMENTAR

Uma proposta de ensino do minivoleibol dividido em fases

Leia parte do artigo de autoria de Quadros Júnior, Quadros e Gordia (2007) em que os autores apresentam uma proposta de ensino do minivoleibol dividido em fases.

Principais ideias do artigo:

O minivoleibol é dividido em 4 ou 5 fases e cada uma delas apresenta uma habilidade específica do voleibol que deve ser bem trabalhada para se passar à fase seguinte:

- **Base para o minivolei - 1x1:** Familiarizar a criança com a bola, a quadra, a rede, ensinando as posturas básicas e movimentação na quadra por meio de algumas ações motoras como jogar, segurar, arremessar, rolar, lançar a bola.
- **Introdução ao minivolei - 2x2:** Aqui já pode ser introduzido o toque, manchete, saque por baixo, permitindo um jogo de voleibol simples: 2x2 e ensinar alguns princípios do ataque como lançar a bola sobre a rede.
- **Jogo básico de minivolei - 3x3 sem regras:** Aqui, objetiva-se adquirir gestos técnicos básicos, como toque, manchete, saque por baixo, ataque em toque, bem como estimular situações que são exigidas no voleibol, mas já com princípios de ataque, mas sem se preocupar com as regras, pois o senso de coletividade é a principal meta.
- **Baby voleibol - 3x3 com regras:** Nesta fase, introduz-se o ataque sem salto e o ataque com salto, além de incorporar exercícios especiais para o treino da recepção, passe, ataque e saque por baixo, descolamento e salto, receber e arremessar.
- **Minivoleibol - 4x4:** Nesta fase, já pode ser introduzido o bloqueio e a defesa, além de aperfeiçoamento em todos os fundamentos com novas variações.
- Após esta etapa tem-se então o jogo normal 6x6.

Caso queira visualizar o artigo na íntegra, acesse o *link* de referência.

FONTE: Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd110/proposta-metodologica-para-o-mini-voleibol.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

ATIVIDADE PRÁTICA

Minivoleibol

Objetivo: Realizar um jogo de minivoleibol, utilizando variação no número de jogadores, dimensões da quadra e tamanhos diferenciados de bola.

Tempo de duração: de 45 a 60 minutos.

Material a ser utilizado: bolas de diversos tamanhos e barbante para separar a quadra.

Etapas: 1 - Iniciar o jogo do minivoleibol com quadra reduzida e 1 jogador em cada lado, com bola de plástico grande

2 - Depois de um tempo diminuir o tamanho da bola, acrescentar mais um jogador e aumentar a dimensão da quadra.

3 - E assim sucessivamente, até o jogo ter 4 jogadores e finalizar com 6 jogadores, quadra e bola oficial.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- A Educação Física, no ambiente escolar, está associada à construção de um sujeito integrado e, neste sentido, constituindo a base curricular para a formação integral do ser humano.
- A utilização do voleibol no ambiente escolar permite a aproximação de vários componentes pertinentes à Educação Física, desde seu caráter esportivo até como manifestação cultural.
- O voleibol no contexto escolar deve assumir que o diferente significado para uma prática esportiva pode e deve ser desenvolvido de maneira a assegurar características plurais de autonomia e significados.
- A Educação Física escolar não pode ser pensada exclusivamente a partir de atividades técnicas e estereotipadas ou fragmenta. Deve ser pensada para trazer à tona diversos outros elementos para a sua maximização enquanto componente escolar.
- O minivoleibol é a adaptação da modalidade voleibol no ambiente escolar.
- Vários domínios podem ser atingidos com a prática do minivoleibol, como a psicomotricidade, afetivo, intelectual ou cognitivo e físico.
- O minivoleibol tem adaptação na quantidade de jogadores, largura da quadra, altura da rede e material de jogo.
- O minivoleibol tem algumas características particulares, como regras simples e favorecimento a diferentes faixas etárias. Facilita a adaptação do aluno com a quadra e a rede, com ensino de posturas básicas e movimentação na quadra.

AUTOATIVIDADE



1 Em relação às características do minivoleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () É uma adaptação da modalidade voleibol no ambiente escolar.
- () O minivoleibol possui algumas regras de jogo simplificadas, e algumas mais complexas, para estimular o aluno na busca do jogo ideal ao seu tipo físico.
- () O minivoleibol trabalha a psicomotricidade, desenvolve a destreza, a coordenação, a capacidade de reação, a velocidade e o domínio sobre si mesmo.
- () O minivoleibol viabiliza o desenvolvimento das capacidades motoras da criança de acordo com sua faixa etária e respeitando seus limites.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

2 Em relação às características da educação física escolar. Assinale a alternativa verdadeira.

- a) () A Educação Física escolar deve ter atividades técnicas, estereotipadas e fragmentadas.
- b) () A Educação Física escolar não pode ser pensada exclusivamente a partir de atividades técnicas e estereotipadas ou fragmentada. Deve ser pensada para trazer à tona diversos outros elementos para a sua maximização enquanto componente escolar.
- c) () A Educação Física escolar não deve valorizar os conteúdos culturais e sociais, mas os esportivos e competitivos.
- d) () A Educação Física escolar tem como processo de ensino-aprendizagem a incorporação de estratégias que favorecem a exclusão escolar e seu entendimento.

3 Em relação ao voleibol no contexto escolar, analise as seguintes sentenças:



Afirmção 1: O voleibol no âmbito escolar, deve ser exclusivamente voltado à prática esportiva sem levar em conta o contexto educativo e o desenvolvimento da autonomia e significados quanto a sua prática.

Afirmção 2: Pelo fato da prática do voleibol ser composta por fundamentos e regras, na escola deve-se priorizar tal entendimento sem necessidade de relacioná-los em contexto significativo à realidade do indivíduo.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas afirmações são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não tem relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.

4 Embora não existem regras específicas, algumas regras podem ser aplicadas ao minivoleibol, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () Não pode variar em relação ao número de jogadores e tamanho da quadra.
- () O rodízio no minivoleibol deve ser utilizado para dar ideia aos alunos dessa regra.
- () Ensinar o ataque e defesa desde o início, já com regras complexas, para estímulo da função mental.
- () Deve ser feita uma introdução do saque e do ataque para melhoria do sistema ofensivo, desde os primeiros jogos e logo em seguida bloqueio triplo, sem adaptação inicial.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V



VOLEIBOL ADAPTADO

"A única coisa que interfere meu aprendizado é a minha educação" (Albert Einstein)

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, vamos estudar o conceito de adaptação na Educação Física e as possibilidades inclusivas por meio do voleibol como prática esportiva escolar. Veremos que existem exercícios e brincadeiras possíveis ao processo de ensino do voleibol adaptado às pessoas com deficiência, como por exemplo, o *"golball"*, que possui regras e regulamento definidos a sua prática esportiva.

Este tópico apresentará também o Voleibol Sentado como um Desporto Paralímpico; conhecerá a história, as regras oficiais e fundamentos técnicos desse importante esporte adaptado às pessoas com deficiência física.

2 O CONCEITO ADAPTADO NA EDUCAÇÃO

O conceito de adaptação tem diversas conotações e compreensões. E com isto, uma vez compreendida sua operacionalização, se torna premente e dotada de significados. Para Sepulveda, Mortimeri e El Hani (2013) tem sua construção sustentada em um conceito para ser aplicado ao contexto de ensino de evolução, afinal a adaptação é um conceito principal nas explicações darwinistas e abriga um caráter polissêmico que invade espaços da cultura e da linguagem, entre outros. Ridley (2006), por sua vez, a define como um conceito fundamental da teoria evolutiva em que a concepção da vida está implícita na capacidade de sobrevivência.

De maneira geral, inclusive de senso comum, a adaptação se refere aos componentes necessários para se inserir ou conviver numa sociedade e suas condições. Na educação, tal assertiva reporta-se a elementos que vão desde o entendimento da equidade e da inclusão. Equidade por entender que a fundamentação da igualdade deve ser oportunizada de maneira justa e oportuna. Portanto, um princípio ético que instrumentaliza o sujeito e as condições de sua vida; e de inclusão, afinal todos existem e coexistem em um espaço devidamente constituído, ou seja, socialmente construído.

Para Bronfenbrenner (1996), o ambiente ecológico está configurado em diversos níveis que estão inseridos um no outro, e que não necessariamente tem ação direta do indivíduo, ou seja, de subsistemas e microsistemas que desempenham papéis diferentes na sociedade. Acerca disso, Bronfenbrenner (1996), nos brinda com sua interpretação da teoria ecológica do desenvolvimento humano. Afirma que em todo o momento os indivíduos estão em processo de adaptação ao meio, às pessoas, aos objetos e ao tempo, sendo este processo o fator propulsor de desenvolvimento em todas as suas instâncias.

Para Mantoan (1997) e na integração escolar toda a estrutura da escola se mantém, não havendo mudança naquilo que já está instituído. Cabe ao educando adequar-se a ela. Já a inclusão é uma opção mais radical no sentido que é o sistema que precisa ser revisto, adequando-se às demandas do educando. Neste sentido, recursos físicos e meios materiais necessitam ser priorizados juntamente com a informação ao professor sobre o educando com necessidades educacionais especiais esclarecendo esta condição, desenvolvendo novas atitudes e formas de interação que repercutam nos processos de aprendizagem de todos os envolvidos. É um processo que pressupõe transformações a fim de aceitação coletiva, bem como nos princípios fundamentais a existência humana em sociedade.

FIGURA 36 - INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/PC7b99>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

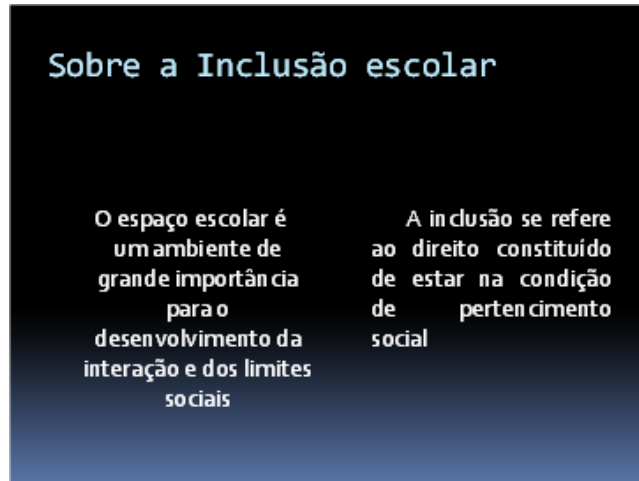
Em se tratando de adaptação e inclusão, a atenção ao sujeito com algum tipo de deficiência tem sido tema recorrente na educação ao longo do tempo. Aranha (2004) sinaliza que a atenção educacional ao indivíduo com deficiência no Brasil nos direciona desde a época do império, que seguindo o ideário e o modelo vigente na Europa, de institucionalização, foram criadas as primeiras instituições totais, para a educação de pessoas cegas e de pessoas surdas. Posteriormente, na busca por outras características; deficiências de maneira geral vão garantindo

pautas e direitos para esta população. Michels (2005) contextualiza a temática afirmando que a Educação Especial tem sido, historicamente, caracterizada como um subsistema ou um sistema paralelo de ensino, portanto, subjugado a sua magnitude.

3 POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DO VOLEIBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na atualidade, aqueles que possuem algum tipo de deficiência tem seus direitos garantidos mesmo com sua limitação; adentram a vida social; acessam o mercado de trabalho e criam condições de se inserirem na sociedade de maneira autônoma e sustentável. Na escola, aprendem e convivem no mesmo espaço pedagógico com professores garantidos, inclusive, pelas normas e leis. A Constituição Federal de 1988, assim como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) direcionam as escolas a receberem todos os indivíduos portadores de deficiência. Uma vez inseridos ou participantes do processo de ensino e aprendizagem na escola desfrutam "teoricamente" da cidadania a que tem direito, e participam dos direcionamentos e desdobramentos do contexto escolar.

FIGURA 37 - INCLUSÃO ESCOLAR



FONTE: O autor

De certo as possibilidades de inclusão no ambiente escolar são inúmeras. Necessita-se espaços para o desenvolvimento de diferentes temáticas. Obviamente perpassa por aspectos de formação docente, política educacional e boa vontade dos atores envolvidos, entre outros não sinalizados, mas de igual importância.

No âmbito esportivo surge as possibilidades de desenvolvimento de suas capacidades amparadas em jogos e brincadeiras que permitam a compreensão do corpo e de suas possibilidades, bem como processos de interação coletiva que

determinam a vida desses indivíduos na sociedade. O voleibol surge como uma possibilidade evidente de oportunizar condições para uma prática esportiva saudável.



Uma forma de inclusão do voleibol é o voleibol sentado, veja no vídeo as regras desse esporte de inclusão.

<https://www.youtube.com/watch?v=_40Wmagmyu4>.

O Voleibol é caracterizado como uma modalidade complexa, e exige de seus atletas um conjunto de capacidades motoras, coordenativas e cognitivas (STANGANELLI et al., 2006). Bizzocchi (2004) evidencia claramente que o voleibol é considerado um esporte de difícil aprendizado, pois como todo esporte é baseado em gestos técnicos e envolvimento de habilidades não naturais, que são construídas. Contudo, o voleibol, devido a sua plasticidade, beleza e riqueza de opções nas ações motoras ofensivas e defensivas, desperta um grande interesse junto ao público. A evolução estrutural da modalidade possibilitou que a sua prática, inicialmente recreativa, passasse para a esfera do treinamento desportivo ganhando grande espaço como desporto de competição (RIZOLA NETO, 2003).

FIGURA 38 - VOLEIBOL ADAPTADO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/7qCqPF>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

Para Teodurescu (1984), voleibol é um jogo desportivo de cooperação-oposição, praticado por duas equipes. O espaço de ação de cada equipe é separado, sendo a luta pela posse de bola indireta, com limite máximo de três toques por equipe. Inicialmente, voleibol é o confronto entre duas equipes, cumprindo um regulamento estabelecido. Defrontam e disputam objetivos comuns, realizando

ações de ataque e defesa, alicerçadas em relação de oposição/cooperação (GARGANTA, 2002). Ribeiro (2009, p. 42) contextualiza estas premissas ao dizer que:

Como forma de exemplificar os tipos de adaptação que ocorrem na prática do esporte, pode-se citar como exemplo o basquetebol, que foi adaptado para pessoas sem mobilidade ou com mobilidade reduzida nos membros inferiores, introduzindo-se o uso da cadeira de rodas, conhecido como basquetebol em cadeira de rodas. Destaca-se que as dimensões da quadra, bem como a altura do aro da cesta, o tempo de jogo, o peso da bola, entre outras regras que orientam o desenvolvimento do basquetebol convencional, não sofreram adaptações. O voleibol é outra modalidade que foi adaptada às especificidades dos indivíduos que possuem deficiência física nos membros inferiores. Entre as adaptações está a diminuição no tamanho da quadra, e os praticantes devem jogar sentados. Esses são apenas alguns exemplos que ilustram a tendência democrática que ocorreu, e ainda ocorre, no movimento do esporte adaptado. Além disso, algumas modalidades esportivas são criadas para atender às características de um determinado grupo de pessoas, como é o caso do *goalball* (para cegos) e *poly bat* (para paralisados cerebrais) – somente a primeira é reconhecida como modalidade paraolímpica.

As possibilidades inclusivas se estendem para jogos e um conjunto de regras que aderem e absorvem a possibilidade de prática esportiva. Para Araujo (1998), tais adaptações emergem no sentido de possibilitar o esporte adaptado para deficientes e modalidades construídas exclusivamente para a prática por deficientes, que tem no “*goalball*” seu maior exemplo, em que pese regras e regulamentos a sua prática. A complexidade do processo passa a ser maximizada e recebe diversos contornos em decorrência de sua capilarização. Ribeiro (2009, p. 43) sugere que:

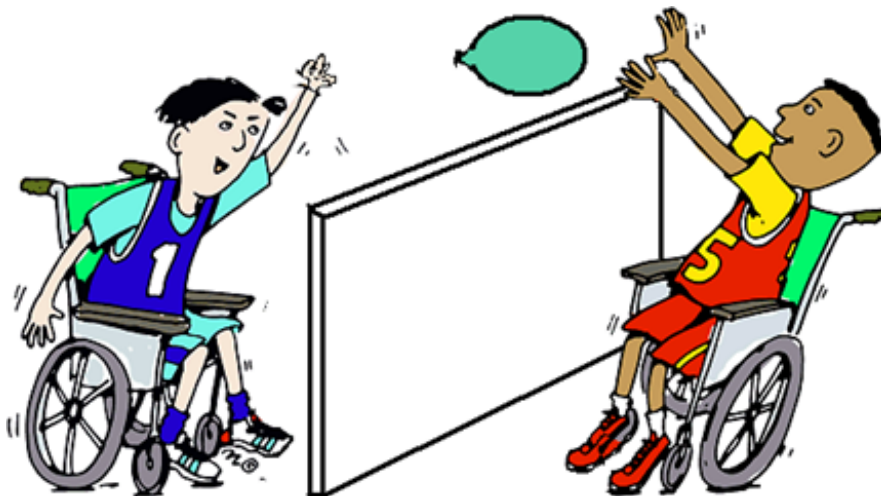
O esporte adaptado, como atividade física, pode ser desenvolvido com fins de reabilitação, lazer ou recreação, educação e competição. Tendo em vista a abrangência das possibilidades de aplicação dessa prática e levando em consideração o tema neste estudo, nós nos deteremos a comentar o esporte adaptado ou paradesporto sob dois aspectos: como prática competitiva e prática voltada a educação inclusiva. Nos antecedentes históricos do esporte adaptado, que não estão muito distantes, vamos encontrar o esporte como um aliado importante em intervenções terapêuticas. O emprego dele na reabilitação de pacientes, principalmente com deficiências físicas, contribuiu com uma significativa divulgação acerca da relevância dessa prática para tais indivíduos.

E assim, a criação de modalidades e sistemas de classificação que possibilitam a participação em massa com as mais diversas deficiências. A prática esportiva, seja qual for, possui em si a caracterização de um instrumento educacional que objetiva o desenvolvimento integral das crianças, jovens e adolescentes. Neste sentido, capacita e possibilita ao sujeito a percepção de suas necessidades, seus interesses e expectativas. Princípios fundamentais para a compreensão de si estão implícitos neste contexto subjetivo do sujeito. Sua participação lhe confere a oportunidade de desenvolvimento de sua capacidade física, entre outras capacidades.

4 EXERCÍCIOS E BRINCADEIRAS POSSÍVEIS DE APLICAÇÃO NO VOLEIBOL ADAPTADO

Neste momento apresentamos alguns conceitos e princípios fundamentais para a aplicabilidade dos exercícios, jogos e brincadeiras. A construção de atividades propostas com o voleibol adaptado sugere a necessidade de uma compreensão teórica sobre as bases que fundamentam a construção de atividades.

FIGURA 39 - BRINCADEIRAS PARA ENSINAR O VOLEIBOL ADAPTADO



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/0vA6UZ>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

Para Piaget (1973), o jogo oferece condições de a criança desenvolver todo o seu potencial criativo e sua inteligência plena. A palavra jogo, do latim *incus*, quer dizer diversão, brincadeira. O jogo pode ser visto, de acordo com Kishimoto (2001), com significados distintos, e evidencia preliminarmente o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social, que possui um sistema de regras e finalmente um objeto.



Uma forma de inclusão do voleibol é o voleibol em cadeiras e cadeira de rodas.

Acesse os vídeos para visualizar essa proposta:

<<https://www.youtube.com/watch?v=CMBK6YAYA4&t=32s>>

<<https://www.youtube.com/watch?v=AW-dlvpt3XM>>

O jogo adquire regras ou adapta a imaginação simbólica às necessidades da realidade, construções espontâneas que imitam o real; o símbolo de assimilação individual dá passagem à regra coletiva ou ao símbolo representativo ou objetivo, ou a ambos (NEGRINE, 1994). Nallin (2005) na mesma esteira observa que o jogo carrega em si um significado muito abrangente. É construtivo por que pressupõe uma ação do indivíduo sobre a realidade. É carregado de simbolismo, reforça a motivação e possibilita a criação de novas ações e o sistema de regras, que definem a perda ou o ganho.

Elkonin (1998), por sua vez, evidencia que o jogo possui uma característica teleológica em seu desenvolvimento, mesmo que às vezes pareça imperceptível, e possui grande importância para o desenvolvimento da construção da personalidade e da psique infantil, de maneira que esta, enquanto atividade humana, surge do trabalho, e toda atividade lúdica provém de uma situação séria dos adultos, conseqüentemente, não existe jogo descolado da realidade, ou seja, de forma histórica e cultural.

Numa relação mais relacional, Nallin (2005) defende que o jogo e a brincadeira estimulam o raciocínio e a imaginação, e permitem que a criança explore diferentes comportamentos, situações, capacidades e limites. Faz-se necessário, então, promover a diversidade dos jogos e brincadeiras para que se amplie a oportunidade que os brinquedos podem oferecer.

No que se refere à brincadeira, Elkonin (1998) sustenta que a brincadeira é a atividade principal da criança; aquela que promove e consome mais tempo da criança; no período pré-escolar, pois promove as maiores alterações nos mecanismos psicológicos infantis, e desta forma caracterizando-a como elemento de fundamental importância para a construção da personalidade da criança.

Vygotsky (1991) considera a brincadeira uma grande fonte de desenvolvimento, na qual contém todas as tendências do desenvolvimento de forma condensada, afinal, esta fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência, pois, nas brincadeiras, as crianças ressignificam o que vivem e sentem, assim como o brinquedo sinaliza que este traz enormes contribuições no desenvolvimento da criança, visto que a sua utilização proporciona signos e significados fundamentais na construção de identidade.

5 INCLUINDO COM O VOLEIBOL

Trabalhar com o voleibol como ferramenta de inclusão na Educação Física escolar não é tarefa fácil, mas também não é impossível. O Voleibol é um esporte rico em movimentos que podem beneficiar qualquer praticante no desenvolvimento de força, equilíbrio, coordenação, noção espaço-temporal e óculo-manual, entre outros, além de proporcionar divertimento, lazer, espírito de equipe, cooperação e integração.

Este esporte pode ser trabalhado em turmas regulares dos ensinos fundamental e médio em situação de inclusão com alunos com deficiências física, auditiva, visual e intelectual, além dos alunos com síndromes, autismo, entre outros.

Lógico que devemos sempre ter coerência no momento de incluir um aluno numa aula de voleibol, pois cada caso possui suas particularidades e, dependendo da deficiência e de seu grau de comprometimento, não será possível a efetiva inclusão, devendo-se buscar alternativas para tal.

Dependendo da situação, não se faz necessário alterar os conteúdos e planos de aula, devendo apenas ocorrer uma adequação na estratégia do ensino e na forma como serão abordados os conteúdos, tendo o professor que repetir os comandos mais vezes, assim como realizar a demonstração das tarefas mais lentamente para que os alunos com deficiência intelectual possam compreender as atividades, assim como sempre manter-se de frente ao falar (se possível utilizando a LIBRAS) e demonstrando as tarefas aos alunos com deficiência auditiva. Nestes casos, o voleibol é o mesmo, o que muda é o comportamento do professor em relação aos alunos.

A situação muda de figura quando se trata de alunos com deficiência visual. Neste caso, será necessário materiais adaptados e alteração nas atividades e no comando das tarefas, pois demonstrar não servirá de nada no caso de cegueira total ou baixa visão acentuada. Mesmo assim, pode-se incluir um aluno nestas condições nas aulas, o que não ocorrerá é a participação efetiva em atividades de recepção de bola, ou no jogo se adaptações, mas trabalhar os golpes na bola, entendimento sobre regras e jogos adaptados podem ocorrer, a atividade Voleibol Lençol é um exemplo de inclusão de alunos com deficiência visual numa aula de voleibol, inclusive como forma de fazer com que os alunos sem deficiência participem de olhos vendados, experimentando as sensações e dificuldades de seus colegas com esta deficiência, promovendo a solidariedade e empatia.

No caso de alunos com dificuldade motora nos membros inferiores, seja por amputação, má formação, sequelas de poliomielite, entre outros, há o Voleibol Sentado para ser trabalhado em aula, onde a inclusão é muito fácil e as adaptações são mínimas.

Basicamente, diminuem-se as dimensões da quadra e altura da rede e todos os alunos, andantes ou não, participam sentados. Com poucas exceções, as regras do jogo são as mesmas e os aplicativos para o ensino do esporte podem ser realizados com os alunos sentados.

Esta também é uma ótima oportunidade de experimentação para os alunos sem deficiências sobre como é ter uma limitação. É uma atividade que pode e deve ser trabalhada, inclusive, em turmas onde não haja aluno com deficiência, pois é uma atividade dinâmica e muito divertida, podendo servir de atividade pré-desportiva ao Voleibol.



Para entender e aprender mais sobre a história do Voleibol Sentado, suas regras, fundamentos e classificação funcional, leia com atenção a Leitura Complementar contida no final desta Unidade.

No quadro a seguir podemos verificar as principais diferenças entre o Voleibol e o Voleibol Sentado.

QUADRO 5 - PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE O VOLEIBOL E O VOLEIBOL SENTADO

Regra	Voleibol	Voleibol Sentado
Tamanho da Quadra	18 m x 9 m	10 m x 6 m
Posição da Linha de Ataque	3 m da linha central	2 m da linha central
Tamanho da Rede	Entre 9,50 m e 10 m de comprimento por 1 m de largura	Entre 6,50 m e 7 m de comprimento por 0,80 m de largura
Altura da Rede	2,43 m no masculino e 2,24 m no feminino	1,15 m no masculino e 1,05 m no feminino
Antenas	0,80 m acima do bordo superior da rede	1 m acima do bordo superior da rede
Uniformes	Camisetas e Calções numerados	Apenas na Camiseta é obrigatória a numeração
Posição em Quadra	Determinada pela posição dos pés em contato com o solo.	Determinada pela posição dos glúteos em contato com o solo.
Invasão à quadra adversária	Tocar a quadra adversária com a mão ou pé é permitido, desde que alguma parte de suas mão/pés permaneçam em contato ou diretamente acima da linha central.	Tocar a quadra adversária com pé(s)/pernas é permitido em qualquer momento durante o jogo, desde que não haja interferência na jogada do oponente.
Ataque ao Saque adversário.	Não é permitido bloquear ou cortar a bola originada de um saque adversário.	É permitido bloquear ou cortar a bola originada de um saque adversário.

Golpes na bola	O jogador poderá golpear a bola estando em contato com o solo ou no ar.	O jogador deverá manter contato com a quadra com qualquer parte do corpo entre os ombros e os glúteos no momento em que for golpear a bola, sendo permitida a perda breve deste contato ao deslocar-se em quadra.
----------------	---	---

FONTE: Disponível em: <<http://educaofisicaadaptadaeeducacaoespecial.blogspot.com/2010/03/voleibol-sentado.html>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

A inclusão é uma ação difícil, mas possível, caberá ao professor saber dosar o quanto de adaptações serão necessárias e quando serão aplicadas, pois não poderá realizar atividades unicamente voltadas ao aluno com deficiência, e nem conseguirá, pois deverá contemplar atividades direcionadas aos alunos que não necessitam de adequações.

Haverá momentos em que o aluno com deficiência realizará uma atividade à parte sim (se necessário), mas esta não pode ser a regra em aula, devendo o professor mesclar os momentos de total inclusão com aqueles em que a inclusão seja parcial, mas onde o aluno esteja 100% integrado com sua turma, tendo a mesma atenção do professor, nem mais, nem menos que de seus colegas.

Em qualquer situação, seja no período escolar, seja na vida adulta, é sempre importante nos colocarmos no lugar dos outros, experimentar suas sensações e dificuldades para que possamos nos respeitar mais e compreender as situações desconhecidas por nós.

Quantas vezes paramos para pensar no quanto pode ser difícil para uma pessoa com dificuldades motoras se deslocar por uma calçada esburacada, atravessar uma rua de paralelepípedo, ou muito íngreme? Ou uma pessoa com deficiência auditiva que não pode ouvir um pedido de socorro, o choro de seu bebê à noite, ou qualquer outro sinal sonoro? Uma pessoa com deficiência visual que não pode reconhecer alguém na multidão, desviar de algum obstáculo, como placas, buracos, distinguir cores, dirigir um automóvel?

A Educação Física escolar pode ter um papel de muito destaque na conscientização de seus alunos quanto às questões citadas acima, portanto, mãos à obra e faça um bom papel na inclusão escolar para que, além de promover a qualidade de vida de seus alunos, ajude a formar bons cidadãos preocupados e comprometidos com igualdade de direitos de todos.



Seguem alguns exercícios, jogos e brincadeiras capazes de introduzir o praticante ao voleibol adaptado.

EXERCÍCIO DE TREINAMENTO PARA O VOLEIBOL

Material utilizado: bola de voleibol

Desenvolvimento: duplas com uma bola à altura da cabeça, lançar a bola ao colega. O colega recebe com os antebraços e depois retorna ao outro novamente.

Objetivos: adaptação dos antebraços a recepção e iniciação à manchete.

VOLEIBOL GUIADO

Material Utilizado: uma bola de voleibol, rede de voleibol ou elástico ou cordão, pedaços de tecido (dois metros quadrados) e lenços.

Formação: dois grupos

Organização: os grupos formarão quartetos, sendo que dois participantes terão os olhos vendados. Cada quarteto com um pedaço de tecido. Os participantes de olhos vendados deverão estar em pontas opostas do tecido.

Desenvolvimento: O jogo seguirá a dinâmica do voleibol, sendo a bola lançada com o tecido. A bola poderá dar um toque no chão.

FONTE: Disponível em: <<http://escola.educacaofisicaa.com.br/2013/10/5-atividades-recreativas-para-o-voleibol.html#.WKrf6PnyvIU>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

VOLEIBOL DIVERTIDO

Objetivo: jogar voleibol modificando as regras para que se torne um jogo Cooperativo. Este jogo permite o exercício da visão sistêmica, do voleibol, da cooperação e da alegria.

Recursos: uma corda elástica ou uma corda feita com tiras de tecido colorido e uma bola que poderá ser de voleibol ou outra mais leve, dependendo do grupo.

Número de Participantes: seis jogadores de cada lado da rede, podendo este número ser ampliado de acordo com os objetivos do facilitador.

Duração: indefinida, enquanto os jogadores estiverem se divertindo e/ou enquanto o facilitador verificar ser importante continuar.

Descrição: o facilitador e um auxiliar, ou mesmo dois auxiliares seguram uma corda atravessada na quadra e os times se colocam um de cada lado da corda.

Comentários: ao mesmo tempo em que os participantes jogam, o facilitador e o auxiliar devem movimentar-se pela quadra a fim de que a quadra se modifique a cada instante, ou seja, os jogadores, além de se movimentarem

pelo jogo, agora precisam estar atentos às mudanças físicas que a quadra vai sofrendo à medida que a corda vai sendo movimentada.

Pode-se aumentar a pontuação, fazendo com que a meta seja maior a cada jogo. Pode-se ainda, modificar as regras do voleibol, colocando-se regras do tipo, todos tem que tocar na bola, meninos e meninas tem que tocar na bola alternadamente, ou outras regras que permitam a participação de todos.

FONTE: Disponível em: <<http://escola.educacaofisicaa.com.br/2013/10/5-atividades-recreativas-para-o-voleibol.html#.WKrf6PnyvIU>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

VOLEIBOL COM BALÕES

Recursos: quadra ou pátio (manter a área livre); balões, rede de voleibol ou elástico ou cordão, aparelho de som.

Formação: dois grupos

Organização: solicitar ao grupo que se posicionem, cada um em uma área de jogo, separados pela rede. Cada participante de posse de um balão deverá enchê-lo.

Desenvolvimento: com o início da música, todos os participantes deverão passar o balão para o campo adversário, devolvendo os que passarem para o seu campo. A cada interrupção da música o monitor efetuará a contagem. No momento da interrupção o grupo que tiver menos balões em seu campo marca ponto.

FONTE: Disponível em: <<http://escola.educacaofisicaa.com.br/2013/10/5-atividades-recreativas-para-o-voleibol.html#.WKrf6PnyvIU>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

VOLEIBOL LENÇOL

Conteúdo: cooperação e trabalho coletivo.

Material: Lençóis e bola de voleibol ou outra bola disponível.

Organização: Amarre um elástico, cordinha ou rede a aproximadamente 1,80 cm de altura, de forma a dividir o espaço em dois lados iguais. Aproveite a ocasião para esclarecer sobre a altura oficial da rede de voleibol, que na categoria feminina possui 2,24 m de altura e no masculino 2,43 m. Separe a turma em quatro grupos, sendo que dois grupos ficarão em quadra e outros dois ficarão na reserva, para entrar em seguida. A escolha dos dois grupos iniciantes poderá ser feita pela sorte ou utilizando alguma dinâmica, da forma como você, professor, achar melhor. Os grupos da reserva podem observar o comportamento dos colegas e dialogar sobre as melhores maneiras de se organizarem neste jogo.

Desenvolvimento: Cada um dos grupos deverá segurar o lençol estendido, com a participação de todos os integrantes do grupo. A bola será lançada pelo grupo iniciante, através da organização coletiva, no intuito de arremessar a bola para o outro lado da quadra, como se fosse um saque. O grupo do outro lado deverá receber a bola com o lençol, sem deixá-la cair no chão, como acontece no voleibol. Se conseguirem receber a bola com o lençol, devem lançá-la de volta sempre por cima da rede ou corda, visando fazer com que a bola

toque o chão do lado oposto. Qualquer um dos dois grupos que não conseguir receber a bola e deixar com que a mesma toque seu lado da quadra, trocará de lugar com o grupo da reserva, e assim sucessivamente, os grupos irão trocando de lugar. Aqueles que forem conseguindo cooperar com os colegas e trabalhar em equipe para atingir o objetivo do jogo vão permanecendo em quadra.

FONTE: Disponível em: <<http://escola.educacaofisicaa.com.br/2013/10/5-atividades-recreativas-para-o-voleibol.html#.WKrf6PnyvIU>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

LEITURA COMPLEMENTAR

Voleibol Sentado

História

Uma alta dose de espírito de equipe, habilidade, estratégia e garra é necessária para a prática deste esporte, que é elegível para atletas de ambos os sexos portadores de deficiência física.

É um dos mais dinâmicos e divertidos esportes paralímpicos para o público. A altura da rede e o tamanho da quadra acabam por tornar a competição mais rápida do que o voleibol tradicional.

No Voleibol sentado, a quadra tem 10 m x 6 m e é dividida por uma rede a 1,15 m para homens, 1,05 m para mulheres.

Nos Jogos Paralímpicos Rio 2016™, as competições do Voleibol sentado aconteceram no Parque Olímpico do Rio – Hall 3, de 8 a 16 de setembro.

Dentro da quadra

Formados por seis atletas, o objetivo dos times é passar a bola por sobre a rede e fazê-la tocar o chão da quadra adversária. Para isto, os atletas devem sempre manter a pélvis encostada no chão.

A partida tem cinco *sets* e ganha o time que primeiro vencer três *sets*. É necessário atingir 25 pontos para ganhar o *set*, com, ao menos, dois pontos de vantagem.

No quinto *set*, é necessário atingir 15 pontos, com a mesma regra da diferença.

Rebobinando

Em 1956, o Comitê de Esportes da Holanda introduziu um novo jogo, chamado Voleibol sentado, uma combinação do *sitzball* – um jogo de origem alemã – e o voleibol.

As competições internacionais começaram em 1967 e, finalmente, em 1978 a Organização Internacional de Esportes para Deficientes (ISOD, na sigla em inglês) aceitou o voleibol sentado em seu programa.

Depois disso, o esporte aumentou em popularidade no mundo, o que culminou com a estreia nos Jogos Paralímpicos de Arnhem 1980. O evento feminino foi adicionado ao programa paralímpico em Atenas 2004.

Modalidade

A modalidade surgiu a partir da combinação entre o voleibol convencional e o sitzball, esporte alemão que não tem rede e que é praticado por pessoas com dificuldades para se locomover e que, por isso, jogam sentadas.

Até as Paraolimpíadas de Sidney, no ano 2000, o voleibol paraolímpico era dividido entre a categoria sentado e em pé. A partir de Atenas o esporte passou a existir apenas na categoria sentado.

Podem disputar a modalidade atletas amputados, paralisados cerebrais, lesionados na coluna vertebral e pessoas com outros tipos de deficiência locomotor. Entre o vôlei paraolímpico e o convencional há menos diferenças do que possa parecer. Basicamente, a quadra é menor do que a convencional (mede 6 m de largura por 10 m de comprimento, contra 18 m x 9 m) e a altura da rede também é menor, pois os jogadores competem sentados. Outra diferença consiste no fato de o saque poder ser bloqueado.

É permitido o contato das pernas de jogadores de um time com os jogadores do outro time. Porém, não se pode obstruir as condições de jogo do oponente. Um atacante pode “queimar” a linha de ataque caso sua bacia não toque até o atleta bater na bola. Somente se pode perder o contato com o chão para salvar bolas difíceis e, mesmo assim, por pouco tempo.

Cada jogo é decidido numa melhor de cinco *sets*. Vence cada *set* o time que marcar 25 pontos. Na rede há duas antenas e a arbitragem também é dividida entre juiz principal, segundo juiz e dois árbitros de linha. Assim como no vôlei convencional, os times são formados por 12 jogadores e entre eles há um capitão e um líbero, que pode entrar e sair do jogo sem a permissão dos árbitros e possui exclusiva função defensiva. Para cada jogada, as equipes podem dar, no máximo, três toques na bola.

O primeiro clube esportivo para deficientes foi inaugurado na Holanda no final de 1953. Athletics e Sitzball, originários da Alemanha, foram os primeiros esportes.

Logo em seguida foi percebido que o Sitzball, que é jogado sentado no chão, era muito passivo e eram necessários esportes mais movimentados.

Em 1956, o Comitê Alemão de Esportes apresentou um novo jogo chamado Voleibol Sentado, uma combinação do Sitzball e do voleibol. Desde então o voleibol sentado tornou-se um dos esportes mais praticados em competições, não só de deficientes na Holanda, mas também por competidores de voleibol não deficientes, mas com lesões no tornozelo e joelho.

Ocorreram competições internacionais desde 1967, mas apenas após 1978 a International Sports Organisation for the Disabled (ISOD) aceitou o voleibol sentado no seu programa. Na Paraolimpíada de Toronto, em 1976, o voleibol sentado teve jogos de exibição. Quatro anos depois, este importante esporte coletivo foi incluído no programa de competições dos Jogos Paraolímpicos de Arnheim - Holanda, com a participação de sete seleções.

O primeiro torneio internacional – sob o comando da ISOD – foi realizado em 1979 em Harlem (Holanda). Em 1980, este esporte foi aceito como um esporte paraolímpico com a participação de sete equipes. O desenvolvimento internacional pode ser considerado barulhento. Clínicas estão sendo organizadas por todo o mundo, campeonatos mundiais, europeus e ligas regionais são organizadas anualmente.

Desde 1993, ocorrem campeonatos mundiais da modalidade tanto no masculino como no feminino. Até os Jogos Paraolímpicos de Sydney-2000, o voleibol paraolímpico era dividido entre a categoria sentada e em pé. A partir de Atenas, só haverá disputas com atletas sentados, por decisão do Comitê Paraolímpico Internacional-IPC. Esta foi a primeira vez em que as mulheres participam da competição. No vôlei sentado, o Brasil nunca participou de uma Paraolimpíada.

Este se tornou um dos mais importantes esportes em equipe na Paraolimpíadas. Este é um esporte rápido, excitante e procurado por muitos, que pode mostrar as habilidades atléticas dos atletas deficientes.

O voleibol sentado tem o potencial de crescer como um esporte onde os deficientes e não deficientes podem participar com um alto nível técnico.

Regras oficiais do vôlei sentado

Competem seis atletas com deficiência física sentados na quadra podendo ser amputados, principalmente de membros inferiores, e pessoas com outros tipos de deficiência locomotora.

As dimensões da quadra são menores: 10 m x 6 m contra 18 m x 9 m na quadra do vôlei convencional.

A altura da rede também é inferior à modalidade convencional, tem 1.15 metro de altura do piso em sua parte superior no masculino e 1.05 metros para o feminino.

Na rede há duas antenas.

A quadra se divide em zonas de ataque e defesa e é permitido o contato das pernas de jogadores de um time com os do outro, porém não podem obstruir as condições de jogo do oponente.

O contato com o chão deve ser mantido em toda e qualquer ação, sendo permitido perder o contato somente nos deslocamentos, e para salvar bolas difíceis.

Cada equipe pode ter 12 jogadores inscritos, dos quais, 10 amputados e dois com outras lesões que, sob avaliação técnica, possam ser encaixados na classificação funcional.

Para cada jogada, as equipes podem dar, no máximo, três toques na bola.

O saque pode ser bloqueado.

A arbitragem é dividida entre juiz principal, segundo juiz e dois árbitros de linha.

As demais regras e dinâmica do jogo são semelhantes as do vôlei convencional.

Sistema de pontuação

Os pontos são obtidos seguindo as regras do vôlei olímpico, ou seja, o jogo é decidido numa melhor de cinco *sets*, vence cada *set* o time que marcar 25 pontos; o empate em 24 a 24, ganha a equipe que primeiro abrir dois pontos de vantagem; no *tie break*, vence o time que fizer 15 pontos; e se o *tie break* chegar em 14 a 14, uma das equipes tem de abrir dois pontos de vantagem para garantir a vitória.

Fundamentos técnicos do vôlei sentado

O vôlei sentado é uma atividade que exige grande grau de envolvimento, atenção e concentração, mas tem sido apontado como um esporte muito motivante para os praticantes. O método de ensino a ser desenvolvido deverá levar em consideração as diferenças motoras de cada atleta, valorizando o potencial individual de cada um, e estabelecendo táticas que consigam superar as dificuldades apresentadas pelos atletas decorrentes de suas deficiências. O vôlei sentado é uma atividade que demanda de seus praticantes a aplicação de gestos adequados. No jogo, o ato de defender, passar a bola e atacar são uma constante, por isto, nas programações de treinamentos estas ações devem ser enfatizadas.

Os objetivos que devem nortear a prática pedagógica desta modalidade devem ser organizados a partir do potencial que cada um possui, englobando o desenvolvimento do potencial sensorial e psicomotor, e da capacidade funcional e residual, buscando estimular a autonomia e a independência motora.

Os fundamentos técnicos desta atividade possuem algumas particularidades, são elas:

- Saque por baixo: é um tipo de saque que pode ser muito utilizado no vôlei sentado, pois dificulta o bloqueio, que como vimos, é permitido pela regra.
- A batida será dada pela palma da mão, por ser a parte mais forte e de maior área, proporcionando precisão e potência; todos os dedos deverão estar unidos, inclusive o polegar, o que deixará a mão firme.
- Pode-se também efetuar esse saque posicionando-se lateralmente na quadra.
- Saque por cima: para não ser bloqueado facilmente, deve ser realizado com muita precisão e velocidade, lançar a bola pouco acima da cabeça e bater direto no centro da bola.
- Toque de manchete: é usado mais comumente como o passe de recepção.
- No toque de manchete do vôlei tradicional, a impulsão da bola é ocasionada pela extensão das pernas, o que não é possível no vôlei sentado, já que a posição das pernas não permite tal movimento, sendo então, um fundamento pouco utilizado. Mas, nesse caso, o bom toque poderá ser obtido ficando os braços unidos, as mãos forçadas para baixo, fletindo levemente os cotovelos e os ombros para cima.
- Toque simples: assim como no vôlei tradicional, a bola deverá ser tocada com predominância pelos três dedos internos de cada mão, pelas partes internas. Os cotovelos deverão estar numa posição que permita os polegares estarem apontados um para o outro. O toque deverá ser realizado à frente do rosto, que estará levemente voltado para cima, posição que permite variação de direções, velocidade e precisão.
- Cortada: na cortada do vôlei sentado o movimento realizado geralmente é uma flexão de punho, já que os jogadores devem estar sentados e não podendo pular. Deve-se objetivar a observação pelo tato e visual do local da batida na bola. Lembrar que a palma da mão, para ficar firme, deverá estar com os dedos unidos (como no saque).
- Bloqueio: o time que está defendendo pode bloquear tanto o saque quanto as jogadas de ataque do adversário, para tanto, deve-se manter contato com o chão enquanto isso.
- Deslocamento: para se deslocar em quadra na posição sentada, o jogador deve apoiar as duas mãos no chão ao lado do quadril e com o calcanhar fixo no chão encolher as pernas e se deslocar para frente e para trás.

Algumas considerações

O material a ser utilizado no vôlei sentado, assim como no esporte tradicional é de fácil adaptação. Pode-se utilizar, por exemplo, bancos ou cordas no lugar das redes para divisão da quadra; fitas adesivas para demarcação da área de jogo; e também as bolas podem ser de vários tipos de material.

A falta de materiais oficiais não deve ser um fator limitador para a iniciação desta modalidade. A adaptação dos materiais necessários para a prática esportiva é um facilitador para o desenvolvimento desta atividade, além de ser mais uma oportunidade de permitir que as pessoas com deficiência física possam estar participando de novas atividades.

A escolha do espaço deve priorizar a segurança dos alunos. É importante que seja amplo e ausente de obstáculos que possam machucá-los, tais como buracos e farpas no piso da quadra. As quadras poliesportivas cobertas são as mais indicadas, mas qualquer outro espaço (pátio, gramado etc.) pode ser utilizado.

Após a escolha do espaço são imprescindíveis a sua delimitação e marcação. Para a marcação da quadra, pode-se usar barbante sob fitas adesivas, fitas de náilon utilizadas para marcação em quadras de areia, carpetes, tapetes ou outros tecidos.

No treino inicial das equipes, antes de utilizar as bolas oficiais, as atividades poderão ser realizadas com balões, bolas mais leves e por último a bola oficial.

A posição sentada permite que tanto as pessoas com deficiência quanto pessoas sem nenhum tipo de acometimento participem do jogo, desta forma esta atividade é mais uma modalidade que proporciona a oportunidade de testar as possibilidades corporais, prevenir doenças secundárias e fundamentalmente promover a inclusão social.

FONTE: Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637619>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- Na atualidade, aqueles que possuem algum tipo de deficiência tem seus direitos garantidos mesmo com a sua limitação. Adentram a vida social. Acessam o mercado de trabalho e criam condições de se inserirem na sociedade de maneira autônoma e sustentável.
- As possibilidades de inclusão no ambiente escolar são inúmeras.
- As possibilidades inclusivas se estendem para jogos e um conjunto de regras que aderem e absorvem a possibilidade de prática esportiva.
- Para Piaget (1973), o jogo oferece condições de a criança desenvolver todo o seu potencial criativo e assim desenvolver sua inteligência plena. A palavra jogo, do latim *incus*, quer dizer diversão, brincadeira.
- O Voleibol é um esporte rico em movimentos que podem beneficiar qualquer praticante no desenvolvimento de força, equilíbrio, coordenação, noção espaço-temporal e óculo-manual, entre outros, além de proporcionar divertimento, lazer, espírito de equipe, cooperação e integração.
- O Voleibol Sentado é um Desporto Paralímpico destinado às pessoas com deficiência física.



1 Em relação ao conceito adaptação na educação, assinale V para verdadeiro e F para falso sobre suas características:

- () A adaptação na educação é um conceito que abriga um caráter polissêmico e invade espaços da cultura e da linguagem.
- () É um processo que não pressupõe transformações coletivas, e nem esta embasada nos princípios fundamentais da sociedade.
- () A adaptação na educação engloba elementos de exclusão social.
- () A adaptação na educação se refere aos componentes necessários para se inserir ou conviver numa sociedade e suas condições.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) () V-F-V-V
- b) () V-F-F-F
- c) () F-V-F-V
- d) () V-F-F-V

2 Em relação à adaptação e inclusão, a atenção ao sujeito com algum tipo de deficiência tem sido tema recorrente na educação ao longo do tempo. Assinale a alternativa verdadeira:

- a) () Aqueles que possuem algum tipo de deficiência não tem seus direitos garantidos, mesmo com suas limitações.
- b) () Na Europa foram criadas as primeiras instituições totais para a educação de pessoas cegas e de pessoas surdas.
- c) () Na escola não aprendem a conviver no mesmo espaço pedagógico com professores.
- d) () Para que ocorra a inclusão no ambiente escolar é só o aluno ser matriculado, sem a necessidade de formação docente, política educacional e boa vontade dos atores envolvidos.

3 Em relação ao jogo e regras adaptadas no contexto escolar, analise as seguintes sentenças:

Afirmção 1: O jogo adaptado oferece condições de a criança desenvolver todo o seu potencial criativo e assim desenvolver sua inteligência plena.

Afirmção 2: O jogo adaptado possui um significado abrangente, pois reforça a motivação e possibilita a criação de novas ações e o sistema de regras.

- a) () A primeira é uma afirmação verdadeira e a segunda, falsa.
- b) () Ambas afirmações são falsas.
- c) () As duas são verdadeiras, mas não tem relação entre si.
- d) () As duas são verdadeiras e a segunda é complemento e justificativa da primeira.

4 (ENADE, 2009) A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão.

FONTE: Ropoli, E. A. et al. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: a escola como inclusiva. Brasília: Ministério da Educação [Fortaleza], Universidade Federal do Ceará, 2010.

Avalie as propostas a seguir, feitas por professores de Educação Física para um projeto de inclusão escolar e indique quais estão em consonância com o texto.

- I. Um torneio esportivo com equipes formadas apenas por estudantes com deficiências, para que os demais alunos possam assistir aos jogos e aprender a conhecer e a lidar com as pessoas com deficiência, contemplando ainda a participação dos gestores da escola, funcionários, pais e professores que trabalharão na organização do evento.
- II. Uma gincana com jogos motores com a participação de várias equipes compostas e mescladas por alunos com deficiências, alunos do ensino fundamental e médio, gestores da escola, professores, funcionários e a comunidade local.
- III. Atividade e equipes (membros de vários segmentos da comunidade escolar e alunos com deficiência), com o objetivo de verificar se a escola e o ambiente de seu entorno possuem barreiras arquitetônicas que dificultam a locomoção dos alunos com deficiência física na escola e a sua inserção e interação nas atividades motoras espontâneas de pátio.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) () I, apenas.
- b) () II, apenas.
- c) () I e III, apenas.
- d) () II e III, apenas.
- e) () I, II e III.

5 Descreva uma atividade em que podemos utilizar o conteúdo Voleibol e incluir um aluno com deficiência visual.



6 Cite cinco diferenças entre o Voleibol e o Voleibol Sentado.

7 O voleibol sentado surgiu da fusão de quais esportes?

8 Em que ano o voleibol sentado foi criado e em que ano passou a ser uma modalidade paralímpica?

REFERÊNCIAS

- ALVES, F.; ORTIGÃO, I.; FRANCO, C. Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. **Caderno de Pesquisa**. v. 37, n. 130. São Paulo. Jan./Apr. 2007.
- ANFILO, M. A. **A prática pedagógica do treinador da seleção brasileira masculina de voleibol**: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- ARANHA, M. S. F. Educação inclusiva: transformação social ou retórica? In: OMOTE, S. **Inclusão**: intenção e realidade. Marília, SP: Fundepe Publicações, 2004.
- ARAUJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualização. Brasília/DF: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.
- ATLAS DO DESPORTO NO BRASIL. Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil, 2005. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- BARROS SANTANA, A. 2008. Disponível em: <<http://adsonbarros.blogspot.com.br/2008/05/ttica-volei.html>>. Acesso em: 9 fev. 2017.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 179-94, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbef/v24n2/v24n2a03>> Acesso em: 9 fev. 2017.
- BETTI, M. **A Janela de Vidro**: Esporte, Televisão e Educação Física. Tese Doutorado em Educação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BIZZOCHI, C. **Voleibol**: da Iniciação ao alto nível. São Paulo: Manole, 2004.
- BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando Voleibol**. São Paulo: Phorte, 1999.
- BOJIKIAN, J. C. M.; BOJIKIAN, L. P. **Ensinando Voleibol**. 4. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Phorte, 2003.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais. 1ª a 4ª séries, v. 1. Introdução. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CBV. **Confederação Brasileira de Voleibol**. Disponível em: <<http://2017.cbv.com.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CBV. **Confederação Brasileira de Voleibol**. 2012. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/cobrav/regras.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CBV. **Confederação Brasileira de Voleibol**. 2014. Disponível em: <<http://2017.cbv.com.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CHAMPAGNAT, M. **Táticas básicas do Voleibol**. s.d. Disponível em: <<http://www.marcelinochampagnat.com.br/files/files/1508179331698taticasbasicasdovoleibol.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CHIAPPA, G. **Fisioterapia nas lesões do voleibol**. São Paulo: Robe, 2001.

DAOLIO, J. Educação física escolar: uma abordagem cultural. In: PICCOLO, V. L. N., org. **Educação física escolar: ser...ou não ter?** Campinas: UNICAMP, 1993.

DAOLIO, J. **Educação Física brasileira: Autores a atores da década de 1980**. Campinas: Papirus, 1998.

DARIDO, S. C. et al. Educação física: a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.15, n.1, p. 17-32, 2001.

DARIDO, S. C. Novas orientações para Educação Física escolar e a questão da cultura. Presente! **Revista de Educação CEAP**, Salvador, nº 53, p. 26-28, 2006.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1996.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do Jogo**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FONSECA, V. **Pais e filhos em interação: aprendizagem mediatizada no contexto familiar**. São Paulo: Salesiana, 2002.

FPV. **Federação Paulista de Volleyboll**. 2014. Disponível em: <<http://www.fpv.com.br/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GARGANTA, J. **Modelação tática do jogo de futebol**: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. 312 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Universidade do Porto: Porto, 1997.

GARGANTA, J. O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-ação. In: BARBANTI, V. J.; BENTO, J. O. ; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C. (Orgs.). **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e qualidade de vida. Barueri: Manole, 2002.

GRECO P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos**: aplicação no handebol. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 1995.

GRECO, P. J.; CHAGAS, M. H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 47-58, jul./dez.1992.

GUIMARÃES, G.; MATTA, P. Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. **Revista Educação Física** - Centro de Capacitação Física do exército – n. 128, 2004. Disponível em: <<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/2004/histdovoleibol.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MANTOAN, M. T. **A integração de pessoas com deficiência contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997.

MARCHI, W. J. **Sacando o Voleibol**: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de Campinas, 2001.

MARQUES JUNIOR, N. K. História do voleibol, parte 1. **Revista Digital efdeportes.com**, ano 17, n. 169, 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd169/historia-do-voleibol-parte-1.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

MARQUES JUNIOR, N. Seleção de testes para o jogador de voleibol. **Movimento Percepção**, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Win8/Desktop/MEIKE/Downloads/MP-2009-261.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

MARTINS ROSA, R. **Iniciação ao voleibol**: basta gostar para jogar. Monografia para grau de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Faculdade de Educação Física Campinas, 1995.

MASETTO Marcos T; BEHRENS, M. Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2000.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. IN: MORAN, José Manuel;

MASSA, M. **Seleção e promoção de talentos esportivos em voleibol masculino**: análise de aspectos cineantropométricos. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 1999.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 10, n. 2, p. 49-63, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/2262>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

MATTHLESEN, S. Q. Um estudo sobre o voleibol: em busca de elementos para sua compreensão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 15, n. 2, p. 194-199. Florianópolis: CBCE, 1994.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer e Qualidade de Vida**. Revista de Educação Física. Manaus, v. 2, n. 2, p. 3-19, jul./dez., 2011.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida**: Revista de Educação Física, v. 2, n. 2, p. 3-19, 2012. Disponível em: <<https://refisica.uea.emnuvens.com.br/refisica/article/view/16>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

MICHELS, M. H. Paradoxos da formação de professores para a educação especial: o currículo como expressão da reiteração do modelo médico-psicológico. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília: ABPEE. Agosto 2005, v. 11, n. 2, p. 255-272.

MIRANDA, N. **200 Jogos infantis**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1984.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010. Disponível <<http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

MUSSEN, P.H. **O desenvolvimento psicológico da criança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MV. **Manual da arbitragem**: Jogos escolares. 2014. Brasília: Ministério do Esporte, 2014.

NALLIN, C. G. F. **O papel dos Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas: FUCAMP, 2005.

NASCIMENTO, R. J. **Uso das tecnologias da informação e comunicação na formação de professores de Educação Física e desporto**. Tese de Doutorado em Ciências da Educação. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa, 2007.

NAVEIRAS, P. Bases para una articulación pedagógica-didáctica en la iniciación deportiva infantil. **Stadium**, Buenos Aires, ano 28, n. 166, p. 11-16, ago. 1994. Tradução livre.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: PRODIL, 1994.

OLIVEIRA, D. A. **Esportes coletivos como conteúdo nas aulas de educação física**. Trabalho de Educação Física pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília: UniCEUB, 2015.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PEDROSO, E.P.S. **A prática pedagógica do voleibol nas aulas de educação física: estudo de caso da Escola Estadual Reisalina Ferreira Tomaz**. Monografia Curso de Educação Física. Universidade de Brasília. Macapá: UNB/UNIFAP, 2010.

PIAGET, J. **Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIROLO, D. Minivoleibol. Um método simplificado e adaptado para as crianças. **III Semana Científica**, 1997. Disponível em: <http://esportes.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/275/mini-voleibol-um-metodo-simplificado.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2017.

QUADROS JÚNIOR, P. K.; QUADROS, T. M. B.; GORDIA, A. P. Proposta metodológica para o minivoleibol: uma estratégia para iniciação esportiva de crianças. **Revista Digital efdeportes.com**, ano12, n.110, p.1, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd110/proposta-metodologica-para-o-mini-voleibol.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

RIBEIRO, J. **Conhecendo o Voleibol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

RIBEIRO, S. M. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Educação da UNIMEP. Piracicaba, 2009.

RIDLEY, M. **Evolução**. Tradução de Henrique Ferreira; Luciane Passaglia; Rivo Fisher. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RIPKA, W. L. et al. Estudo comparativo da performance motora entre crianças praticantes e não praticantes de minivoleibol. **Fit Perf J**, v.8, n.6, p.412-416, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Luis_Mascarenhas3/publication/41091435_Estudo_comparativo_da_performance_motora_entre_crianças_praticantes_e_não-praticantes_de_minivoleibol/links/02e7e5307607bce044000000.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2017.

RIZOLA NETO, A. **Uma proposta de preparação para equipes jovens de voleibol feminino**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação Física da UNICAMP. São Paulo, 2003.

ROSA, Rodrigo MARTINS. **Iniciação ao voleibol: basta gostar para jogar**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física, 1995.

SANCHES, W. R. **Minivoleibol uma estratégia para iniciação no voleibol: métodos técnicos e práticos**. Monografia, Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Goioerê, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4491>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

SEPULVEDA, C.; MORTIMER E. F.; EL-HANI, C. N. Construção de um perfil conceitual de adaptação: implicações metodológicas para o programa de pesquisa sobre perfis conceituais e o ensino de evolução. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 18, p. 439-479. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

SILVA, J. C. et al. Estudo comparativo de ensino do voleibol entre a metodologia do minivolei e o voleibol convencional. **Journal of Exercise and Sport Sciences**, v.1, n.1, p.1, 2005.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p.6-12, 1996.

STANGANELLI, L. C. R.; DOURADO, A. C.; ONCKEN, P.; MANÇAN, S. Caracterização da intensidade e volume das sessões de treino de voleibolista de alto rendimento. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 7, n. 1, p. 06-14, 2006.

SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N. **Voleibol iniciação**. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1990.

TAFFAREL, C. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. 9. reimp. São Paulo: Cortez & Moraes, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEODURESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos.** Livros Horizonte. Lisboa: 1984

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal.** São Paulo: Manole, 1999.